

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

“VIDA E TRABALHO NA FLORESTA”

Uma análise da interação entre imigrantes e a floresta nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina durante a segunda metade do século XIX.

MANOEL P. R. TEIXEIRA DOS SANTOS

Orientador: Prof. Dr. João Klug

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História.

Florianópolis
Fevereiro de 2004.

*[...] Poucos homens têm a satisfação de repousar à
sombra de uma árvore que ele mesmo plantou.*

Friedrich von Weech

Agradecimentos:

Este espaço é reservado as pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização desta dissertação. Por isso, inicialmente, agradeço aos meus pais, Cleber e Beth, pelo apoio integral e incondicional. A Cristina, minha noiva, e aos meus irmãos João, Anamaria e Gabriela. Enfim, a todos nossos familiares e amigos.

Gostaria de deixar um agradecimento especial a quem devo os méritos deste trabalho, meu professor orientador e grande amigo, João Klug.

Agradeço também a Profa. Eunice Nodari, minha sempre atenciosa co-orientadora. Ao Prof. Paulo Pinheiro Machado, por novamente ter aceitado nosso convite para banca. Ao Jó Klanovics e ao Marcos Melo, amigos e colegas neste curso. Ao Gustavo Marangoni, parceiro nas pesquisas de campo, assim como a todo grupo do Laboratório de Imigração: Márcio, Prof. Valberto Dirksen, Daniel, Mariana, Cristiane, Susana, Cristina, Evandro, Ely, Murielle, etc.

Aproveito para agradecer a todas bibliotecas e arquivos consultados neste trabalho. Agradeço em especial ao Arquivo José Ferreira da Silva de Blumenau e sua Diretora, Profa. Sueli Petry, pelos importantes auxílios.

A CAPES, pelo financiamento que possibilitou esta pesquisa.

Por fim, quero agradecer a tranqüilidade e a beleza de Sambaqui, lugar onde escrevo e vivo feliz.

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo analisar e refletir sobre a interação entre os imigrantes e a floresta nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina durante a segunda metade do século XIX. A fundação de colônias em florestas consideradas desabitadas tornou-se uma das grandes marcas da colonização do sul do país. Este contexto foi decisivo na formação do modo de vida dos colonos, e é neste aspecto que concentramos nossa pesquisa. Destacamos que o meio ambiente vem surgindo como um novo campo de estudo historiográfico, e a compreensão desta interface entre o imigrante e o meio natural é um exemplo disso. Para realização desta pesquisa, procuramos nos apoiar em disciplinas como a História ambiental e a História da agricultura. Através dos mais variados depoimentos, buscamos compreender como os imigrantes percebiam a floresta e de que forma esta visão vai alterando-se ao longo dos anos. A vida nas colônias é marcada pela mescla entre a bagagem cultural trazida da Europa e as novidades do novo meio. A pequena propriedade rural é analisada como o centro das atividades coloniais. É através das práticas rurais que ocorrem algumas das mais significativas formas de interação entre o colono e o meio natural. A atividade agrícola adotada pelos colonos é marcada por novas influências, sejam elas culturais, climáticas ou geográficas, e que determinam por muito tempo o que e como eram plantadas as culturas agrícolas. A produção historiográfica relacionada com a imigração em Santa Catarina geralmente omite as informações relacionadas a esta temática. É, portanto, nesta lacuna que procuramos desenvolver esta pesquisa.

Palavras chave: Imigração – Floresta – Interação – Práticas rurais

ABSTRACT

This work intends to analyze and to ponder on the interaction between the immigrants and the forest in the colonies of Itajaí Valley and north of Santa Catarina State during the second half of the 19th century. The establishment of colonies in forests considered uninhabited was quite remarkable in the course of the colonization of southern Brazil. This context was decisive in the development of the way of life of the colonists, and we have focused our research on this aspect. We pointed out that the environment has been appearing as a new historiographical research line, and the understanding of this interface between immigrants and the environment is an example of this. To do this research, we have concentrated our attention in disciplines like Environmental History and History of Agriculture. Through several statements, we have tried to understand how the immigrants used to perceive the forest and by what means this view used to change through the years. The association of the cultural background brought from Europe and the novelties of the new place marks the life in the colonies. Small rural property is analyzed as the center of the colonial activities. Some of the most significant interactions between colonists and the environment take place through rural practices. The agricultural activities adopted by the colonists are marked by new influences, be it cultural, climatic or geographic, and determine for a long time what and how were planted the agricultural cultures. The historiographical production related to the immigration in Santa Catarina State usually omits information on this subject. Therefore, we intend to develop our research in this gap.

Keywords: Immigration - Forest - Interaction - Rural Practices

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I – A DECISÃO DE EMIGRAR	20
1.1 Os Relatos de Viajantes	23
1.2 Guia do Dr. Blumenau	41
1.3 Enviando notícias	51
CAPÍTULO III – O IMIGRANTE E A FLORESTA	67
2.1 Viajantes, Imigrantes e suas impressões sobre a floresta de Santa Catarina	68
2.2 Vida e Trabalho na floresta subtropical atlântica	84
CAPÍTULO IV - VIDA RURAL	104
3.1 A pequena propriedade colonial e suas práticas rurais	104
3.2 Agricultura e criação de animais: alguns dados estatísticos	116
3.3 Associações Agrícolas e Exposições Coloniais em Santa Catarina	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
LISTA DE IMAGENS	165
LISTA DE GRÁFICOS	167
BIBLIOGRAFIA	173
FONTES	180

INTRODUÇÃO

A fundação de uma colônia de imigrantes suíços na serra fluminense em 1818 tornou-se um marco para o processo imigratório no Brasil. Após esta, denominada Nova Friburgo, várias outras colônias foram fundadas no país. Com a independência brasileira em 1822, o governo imperial procurou estimular a imigração, o que resultou na implantação de colônias como São Leopoldo (1824) no Rio grande do Sul e São Pedro de Alcântara (1829) em Santa Catarina. Esta política de colonização é interrompida em 1830 antes da abdicação de Dom Pedro I, com uma derrota imposta pela elite política do país ao Imperador. Esta interrupção prolongou-se até a o final da década de 1840, quando se inicia uma virada neste processo.

O movimento imigratório no Brasil teve a partir da segunda metade do século XIX, uma nova fase. No que se refere às colônias de imigrantes, esta transformação foi estimulada pela publicação da chamada Lei de Terras. Através desta, a partir de 1850 o título de propriedade só poderia ser adquirido através da compra e não mais pela cedência de terras. Neste contexto, são fundadas por iniciativas particulares diversas colônias agrícolas no sul do Brasil. Na década de 1850, as principais iniciativas práticas do governo imperial para o estímulo da emigração foram às concessões de empréstimos aos empreendedores particulares. Já a década seguinte, o governo imperial volta a ser responsável e proprietário de empreendimentos coloniais. Desta forma, a colonização da segunda metade dos oitocentos caracterizou-se pela fundação de colônias particulares e imperiais.

Em Santa Catarina, as regiões de florestas fechadas, consideradas desabitadas, abrigaram as diversas colônias de imigrantes europeus fundadas ao longo do século XIX. A

mata tornava-se o “novo lar” dos colonos estabelecidos na então província. Viver nestas colônias significava, especialmente nos primeiros anos, viver na floresta. Isto foi determinante para que o modo de vida destes colonos fosse marcado por um longo processo de interação com a floresta.

Neste trabalho, procuramos analisar esta interação entre imigrantes e a floresta nas colônias fundadas no vale do Itajaí e norte de Santa Catarina¹ durante a segunda metade do século XIX. De forma mais específica, concentramos nossas atenções em três importantes colônias: Blumenau², fundada em 1850 pelo Dr. Hermann Blumenau e transformada em colônia imperial em 1860; Dona Francisca³, atual município de Joinville, uma colônia particular fundada em 1851; e Brusque⁴, colônia imperial fundada em 1860, inicialmente denominada colônia Itajaí.⁵

Ressaltamos que o meio ambiente vem surgindo como um novo campo de pesquisa historiográfica, e a interface entre imigração e o meio natural apresenta-se como mais um caminho para compreensão de outros aspectos da vida nas colônias. A produção historiográfica relacionada com a imigração em Santa Catarina geralmente omite as

¹ Sobre a colonização em Santa Catarina ler: PIAZZA, Walter Fernando. *A colonização em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1994.

² Sobre História da Colônia Blumenau ler: SILVA, José Ferreira da. *História de Blumenau*. Florianópolis: Edeme, 1972. / THEIS, Ivo M., MATTEDI, Marcos Antônio e TOMIO, Fabrício Ricardo de Limas Tomio (Orgs.). *Nosso passado incomum: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia em Blumenau*. Blumenau: Editora da FURB, 2000. / DEEKE, José. *O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento*. Blumenau: Nova letra, 1995./ *Centenário de Blumenau 1850 - 2 de setembro - 1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950.

³ Sobre História da Colônia Dona Francisca ler: FICKER, Carlos. *História de Joinville: Crônicas da Colônia Dona Francisca*. Joinville: Tupy, 1965 /HERKENHOFF, Elly. ***Era uma vez um simples caminho***. Joinville: Fundação Cultural de Joinville, 1987. / Álbum Histórico do Centenário de Joinville: 1851-9 de março - 1951. Curitiba: Gráfica Mundial [s.n.], 1951.

⁴ Sobre a História da Colônia Brusque ler: SEYFERTH, Giralda. *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Ed. Movimento/SAB, 1974. / CABRAL, Oswaldo Rodrigues. ***Brusque: subsídios para a história de uma colônia nos tempos no Império***. Brusque: Sociedade amigos de Brusque, 1960./ *Álbum do Primeiro Centenário de Brusque*. Edição da Sociedade Amigos de Brusque, 1860.

⁵ Também às margens do rio Itajaí Mirim, foi fundada em 1867 a colônia Príncipe Dom Pedro. Entretanto, dois anos depois, sua administração foi anexada à diretoria da Colônia Itajaí (Brusque).

informações relacionadas a esta temática. É, portanto, nesta lacuna que procuramos desenvolver esta pesquisa.

Este estudo da interação entre imigrantes e o meio natural teve como ponto de partida uma importante investigação teórica. Nossa busca possibilitou a aproximação de obras e autores com métodos e visões diferentes sobre a forma de compreendermos a relação homem e floresta. Sendo assim, podemos afirmar que a metodologia empregada neste trabalho não segue uma “cartilha”, ou seja, ela não procura seguir apenas um referencial teórico-metodológico adotando-o como dogma. A pesquisa é influenciada por um conjunto diversificado de obras e autores que contribuem para o melhor uso das fontes disponíveis.

O estudo da história destas colônias através deste novo enfoque possibilita uma aproximação com uma linha historiográfica ainda pouco desenvolvida no Brasil, a história ambiental. A influência teórica da história ambiental se evidenciará em diversos momentos deste trabalho. Entretanto, esta não é uma pesquisa que permanecerá “na copa das árvores”. Seu objetivo é compreender a forma de utilização de alguns recursos naturais pelo imigrante, em especial o aproveitamento da terra através de seus cultivos, tratos culturais e criações.

Historiadores como Donald Worster, José Augusto Drumond e Warren Dean são alguns exemplos de historiadores ambientais que estão influenciando de alguma forma esta pesquisa. No entanto, não estamos simplesmente adotando suas propostas, visto que temos restrições a alguns métodos utilizados por estes historiadores.

As origens da história ambiental coincidem com o avanço do movimento ambientalista da década de 1970, e talvez, esteja aí um de seus principais problemas. Warren Dean é um exemplo de historiador que utilizou o ambiente natural como objeto de

pesquisa. Em *A Ferro e Fogo*⁶ escreveu uma História do Brasil através da história da destruição da Floresta Atlântica, remontando a um período anterior a chegada dos primeiros europeus até a década de 1990. Dean argumenta: “Esta história da Mata Atlântica não é uma história natural; ou seja, não é uma explicação das criaturas da Floresta e das relações que estas mantêm entre si. É antes, um estudo da relação entre a floresta e o homem. A percepção de muitas das fontes históricas, sem dúvida ofuscaram em diversos pontos muitas interações importantes entre o homem e seu ambiente natural”.⁷ Esta definição do objeto de pesquisa, proposta por Dean, aparece como importante referencial para esta dissertação. Entretanto, Warren Dean conduz seu trabalho a partir da perspectiva ecocêntrica, quando aborda a destruição da floresta.

O geógrafo norte americano Cristian Branstrom⁸, adepto da história ambiental, apresenta uma divisão desta disciplina em dois grupos: os ecocêntricos e os antropocêntricos. Os primeiros seriam os que, assim como Warren Dean, desenvolvem suas pesquisas para explicar de que forma o homem atuou na destruição do ambiente natural. Toda intervenção humana é vista como negativa, anti-ecológica. Enquanto os antropocêntricos, grupo no qual se identifica, conduzem seus trabalhos através da idéia de utilização dos recursos naturais pelo homem. Para este grupo, o trabalho está em primeiro lugar e sua atenção concentra-se nas modificações no meio ambiente.

Com o desenvolvimento destas leituras, tornou-se clara nossa maior identificação com esta forma antropocêntrica de perceber a história ambiental.

⁶ DEAN, Warren. *A Ferro e Fogo, a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

⁷ Idem: p.28.

⁸ Cristian Branstrom, foi professor na Universidade de Londres, atualmente realiza uma pesquisa sobre a indústria madeireira (1920-1960) na cidade de Assis-SP. Em abril de 2002, ministrou duas aulas no programa Pós-Graduação em História da UFSC nas disciplinas *Seminário de Pesquisa e Migrações e construções sócio culturais*.

Donald Worster, um importante historiador ambiental norte-americano, entre seus diversos trabalhos publicou um artigo intitulado “Para fazer história ambiental”⁹. Neste texto estão expostas suas idéias e conceitos sobre esta disciplina. Em termos simples e abrangentes, Worster define como função da história ambiental, tratar do papel e do lugar da natureza na vida humana. Apesar de também apresentar-se como um texto de grande importância para pesquisa, seus métodos entram em choque com algumas idéias que adotamos para esta pesquisa. Para Worster, o historiador ambiental precisa dominar conceitos de geologia, por exemplo, recuando sua análise ao Pleistoceno, o Siluriano, o Pré-Cambriano, além de entender da química dos solos e principalmente de ecologia. Acredito que para fazer história ambiental não é necessário mergulhar tão profundamente nessas disciplinas, o que seria impossível. Entendo que o historiador que estuda este envolvimento entre o homem e o meio natural já está fazendo história ambiental. A influência de outras áreas de conhecimento pode ser muito útil à pesquisa, mas, sem a obrigatoriedade de dominar conceitos e o jargão próprio destas ciências.

Entre os historiadores brasileiros que desenvolvem pesquisas na história ambiental está José Augusto Drumond. Em sua tese de doutorado, Drumond procurou destacar as transformações ocorridas na Mata Atlântica do Estado do Rio de Janeiro, fazendo uma análise de longa duração. Além de tratar da destruição da mata por indígenas e pela população de origem européia ao longo do tempo, procurou entender a transformação desta floresta em objeto de proteção. Esta modificação dá origem, no final da década de 1930, às unidades de proteção da Mata Atlântica da região. Em 1991, publicou um artigo chamado

⁹ WORSTER, Donald. *Para Fazer História Ambiental*. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, vol. 8, 1991/2. p199-215

“A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa”,¹⁰ onde deixa claro alguns de seus conceitos. Drumond destaca a importância dos relatos de viajantes e naturalistas como fonte de pesquisa para história ambiental. Estes textos, de modo geral, estão recheados de descrições detalhadas sobre o meio natural da localidade visitada. Assim como este historiador sugere, a presente pesquisa utilizará, e muito, este tipo de fonte.

*O homem e o Mundo Natural*¹¹ de Keith Thomas é mais um trabalho de pesquisa que destaca a relação entre o homem e a floresta e que contribui para o desenvolvimento desta dissertação. O autor analisa diversos aspectos deste envolvimento: o domínio do homem sobre a natureza, a companhia dos animais domésticos, a aproximação com árvores e flores e o dilema humano de escolher entre a cidade ou o campo.

É notório que a temática ambiental vem se apresentando como importante campo de pesquisa para a História. Ao lidar com as questões relativas à imigração, nos deparamos com a interface entre o imigrante e o meio natural que passa a ocupar, interface esta que se reveste de significativa importância para a compreensão da vida nas colônias. Keith Thomas, refletiu sobre a relevância deste tema para os historiadores:

O predomínio do Homem sobre o mundo animal e vegetal foi e é, afinal de contas, uma precondição básica da história humana. A forma com que ele racionalizou e questionou tal predomínio constitui um tema vasto e inquietante, que nos últimos anos recebeu bastante atenção por parte dos filósofos, teólogos, geógrafos e críticos literários. O assunto tem igualmente muito a oferecer aos historiadores, pois é impossível desemaranhar o que as

¹⁰ DRUMOND, JOSÉ AUGUSTO. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, vol. 8, 1991/2.

¹¹ THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

peças pensavam no passado sobre as plantas e animais daquilo que elas pensavam sobre si mesmas.¹²

Nesta busca por um suporte teórico metodológico, além da História Ambiental, este trabalho procurou aproximar-se do que Ciro Flamarion Cardoso define como História da Agricultura *strictu sensu*. Segundo ele, esta seria “uma pesquisa ampla que tratar-se-ia de um aspecto da História das Ciências e das Técnicas, ocupando-se dos métodos, instrumental e organização da agricultura; de saber quais eram exatamente as plantas cultivadas e os animais criados em determinado período e lugar, e como; se os conhecimentos sobre agricultura eram apenas empíricos ou estavam sistematizados, etc. Este tipo de História da Agricultura normalmente tem como sistema de referência o eixo: meio ambiente / superfície cultivada e tecnologia agrícola (no sentido mais amplo deste termo) / população”.¹³

Nesta pesquisa, procuramos entender a relação entre os imigrantes e a floresta a partir de suas práticas rurais, desta maneira preocupamo-nos em reconhecer as técnicas agrícolas, a instrução e organização dos agricultores, as espécies de plantas cultivadas, os animais criados, e esta relação entre meio ambiente e superfície cultivada.

No entanto, embora esta apresentação inicial aproxime-se de nossa proposta, seu restante nos inibe de definirmos esta pesquisa como tal. O próprio Ciro F. Cardoso nos previne desta confusão. Para ele, neste modelo de História da Agricultura, “se requerem conhecimentos das chamadas ‘ciências da terra’ (Geologia, Geografia física, Meteorologia, etc.), de Demografia, de Ecologia, de Agronomia, que o historiador, na maioria dos casos não adquire em sua formação. Isto explica que a maior parte dos estudos históricos

¹²Idem: p.19.

¹³ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Agricultura, Escravidão e Capitalismo*. Petrópolis; Editora Vozes, 1979. p.15

disponíveis em nosso campo não se refira a História da Agricultura *strictu sensu*, embora possam incorporar alguns dos seus aspectos – em forma às vezes superficial – a estudos cuja ênfase é outra”.¹⁴

Portanto, para este trabalho, nossa aproximação com esta linha historiográfica procurou justamente incorporar alguns de seus aspectos mais significativos.

Um exemplo disso é a preocupação em aproximar o entendimento da agricultura com o do meio ambiente. Ciro F. Cardoso, destaca que “na prática, os historiadores da agricultura utilizam pouco o enfoque ecológico. O mais freqüente é que nos trabalhos históricos, o meio ambiente apareça em vaga e insuficientemente apresentando uma ‘introdução geográfica’ que decompõe o conjunto de ‘fatores’ sucessivamente abordados (o clima, o solo, a hidrografia, a biogeografia, etc.), sem que intervenha em algum momento uma verdadeira síntese”.¹⁵

Enfim, com uma aproximação seletiva destas obras citadas, torna-se possível o desenvolvimento desta pesquisa a partir daquilo que julgamos como bom suporte técnico. Para alguns pode parecer estranho a utilização de textos de autores relativamente antagônicos, entretanto, consideramos de suma importância esta mescla de diferentes aproximações do objeto em foco.

Para realização deste trabalho, utilizamos como suporte empírico uma grande variedade de fontes. Além de uma vasta bibliografia sobre a história das colônias aqui analisadas, entre as quais incluímos obras, guias, manuais e artigos escritos e publicados durante o século XIX e que podem ser lidos e analisados como fontes primárias, utilizamos

¹⁴ Idem, p.15.

¹⁵ Idem, p.21.

relatórios coloniais, provinciais e ministeriais e depoimentos pessoais como cartas de colonos e relatos de viajantes.

Entre as obras-documento aqui analisadas, destacamos algumas publicações do Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, fundador, proprietário (de 1850 – 1860) e diretor da colônia Blumenau (1850-1880). Em 1999, em razão do centenário de morte do Dr. Blumenau e como parte das comemorações dos 150 anos de fundação de Blumenau (festejado em 2000), foi publicado o livro **Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil**. Esta obra conta com a tradução de dois textos escritos por Hermann Blumenau durante a criação de sua colônia e que descrevem o sul do Brasil e suas possibilidades para emigração. O primeiro deles é o livro *Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã*, publicado na Alemanha em 1850, procura descrever detalhadamente a região, considerando o relevo, a vegetação, o clima, etc. Posteriormente, publicou em 1851 o chamado *Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil* como uma espécie de manual de orientação para os interessados em emigrar, indicando, entre outras coisas, as profissões que obteriam sucesso ou fracasso e o que deveria ser trazido da Europa pelos interessados. Desta forma, esta obra aparece como um riquíssimo material para o estudo deste envolvimento entre o colono agricultor e o seu “novo ambiente”.

A revista **Blumenau em Cadernos**, em circulação desde 1957, tornou-se uma das principais aliadas nesta pesquisa. Em seus diversos volumes conta com uma grande variedade de artigos e a transcrição de documentos originais de enorme valia. Correspondências pessoais ou oficiais, relatórios, relatos de viajantes, etc., são alguns exemplos deste acervo.

Os relatórios coloniais aparecem nesta pesquisa como outro importante instrumento de investigação histórica. Recentemente, foi traduzida do alemão gótico para a língua portuguesa uma coleção com trinta e nove relatórios da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849, contendo importantes informações sobre o cotidiano rural da colônia Dona Francisca. Este material encontra-se disponível no Arquivo Histórico de Joinville e foi extremamente útil a esta pesquisa. No caso da colônia Blumenau, o acesso a alguns de seus relatórios anuais se deu através do acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva em Blumenau ou por suas publicações em exemplares antigos da revista **Blumenau em Cadernos**.

Além dos relatórios coloniais, estão disponíveis, através da página da Universidade de Chicago na internet, os **Relatórios de Presidente da Província de Santa Catarina** e os **Relatórios do Ministério da Agricultura**. Esta espécie de documento representa a “voz oficial” em relação a estas colônias e suas informações levam em consideração, entre outros aspectos, dados estatísticos sobre produção agrícola, criação de animais, exportação, auxílios econômicos, etc., formando um grupo de informações muito úteis para este trabalho.

Os relatos de viajantes apresentaram-se como uma das principais fontes para esta pesquisa, pois, permitem uma aproximação com o modo de vida rural destes colonos e destacando, por vezes, aspectos pouco relevantes aos relatórios oficiais. Robert Avellemant, Johann Jakob von Tschudi, Hugo Zoeller e Wilhelm Lacmann são alguns dos viajantes que estiveram nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina durante a segunda metade do século XIX e que apresentaram através de seus relatos de viagem suas observações sobre a vida dos colonos na floresta.

Esta documentação é composta por informações explícitas, ou seja, suas descrições narrativas, e as implícitas, onde se encontram suas opiniões e pontos de vista. Segundo Miriam Moreira Leite, nestas obras, “a percepção das condições de vida social do local visitado tende a aglutinar-se às demais informações e observações sobre a natureza e o trabalho, até chegar a uma apresentação global das condições de vida da população visitada. [...] Os relatos de viajantes podem fornecer as primeiras pistas para estudiosos, levando questões que mais tarde mereceriam outras investigações mais longas e cuidadosas”.¹⁶

Para utilização desta documentação devemos, inicialmente, levar em consideração a validade das informações apresentadas. Embora, tanto a presença quanto ausência de informações que procuramos, são revelações que devemos considerar, pois, denunciam o modo de pensar de quem as pronunciam ou não.¹⁷

Outro passo importante para análise da literatura de viagem é o cruzamento destas informações com outras fontes, inclusive com outros relatos. Reforça a relevância desta documentação a noção de que “a literatura de viagem do século XIX como um todo, raramente perdeu seu caráter de testemunho de uma experiência vivida - condição essencial das fontes primárias”.¹⁸

Apesar das vantagens já destacadas, a literatura de viagem também possui algumas limitações importantes. Uma delas, e talvez a mais complexa, diz respeito as origens do autor. “Para melhor compreender as observações dos viajantes, seria necessário verificar

¹⁶ LEITE, Miriam Moreira. *A condição Feminina no Rio de Janeiro: séc. XIX*. São Paulo: Hucitec/Ed USP. 1993. p.18/176.

¹⁷ Idem, 177/199

¹⁸ Idem, p.176/177

também quais os costumes e valores do país que provinham, quais os preconceitos que traziam consigo”.¹⁹

Outro aspecto a ser destacado está relacionado às motivações e intenções de quem escreve os relatos de viagem. No movimento imigratório do século XIX, estas obras atuavam como veículos de divulgação de informações sobre as condições para os futuros imigrantes europeus no Brasil. Por esta razão, diversas obras foram encomendadas pelo governo brasileiro sob a condição de apenas retratarem aspectos positivos do país. Em outros casos, as visitas possibilitavam o estreitamento dos laços de amizade com proprietários de colônias ou mesmo com os próprios imigrantes, o que por vezes transformava estas obras em espaço para reivindicações ou mesmo em livros publicitários.

No entanto, deve-se ter noção de que este tipo de interferência não exclui a importância da obra. Nestes casos, a aplicação da análise das informações implícitas torna-se extremamente rica.

Miriam Moreira Leite ressalta que “com todas restrições que lhes foram feitas, os viajantes continuam a ser utilizados por historiadores, sociólogos e antropólogos, ao estudar aspectos e períodos para os quais não foram descobertas outras fontes. Na verdade apesar dos estereótipos introduzidos e do prosaísmo cientificista, o viajante escritor permitiu, uma possibilidade, ainda que imperfeita, de autoconhecimento”.²⁰

Enfim, apresentamos aqui as principais fontes utilizadas nesta pesquisa. Quanto a sua estrutura, esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro apresentamos uma reflexão sobre as formas de divulgação na Europa da vida nas colônias de imigrantes, dando ênfase às maneiras como o meio natural era apresentado em relatos de viajantes,

¹⁹ Idem, 201.

²⁰ Idem, 31

cartas de colonos, guias e manuais elaborados para os interessados em emigrar para o sul do Brasil. Desta forma, procuramos compreender o papel destas publicações no movimento emigratório europeu no século XIX.

No segundo capítulo, buscamos analisar as formas como imigrantes e viajantes percebiam e observavam a floresta a sua volta, procurando compreender a floresta como o “novo lar” das famílias de imigrantes que nela estabeleceram-se. “A mata” passa a ser analisada como um elemento maior, considerando os animais selvagens, a população indígena nativa, a vegetação e os diversos recursos naturais como parte integrante deste conjunto. A chegada ao “novo ambiente” foi certamente um dos momentos mais difíceis para os primeiros colonos que se instalaram nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina. O afastamento de uma vida no continente europeu, mesmo que de forma miserável em alguns casos, modificou completamente o modo de vida daqueles que para estas colônias emigraram. O clima, as enchentes, a floresta fechada com seus animais selvagens foram alguns dos sérios problemas enfrentados. A partir deste capítulo, passamos a analisar também um assunto comumente omitido pelos documentos e obras sobre imigração em Santa Catarina, a influência dos caboclos no modo de vida dos colonos.

No terceiro e último capítulo, nossas atenções estiveram concentradas nas práticas rurais imigrantes e suas formas de interação com a floresta. A estrutura das propriedades rurais, as formas de utilização da terra, a produção agrícola e a criação de animais são alguns dos assuntos destacados neste trecho do trabalho. E finalmente, procuramos analisar e refletir sobre a criação de sociedades de cultura e a promoção de exposições agrícolas coloniais, provinciais, nacionais e universais e seus papéis na instrução e auxílio ao trabalho rural dos imigrantes nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina durante a segunda metade do século XIX.

CAPÍTULO I

A DECISÃO DE EMIGRAR

Durante o século XIX, milhares de europeus emigraram para o Brasil, Canadá, Argentina, Austrália e principalmente para os Estados Unidos da América. Esses países incentivavam a imigração e tornavam-se pólos de atração para aqueles europeus insatisfeitos com suas condições de vida. Segundo Débora Bendocchi Alves, “sempre que ocorrem migrações observa-se, de um lado, um pólo de atração e, de outro, um de expulsão. Num país onde não há descontentes, a propaganda emigratória não surte nenhum efeito. Os Estados Alemães juntamente com a Irlanda e mais tarde a Itália foram, a partir da segunda metade do século XVIII, os chamados pólos de expulsão.”²¹

Entre 1815 e 1920, em torno de 60 milhões de pessoas emigraram da Europa. A situação no “Velho Continente” era crítica neste período, a fome e desemprego se faziam presentes. “São os pobres que emigram, e emigram quando sua vida tradicional se torna difícil ou quase impossível, juntam então seus últimos recursos vendem seus trastes e partem em busca de um lugar onde supõem encontrar melhores condições de vida”.²²

Entre as principais razões para escolha pela emigração estava o grave problema demográfico que gerava um grande aumento populacional. Com o crescimento das famílias de agricultores, as suas terras iam sendo fragmentadas. Com isso, as pequenas propriedades tornavam-se minúsculas. As dificuldades aumentavam para alguns, em regiões onde apenas

²¹ ALVES, Débora Bendocchi. In: Weeck. p.6

²² CUNHA, Jorge Luiz da. *Alemães emigrantes: as causas*. In: JOCHEM, Toni Vidal (org.). **São Pedro de Alcântara 1829-1999, Aspectos de sua História**. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999. p.17-18.

o filho mais velho ou mais novo ficava com a propriedade. Neste caso os demais deveriam sair para trabalhar de agregados, diaristas ou “morar de favor”. Neste contexto restava escolher entre se sujeitar a esta situação ou emigrar para novos países.²³

Outro fator de “expulsão” encontra-se no crescente processo de industrialização. Em território alemão, origem da maior parte dos colonos aqui estudados, a industrialização se deu de forma tardia, iniciando entre 1820 e 1830, e gerando uma acelerada urbanização. A atividade agrícola envolvia cerca de 80% da população em 1820, enquanto que em 1870 este percentual caiu para 49%. As cidades cresciam com grande rapidez. Berlim, por exemplo, tinha menos de 200 mil habitantes em 1800 e 70 anos depois já contava com quase 1 milhão²⁴. Com a abertura comercial após o bloqueio napoleônico (1806-1813), produtos ingleses passam a ser comercializados nos Estados Alemães causando desemprego e a desgraça do artesanato. As inovações tecnológicas na indústria têxtil, como o tear mecânico movido a vapor, faziam crescer o desemprego. As reformas tributárias feitas por August Hardenberg (1750-1820) também provocaram insatisfação e pobreza entre os alemães²⁵.

O Brasil recebeu entre 100.000 e 200.000 alemães²⁶, e neste processo Santa Catarina se destacou com a fundação de várias colônias, entre elas, destacamos Blumenau, Brusque e Dona Francisca. No processo de atração de emigrantes para o Brasil, a divulgação de informações positivas sobre o país era fundamental na estratégia de convencimento dos interessados em emigrar. Neste contexto, aparecem os agentes enviados

²³ KLUG, João. *As razões da Imigração*. In: JOCHEM, Toni Vidal (org.). **São Pedro de Alcântara 1829 - 1999, Aspectos de sua História**. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999. p.30.

²⁴ CUNHA, Jorge Luiz da. *Alemães emigrantes: as causas*. In: JOCHEM, Toni Vidal (org.). **São Pedro de Alcântara 1829-1999, Aspectos de sua História**. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999. p.17-18.

²⁵ ALVES, Débora Bendocchi e JOCHEM, Toni Vidal. **São Pedro de Alcântara, 170 anos depois 1829 - 1999**. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999. p.15.

²⁶ KLUG, João. Op. Cit. p.30.

pelo governo brasileiro ou por companhias colonizadoras, e que prometiam grandes vantagens na “Nova Terra”, das quais muitas jamais seriam cumpridas. Estes sujeitos não eram vistos com bons olhos por boa parte das autoridades européias, pois eram considerados verdadeiros “vendedores de almas”.

Aos emigrantes do século XIX, alguns dos contratos entre uma vida européia, mesmo da forma mais humilde, com a vida nas colônias do sul do Brasil poderiam ser percebidos muito antes da partida.

As informações recebidas pelos interessados em emigrar surgiam das mais variadas fontes. Folhetos publicitários, relatos de viajantes, cartas de parentes emigrados ou mesmo advertências públicas, tinham grande divulgação na conturbada vida européia da segunda metade dos oitocentos. Fica evidente que a maior parte dos autores destas publicações possuía algum interesse particular sobre esta decisão. As visões sobre a forma de vida no Brasil meridional eram as mais variadas, para alguns depoentes, a possibilidades de adquirir um bom lote colonial já era razão suficiente para aceitar esta escolha, mas para outros as dificuldades poderiam ser enormes em um clima tão diferenciado.

Procuramos neste capítulo refletir sobre as diferentes formas de divulgação das colônias de imigrantes, destacando as maneiras como foi apresentado o ambiente natural. Observamos que a descrição da vida nas florestas onde foram fundados núcleos coloniais poderia, dependendo da visão e intenção de quem a fez, atuar como fator de atração ou repulsão aos possíveis interessados em emigrar para as colônias de Santa Catarina. Considerando a grande dificuldade de comunicação da época, deve-se ter clareza da importância destas publicações para o processo emigratório.

Mesmo os relatos de viajantes, teoricamente os mais isentos de interesse, também apresentam diferenças gritantes sobre a forma de descrever o ambiente natural em que viveriam os futuros emigrantes e poderiam estar atuando com interesse pré-estabelecido.

1.1 Os Relatos de Viajantes

O Brasil foi, a partir da abertura dos portos em 1808, destino de muitos viajantes europeus interessados em conhecer e descrever a natureza e o modo de vida das Américas. Para muitos deles, especialmente para os oriundos de países onde ocorria uma emigração em massa, visitar e relatar como e onde viviam seus patrícios que se decidiram pela emigração eram atividades obrigatórias. Através disso, a publicação na Europa dos relatos destes viajantes caminhava lado a lado com processo emigratório e atuava como um veículo de divulgação do que estaria à espera dos futuros emigrantes.

As colônias aqui estudadas foram fundadas a partir da segunda metade do século XIX, no entanto, a fonte de informações dos envolvidos com a emigração incluía, certamente, textos mais antigos, publicados por viajantes que conheceram no Brasil algumas importantes colônias, como São Leopoldo e Nova Friburgo, poucos anos após as suas fundações.

Um destes viajantes que se aventuraram por terras brasileiras em um período onde a emigração ainda caminhava a passos curtos foi Friedrich von Weech. Seu relato foi publicado em 1828, e aparece como uma das primeiras obras com um objetivo preciso e específico: orientar os emigrantes do seu país, especialmente aos agricultores. Sua obra poderia ser lida como uma espécie de guia ou manual aos interessados em construir uma vida no Brasil. Friedrich von Weech era um oficial do exército alemão que veio ao Brasil tentar a sorte como colono. Em seu relato, Weech preocupa-se em descrever o novo país,

sua vegetação, seus habitantes seus usos e costumes, sua organização social. As suas observações foram realizadas em 1827, quando o Brasil ainda era uma região desconhecida para maioria dos europeus, suas informações e conselhos procuravam facilitar a vida dos recém chegados ao novo país. Segundo Débora Bendocchi Alves, o modelo adotado por Weech, com tabelas de peso e medida, preço de mercado, custos par uma instalação, tipo de cultura existente, etc, tornou-se desnecessário ao longo dos anos quando este tipo de informação já ganhara divulgação na Europa através dos jornais e folhetos de agencias de emigração.²⁷

Logo no início de sua obra, Weech procura demonstrar sua predileção pelo Brasil entre os diversos países americanos. Em tom poético e ameaçador, o viajante escreve:

A 'toda poderosa' mãe natureza deleitou-se em derramar sobre os países da zona quente toda riqueza de sua cornucópia. Porém, ainda que as entranhas da Terra abriguem os mais preciosos e úteis metais, ainda que nela brilhem valiosíssimas pedras preciosas, e que em seu peito se nutra avidamente à vegetação abundante - o mortal aqui aprende: "sob as estrelas, nada é perfeito". **Terríveis doenças, que em poucas horas matam, febres malignas, um calor quase insuportável, insetos venenosos, feras de todos os tipos lutam pela sobrevivência, e a força da Europa com freqüência desaparece sob poucos raios de sol no cinturão incandescente da Terra nas Américas.** Depois que o agricultor venceu o medo do terremoto, os furacões ameaçam engolir os frutos de seu esforço de muitos anos, destruir seu bem-estar e reduzi-lo a miséria. **Mas, um desses países desfruta de todas as vantagens acima mencionadas e apresenta poucas**

²⁷ ALVES, Débora Bendocchi. *Apresentação da edição brasileira* In: WEECH, Friedrich von. **A Agricultura e o comércio do Brasil no sistema colonial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p.18.

desvantagens de que se lamentar: esse magnífico país, esse favorito da natureza, é o Brasil.²⁸

Como viviam os colonos no Brasil, era objeto de longas descrições na obra de Friedrich von Weech. Suas observações são recheadas de conselhos aos interessados em emigrar, indica que tipo de emigrante poderia ter mais sucesso e como se adaptariam com maior facilidade a vida nos trópicos. Estas eram as suas impressões:

A vida do colono é árdua, extremamente monótona, uma constante luta contra privações de todo tipo. O nativo habituado ao clima, à alimentação e ao modo de vida, desconhece as comodidades de um país civilizado e, indiferente de tudo o que o cerca, suporta-o sem se sentir insatisfeito. O europeu, contudo, que chega ao Brasil muitas vezes com uma visão equivocada, precisa de uma grande força interior para, vivendo numa floresta virgem, não se tornar em pouco tempo misantropo ou hipocondríaco. **Aquele que na Europa tiver vivido apenas no campo se adaptará melhor a esse tipo de vida.** Aquele, porém, que tiver morado constantemente na cidade, estiver acostumado com a vida mundana e tiver sido educada para ela, ou se deixará abater pelo desânimo e, nostálgico da convivência com seres civilizados, empreenderá todos os esforços para retornar a sua pátria, ou se perderá na indiferença mental e física dos nativos.²⁹

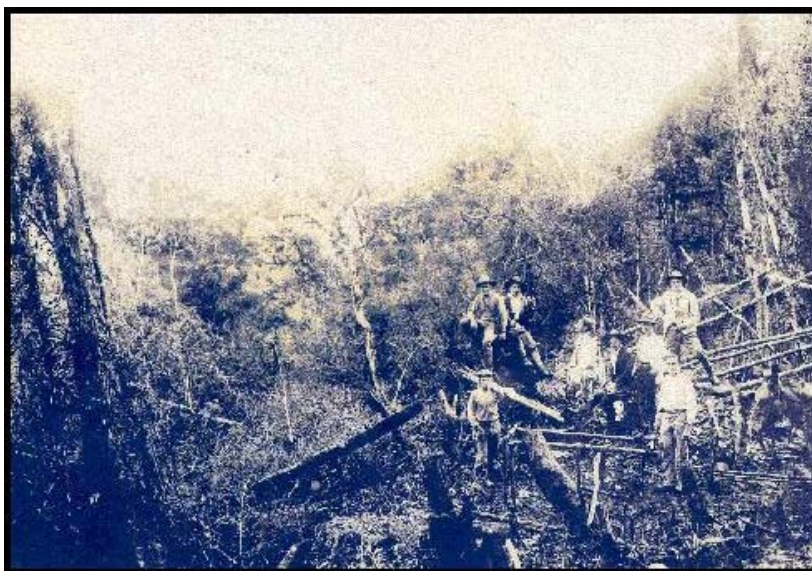
Viver na floresta brasileira era considerado por Weech, e por quase todos viajantes europeus, uma das grandes dificuldades a serem enfrentadas e deveriam ser levadas em consideração pelos interessados em emigrar. Para ele,

²⁸ WEECH, Friedrich von. **A Agricultura e o comércio do Brasil no sistema colonial.** São Paulo: Martins Fontes, 1889. p.25.(grifos meus)

²⁹ Idem, p.110.(grifos meus)

[...] quem não viveu algum tempo nas florestas do Brasil e não conhece exatamente o caráter dos nativos **não tem a noção da indescritível tristeza que significa permanecer ali; só um verdadeiro amante da natureza, que na Europa dela se rodeava, suportaria uma permanência prolongada.** Se fosse possível ter convicção de, após alguns anos, reunir o suficiente para viver de seus próprios recursos na Europa com independência, então o período passado no Brasil não seria absolutamente perdido.³⁰

Primeiro contato com a mata



(Fig. 1) Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Valorizando-se de sua experiência como colono, Weech procurou demonstrar em seu relato sua isenção ao divulgar a vida nas colônias no Brasil. Segundo ele,

Muito já se falou contra a emigração, porém, a ouvidos surdos; longe de mim encorajar a isso meus compatriotas. Mas também não estou disposto, já que eles não podem ser afastados desta mania, a traçar-lhe um triste quadro, inventado e exagerado, de seu futuro destino. **Também eu fui colono, conheci os esforços**

³⁰Idem, p.110.(grifos meus)

a que o lavrador emigrante deve se submeter; sei, por experiência própria, que se pode suporta-los e, com dedicação e perseverança, elimina-los. Existe somente um mal contra o qual a vontade humana luta em vão; a perda da saúde. Na bela província que a partir de agora será destinada ao europeu, o perigo de adoecer não deve ser temido, desde que se tenha um estilo de vida moderado.³¹

Ao final de sua obra, Friedrich von Weech, faz uma previsão conformista para o futuro das famílias estabelecidas nas colônias visitadas por ele. Projetava que a situação mudaria de figura quando uma nova geração, que só conhecia a Europa de nome, estivesse habituada aos usos, costumes e modo de vida do país e que não tivesse noção da existência de grandes comodidades, de outras alegrias, tomasse o lugar da antiga geração. Observava que dentre os fundadores, muito poucos haviam usufruído a alegria de assistir ao desenvolvimento de sua criação; e em todas as partes das Américas os primeiros recém-chegados lutaram contra grandes e diversas dificuldades. Sua última frase pode ser lida para qualquer época ou situação, segundo Weech, “poucos homens têm a satisfação de repousar à sombra de uma árvore que ele mesmo plantou”.³²

Apesar de neste capítulo concentrarmos nossas atenções nas visões sobre o meio natural como fator de estímulo ou repulsa a decisão de emigrar, não podemos deixar de refletir sobre o que pensavam alguns destes viajantes sobre cada uma das colônias visitadas. Entre os vários depoimentos aqui analisados, dois possuem opiniões muito distintas quanto às situações das colônias Blumenau e Dona Francisca. Mesmo tendo realizado suas visitas em períodos muito próximos, Robert Avé-Lallemant, que esteve em Santa Catarina em

³¹ Idem, p.183.(grifos meus)

³² Idem, p.186 .(grifos meus)

1858, e J. J. von Tschudi, visitante em 1861, divergem muito quanto às colônias Blumenau e Dona Francisca.

Como já comentamos anteriormente, não podemos esquecer que os relatos elaborados pelos viajantes também poderiam estar carregados de interesses.

O médico alemão Robert Ave-Lallemant, natural de Lübeck, residiu e trabalhou no Rio de Janeiro por cerca de 17 anos.³³ Após uma temporada na Alemanha, retornou ao Brasil quando enfim realizou a viagem ao sul do país e escreveu sua obra *Viagens para Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo em 1858*.³⁴

Em sua visita, Lallemant analisou alguns aspectos da vida rural dos colonos de Blumenau. Segundo ele, aqueles colonos que ainda na Europa viviam apenas as custas de seus braços eram os mais satisfeitos com a vida rural na colônia. Para aquelas famílias que em sua pátria natal formavam o grupo de transição entre o campo e a cidade e não tinham muita necessidade de emigrar, tornava-se mais comum os problemas de adaptação. As mulheres foram geralmente as mais insatisfeitas. Segundo Avé-Lallemant, os homens encontravam consolo e até alegria nos duros trabalhos na mata e resultados obtidos.³⁵ Ao visitar uma família na colônia o viajante observou:

O homem estava sofrivelmente satisfeito e animado. A senhora, porém, desalentada! A casa ainda aberta de todos os lados; entre os esbeltos troncos de palmeiras, que ainda formam a maior parte das paredes, o vento sopra com força; e o tapume onde vivem a senhora e as três filhas por muito tempo não será uma sala. Junto das pseudo-paredes, alguns móveis europeus, restos de um dote.³⁶

³³ NODARI, Eunice Sueli. **Imagens do Brasil na Alemanha do século XIX**. Anais da XII Reunião da SBPH: Porto Alegre, 1992. p.210.

³⁴ AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens para Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo*. São Paulo Ed. Itatiaia, 1980.

³⁵ Idem, p.159.

³⁶ Idem, p.160.

Entre as diversas famílias de colonos que se instalaram em Blumenau estava um jovem casal que encheu os olhos de Avé-Lallemant.

Reside aqui um interessante casal, imigrantes, como são quase todos; ambos muito jovens, são como um pero³⁷ e, decerto, infinitamente enamorados um ao outro. Construíram uma engraçada casinha de troncos de palmeira; a divisão da sala é bem ornada com quadrinhos, variegadas penas de tucano e outros artigos coloridos da mata. Diante da mesa fixa, um banco de pequenos troncos de palmeiras e um escabelo feito da mesma maneira: não se pode ver recanto mais agradável para duas pessoas. Um jardimzinho em frente da casa não só com bonitas flores até lindos ornatos de caracol e orlas de conchas.[...] Além disso, o campo atrás da casa, muito bem lavrado e a cana-de-açúcar cresce viçosamente. É uma pura alegria contemplar casal tão jovem na idade, na casa, e no campo.³⁸

Entretanto, apesar de algumas boas impressões em sua descrição do meio rural, percebemos, através dos escritos de Avé-Lallemant, sua grande antipatia para com a situação da colônia Blumenau em 1858. Mesmo apresentando o meio natural do vale do Itajaí como um local lindíssimo, o autor procura destacar as dificuldades enfrentadas no empreendimento colonial do Dr. Blumenau.

Em 1858, ano da visita, a colônia Blumenau estava completando 8 anos de existência e ainda caminhava como um empreendimento particular individual do Dr. Blumenau. As dificuldades financeiras enfrentadas pela colônia resultaram na transferência

³⁷ Esta expressão refere-se a “fidelidade de um cão”.

³⁸ AVÉ-LALLEMAN, Robert. Op. Cit. p. 164.

de propriedade para o governo imperial em 1860. Portanto, as duras críticas de Ave-Lallemant eram destinadas ao então proprietário e diretor Dr. Hermann Bluemanu.

Avé-Lallemant, inicia sua descrição de Blumenau com um olhar crítico, mas, dificilmente infundado. O autor observara em sua chegada o que muitos colonos devem ter pensado ao desembarcarem na jovem colônia. Sua impressão foi a seguinte: “**A cidade de Blumenau tem muito boa vontade de tornar-se cidade.** Por ora, falta-lhe tudo o que constitui uma cidade. Da igreja, da casa da Câmara e outros edifícios públicos não se vê sequer vestígios e são tão poucas as casas no caminho, que involuntariamente se pergunta: **Mas onde fica a cidade?**”³⁹

Por mais duro que possa ser este questionamento, ele não está fora de propósito. A estrutura disponível em Blumenau nestes primeiros anos não poderia ser considerada uma cidade nem mesmo para os padrões brasileiros do século XIX, que dirá para europeus na mesma época.

Sua má impressão sobre a Colônia Blumenau assim prossegue: “Aonde quer que se olhe, vá ou esteja, vê-se, em toda parte, absoluta falta de dinheiro para levar a comunidade e colônia, em conjunto, a florescência. Apenas se observa, aqui e ali, um trecho de caminho, uma pinguela, mas em parte alguma expressão de coisa completa ou mais ou ao menos um progresso para completá-la”.

Os principais problemas observados por Lallemant, eram conhecidos por todos. A falta de estradas e a grande dificuldade financeira impediam um maior desenvolvimento da colônia. No entanto, diferente dos relatórios da colônia, considerava que a origem destas dificuldades enfrentadas estava muito mais próxima do que se imaginava. Para ele, Blumenau não sobreviveria por muito tempo como colônia particular individual. Algumas

³⁹ Idem, p.157.

de suas duras críticas a administração de Hermann Blumenau colônia podem ser percebidas no parágrafo a seguir:

Não se funda essa convicção negativa somente na falta de recursos. Se quisesse externar aqui meu ponto de vista, dizendo porque não posso nem devo apresentar um bom prognóstico para a colônia de Blumenau, tal qual se acha, teria de dizer muita coisa que, por causa de seu caráter especial, não tem interesse para o público. A minha boa e amável Cidade de Blumenau e eu, durante o tempo de minha estada no Itajaí, discutimos muito, sem podermos conciliar várias diferenças de opinião. Se não me engano muito, **o empreendimento colonial de Blumenau é prova frisante de que não se deve considerar isenta de varias objeções a iniciativa individual de assuntos de colonização, objeções que aqui e ali se elevam a justificadas censuras.**⁴⁰

Contrastando com todas estas críticas a colônia Blumenau, ao analisarmos a obra de Robert Ave-Lallemant, percebemos que seu discurso é bastante favorável a emigração para o Brasil, especialmente as iniciativas governamentais. Em alguns momentos o autor entra em nítida defesa do governo brasileiro, afirmando que os problemas enfrentados pelas colônias são, na maior parte das vezes, de responsabilidade dos próprios empreendedores particulares. Sua opinião contrária às iniciativas particulares, especialmente as individuais é recheada de exclamações em seu texto:

E que não haja mais especuladores particulares! [...] especuladores são todos eles, mesmo os melhores, se é que de qualquer modo podem ser bons; nunca posso poupar-lhes a expressão de especuladores de colorido suspeito e de caráter obscuro. Se ainda se acharem empreiteiros de colonização, que não

⁴⁰ Idem, p.159 (grifos meus)

sejam admitidos. Quando sua causa repousa em princípios razoavelmente bom, os negócios malogram-se e ficam na metade do caminho, do que já existem dois exemplos no Itajaí. Em vez de ajudarem na questão da imigração causaram-lhe grandes danos. Por causa de sua incapacidade descreditaram o país e não encontram a culpa em si mesmos, mas no governo do país e defendem-se com uma bem escrita publicação na Europa.⁴¹

Entretanto, veremos que ao contrário do que faz com Blumenau, o autor rasga elogios á outro empreendimento particular, a colônia Dona Francisca. Por isso, parece-nos que as críticas eram muito mais pessoais que conceituais. Lallemand chega a afirmar que a única alternativa de salvar a colônia e seus colonos era a substituição imediata de sua direção. Observava um futuro muito difícil para a colônia Blumenau com a permanência do Dr. Blumenau na direção. Sua visão foi expressa com as seguintes palavras:

Pesquisando, pois, a vida do colono entre o rio e a mata, encontra-se muita coisa que alegra e muita que perturba. Penso como certo que, no Itajaí, tudo se arranjará e tudo passará para melhor; creio, aliás, que isso acontecerá dentro de poucos anos, **quando uma administração sensata, dotada de abundantes recursos**, realizar perfeitamente todas as exigências da equidade e da humanidade, se na vida humana alguma coisa pode chamar-se perfeita.⁴² [...] Não cabe aqui discussão sobre o assunto. Mas se coloco ante minha consciência a grave pergunta de saber se a colônia de Blumenau, **sob direção de Blumenau**, pode continuar a desenvolver-se de maneira justa e conveniente e sem dissimular que, segundo minha resposta, um outro possa emigrar para o Itajaí, não posso responder a pergunta que eu próprio fiz com um “sim”, **não posso pensar que a colônia, tal qual se acha, possa ir adiante.**

⁴¹ Idem, p.170/171(grifos meus)

⁴² Idem, p.161 (grifos meus)

Não sabemos que relação pode ter existido entre as observações de Robert Ave-Lallemant e a transferência de propriedade da colônia Blumenau para o Império. Talvez nenhuma, pois, o maior alvo das críticas, Dr. Hermann Blumenau, permaneceu em sua direção até 1880, ano da criação do município de Blumenau.

Em 1861, três anos após a visita de Robert Ave-Lallemant, as colônias da então Província de Santa Catarina receberam outro importante viajante, o diplomata suíço Johan Jakob von Tschudi. Como já colocamos, os dois depoimentos possuem grandes diferenças quanto às situações das colônias Blumenau e Dona Francisca. Se desconsiderássemos a individualidade de cada um e seus possíveis interesses, poderíamos até pensar que os dois não conheceram os mesmos lugares.

No entanto, ao tratarmos da colônia Blumenau, devemos considerar que a visita de Tschudi ocorre cerca de um ano após a transferência do controle da colônia para o governo imperial. Mesmo assim, considerando as dificuldades da época, apenas as transformações já ocorridas não poderiam ser suficientes para este viajante suíço considera-la a colônia mais bem organizada do sul do país.⁴³

Suas observações positivas de Blumenau ainda englobavam as qualidades climáticas. Para Tschudi, os interessados em emigrar não deveriam temer o clima tropical de Blumenau, nestas terras a agricultura poderia desenvolver-se com grande qualidade. Ao enfatizar as vantagens desta colônia, Tschudi apresenta algumas de suas críticas as terras e ao modelo administrativo implantado na colônia Dona Francisca. Segundo ele,

O clima na Colônia Blumenau é saudável e condizente aos imigrantes alemães. **Em sua maior parte, o solo é de melhor**

⁴³ *As colônias alemãs nos distritos brasileiros de Brusque e Blumenau, publicado por decisão dos membros do Senado 11/1897.* Tradução e transcrição, Curt Hoeltgebaum. Revisão. Anemmarie Fouquet Schünk. **Revista Blumenau em Cadernos.** Fundação Cultural de Blumenau. Tomo XLIII. n.07/08, 2002. p.17.

qualidade e, em média, mais frutífero do que nos melhores trechos de Dona Francisca. Todas as plantações já mencionadas nesta, se desenvolveu de melhor modo na zona de Blumenau com exceção dos tipos de abóbora, para os quais o solo é demais denso. As geadas causam menos prejuízos do que na Colônia Dona Francisca, se bem que também aqui, Blumenau, já se fizeram sentir.

Enquanto que em Dona Francisca a preocupação era desde o início o desenvolvimento da cidadela, menosprezando a agricultura, em Blumenau se seguiu o sistema oposto. O principal era o estabelecimento dos colonos; a fixação da vila veio em segundo plano. **Este procedimento correto obteve uma vantagem considerável da colônia Blumenau em relação ao bem estar da população perante o desenvolvimento de Dona Francisca.**⁴⁴

Como afirmamos anteriormente, Tschudi realizou sua viagem três anos após a estada de Avé-Lallemant em Santa Catarina. Neste momento, o texto de escrito pelo médico alemão já estava repercutindo em Blumenau, suas críticas à colônia teriam gerado uma certa revolta. Posicionando-se claramente favorável aos blumenauenses, Tschudi procura, em seu texto, dar voz aos contrariados.

Durante minha permanência em Blumenau, existia, especialmente nos círculos sociais mais elevados, indignação contra um viajante alemão, cujo livro sobre o sul do Brasil foi publicado recentemente, que tinha criticado a Colônia com frívola indiscrição o qual, de maneira indigna, havia retribuído a hospitalidade gozada no alto e baixo Itajaí.⁴⁵

⁴⁴ TSCHUDI, Johann Jakob von. *As Colônias de Santa Catarina*. Apresentação e Anotação por Walter Fernando Piazza. Blumenau: CNPq: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988. p.53.

⁴⁵ Idem, p.53.

Entre os avessos as críticas de Ave-Lallemant, estavam, segundo Tschudi, alguns simples agricultores. Apresentando este tipo de posição, Tschudi leva ao seu leitor uma versão fora dos círculos mais elevados da colônia. Se relato segue desta forma:

O colono Bet, de Holstein, antes ordenador perto de Hamburgo, do qual o viajante (alemão), acima mencionado, já tinha narrado em sua obra: “O que faz essa gente no mato?” me disse: “O Sr. L. (Lallemant) deveria voltar para ver minhas roças; então ele saberia o que faço com minha família no mato”. O Homem havia trabalhado muito no mato nos três últimos anos; sua casa, se bem que de palmito, era absolutamente limpa e agradável e com verdadeiro prazer entra-se na sala destinada a receber visitas.⁴⁶

Como já observamos, mesmo não sendo tão enfático como Avé-Lallemant sobre Blumenau, Tschudi faz sua crítica a qualidade das terras de Dona Francisca. A partir de suas observações conclui que,

As terras de Joinville são estéreis; melhoram um pouco, contudo numa distância de uma meia milha da vila e parece que na maior extensão da colônia são boas e, especialmente mais no interior, ótimas. Algumas áreas são mencionadas como bastante fracas e dão aos colonos, aos quais foram dados estes lotes, razão para queixa. De acordo com o juízo de homens competentes, deve, na maioria, a terra dessa colônia ser de menor qualidade do que nas outras áreas de colonização da Província.

Em seu relato, Tschudi criticou duramente a os valores e os tamanhos dos lotes coloniais negociados em Dona Francisca. Segundo ele, o custo da terra era demasiadamente elevado para lotes muito pequenos.⁴⁷ Tschudi considerou que além destas dificuldades, as

⁴⁶ Idem, p.58/60

⁴⁷ Idem, p.34

plantas tropicais, grande fonte recursos para a agricultura colonial, não poderiam ser utilizadas devido a situação sulista da colônia e de sua temperatura de inverno bastante áspero.⁴⁸

Como vimos, Tschudi não era muito simpático ao empreendimento colonial da Sociedade Colonizadora de Hamburgo. Sua crítica central estava no modelo administrativo adotado. Para ele ao invés de investir na infra-estrutura urbana, a colônia deveria estar mais atenta ao desenvolvimento agrícola.

Já Robert Avé-Lallemant, ao contrário do que faz com a colônia Blumenau, apresenta Dona Francisca como uma colônia modelar. Para ele, o empreendimento da Sociedade Colonizadora de Hamburgo marchava vigorosamente para o seu pleno desenvolvimento. Seu olhar destaca, entre outras coisas, justamente a infra-estrutura disponível na jovem colônia. Entre as virtudes de Dona Francisca estava uma boa rede de estradas, com rotas para todos os sentidos da colônia. Segundo o viajante, os colonos residentes ali também se distinguiam dos das outras colônias. Quanto a esta comparação o autor escreve:

“Antes de mais nada observemos os homens. A colônia de Dona Francisca teve uma sorte incomum. Vieram a princípio homens de todas as categorias, boas e más, indistintamente! A muitas aves de arribação e pássaros bisnaus a paragem não agradou e a pouco e pouco mudaram-se; mais do que de qualquer outro lugar, **de Dona Francisca se pode dizer que ficaram os bons, os decentes e bem intencionados, e relativamente aos bons costumes Joinville é o ponto notabilíssimo e excepcional.**

[...] De maneira realmente surpreendente enfileiram-se, pois, elementos bons, cooperantes, enérgicos e civilizadores; e

⁴⁸ Idem, p.26

tenho de dar razão a um sábio alemão que viveu em Dona Francisca e me assegurou, antes de minha visita à colônia, que dificilmente haveria qualquer outra parte um lugar de tão limitado número de habitantes em que houvesse tão boa educação e costumes como em Dona Francisca; e tanto que, apesar dos duros trabalhos, apesar da seriedade da vida na colônia, apesar da verdade muitas vezes amarga que a vida da imigração evidencia, jamais poderei negar ao lugarejo Joinville o hábito de profundo e poético romantismo. **Essa a grande vantagem que me parece ter Dona Francisca sobre a colônia do Itajaí.** Fez-se um inquérito para saber em que colônia é melhor o solo e onde se fazem os mais rápidos progressos materiais, disputou-se a respeito, brigou-se e a nenhum resultado se chegou, pois em ambas as colônias, se a elas afluírem eficientemente os auxílios concedidos pelo governo do país, o progresso material é seguro e indubitável.⁴⁹

A importância dada pelo autor a Colônia Dona Francisca pode ser percebida através deste trecho: “Creio que na mesma relação em que ficou São Leopoldo, no Rio Grande, como ponto principal da colonização alemã ali, ficará Dona Francisca na Província de Santa Catarina como o corpo central da vida alemã, como metrópole de um sistema de colonização que, não tão palpavelmente importante como a colônia do Rio dos Sinos, a ultrapassará consideravelmente em significação civilizadora e germanizante”.⁵⁰

Não podemos ter clareza da intencionalidade destes dois depoimentos, sabemos apenas que seus textos eram lidos por pessoas interessadas em obter informações sobre o Brasil, e que entre eles estavam alguns futuros emigrantes. Talvez, estas significativas diferenças de opinião entre Robert Ave-Lallemant e Johan Jakob von Tschudi possam ser apenas ideais distintos, mas, não podemos desconsiderar que cada um deles poderia estar a

⁴⁹ AVÉ-LALLEMANT, Robert Op. Cit. .p.182/185 (grifos meus)

⁵⁰Idem, p.203 (grifos meus)

serviço de órgãos ou empresas ligados à emigração. Um indício deste tipo de relação pode ser observado em uma advertência pública feita na Alemanha por opositores à emigração, neste texto, Robert Avé-Lallemant foi acusado de ser um “famoso agente a serviço do governo brasileiro”.⁵¹

O interesse por informações sobre as colônias de imigrantes alemães no Brasil também pode ser evidenciado pela presença de Hugo Zoeller nas colônias Blumenau e Dona Francisca por volta de 1880. Zoeller foi encarregado pelo proprietário do jornal alemão *Koelnischer Zeitung* a viajar pelas colônias de imigração alemã no Brasil para narrar suas impressões, acabou por concluir seus trabalhos em novembro de 1882.

Quase trinta anos depois de sua fundação a visão que alguns visitantes tinham da vida rural na colônia Blumenau ainda era desenhada de forma bastante rústica. Pela descrição de Hugo Zoeller, os rebanhos da Colônia Blumenau possuíam boa aparência mesmo com pouco cuidado, pois pernoitavam ao relento mesmo no inverno e apenas os colonos mais ativos construía um abrigo num canto do pasto. Estabelecendo comparações com a realidade européia, o autor descreve que o gado leiteiro era acostumado a forragem verde no estábulo, os cavalos eram tratados a milho ao invés de aveia e a população substituía na sua alimentação a mandioca no lugar do milho. Quanto às habitações ele afirma:

As casas bonitas, geralmente bem cuidadas, são de madeira e se situam a algumas centenas de passos por cercados e se é cumprimentado pelo latir de cachorros. A ocupação principal das pessoas é capinar e muitos, pensando que eu pretendia estabelecer-me aqui, ofereceram-me seus terrenos para compra. Pretendiam

⁵¹ SCHENTKE, W. *Advertência contra a emigração para o Brasil*. (tradução de Guido Imaguire/ revisão de Valberto Dirksen). p.21

mudar-se mais para o interior e começar de novo. Tais mudanças de propriedade são freqüentes, mesmo nas colônias novas, dependendo da maior ou menor atividade do seu proprietário.⁵²

Ao observar a vida cotidiana destes colonos em Blumenau, Hugo Zoeller entende que [...] É interessante penetrar nos interesses dos colonos: gira em torno dos porcos, bezerros, vacas, cavalos e carroças.⁵³

Informações sobre as formas de lazer na floresta sul brasileira também poderiam ser úteis para conquistar novos emigrantes. Dicas sobre as condições de caça, por exemplo, eram comuns a uma grande quantidade de guias, manuais e correspondências destinadas aos interessados em emigrar.

Com a intenção de propagar as informações sobre o modo de vida dos colonos de origem italiana que emigraram para Brusque e Nova Trento, Dom Arcângelo Ganarini (Vigário de Brusque em 1879-80) publicou as *Notícias de Brusque e Nova Trento*. Suas descrições sobre a vida rural nestes núcleos coloniais destaca inicialmente uma evolução considerável na estrutura das propriedades, posteriormente Ganarini ainda apresenta dados sobre as regiões mais interessantes para lavoura, explicações sobre clima, agricultura e produção animal:

Para um europeu que tivesse visitado estas colônias cinco anos atrás, elas lhe pareceriam mais pobres do que realmente o eram, ao notar a mesquinha aparência das casas cobertas com folhas de palmito, tapadas com ripas ou ainda de tábuas, poucas estradas quase intransitáveis...

⁵² ZOELLER, Hugo. *Os alemães na floresta brasileira*. **Revista Blumenau em Cadernos**. Fundação Cultural de Blumenau, Vol. 5, p. 143, 1990.

⁵³ Idem, p.144

As melhores terras em torno de Brusque estão ocupadas por colonos tedescos, enquanto os italianos, situados mais distantes no fundo dos vales, nem sempre puderam alcançar boas terras e planas, pois alguns tiveram local bastante apropriado para levantar a casa em razão de tudo ser escabroso monte somente próprio para plantação de mandioca...

Os colonos observando como desta terra se pode alcançar o suficiente para viver sem temer a fome, à ela se afeioaram, e ter-se-iam assim colônias laboriosas e pacíficas, prevenindo deste modo o perigo de ver ainda a retirada de colonos em massa e a levar à Europa contra estes sítios que tem necessidade do sangue de elementos europeus...

A temperatura média anual de Nova Trento é de 17° Reaumur⁵⁴ enquanto a máxima observada nos três últimos anos alcança 29° e a mínima a meio grau acima de zero...

As vacas, em relação ao nosso país, são muito poucas. Além de serem bravias, não dão geralmente leite sem que se dê antes a mamar o bezerro, pelo que uma grande parte do produto pode-se dizer é perdido⁵⁵.

Para um interessado em emigrar, informações estas com temperatura média e qualidade das poderiam ser determinantes na escolha de sua futura colônia. A riqueza dos detalhes da obra de Arcângelo Ganarini, permitiria a um colono recém-chegado, maior tranqüilidade durante seu primeiros anos na colônia, facilitando seu processo de interação com o novo meio.

Ao tomarmos contato com os relatos de alguns dos vários viajantes que visitaram as colônias aqui estudadas, percebemos, em certos casos, opiniões divergentes sobre uma

⁵⁴ A escala de temperatura *Reaumur* foi estabelecida em 1730 pelo naturalista francês René-Antoine Ferchault de Réaumur. O uso desta escala já foi bastante difundido, no entanto, a partir do século XX seu uso praticamente desapareceu. Para converter esta escala para Celsius deve-se multiplicar a temperatura por cinco e depois dividi-la por quatro.

⁵⁵ GANARINI, Arcângelo. *Notícias de Brusque e Nova Trento, isto é colônias Itajaí e príncipe Dom Pedro, na Província de Santa Catarina*. **Revista Blumenau em Cadernos**. Fundação Cultural de Blumenau, 1859.

mesma colônia, sobre a qualidade de vida dos colonos ali estabelecidos ou mesmo sobre as perspectivas para os interessados em emigrar. No entanto, não resta dúvida sobre a potencialidade de obras como estas como meio de divulgação dos resultados e possibilidades da emigração para o Brasil. Sabendo disso, os inescrupulosos tinham caminho aberto para divulgarem suas observações com cargas excessivas de interesse.

1.2 Guia do Dr. Blumenau

Ao lado dos relatos de viajantes, eram comumente publicados na Europa, guias e manuais de orientação aos futuros emigrantes. Entre as diversas publicações deste tipo, uma ganha especial atenção nesta pesquisa, o guia do Dr. Blumenau. Um dos aspectos que inicialmente nos chama atenção para esta obra é o fato de que este material foi elaborado pelo proprietário de uma colônia em formação no sul do Brasil. Este material instrutivo é rico em informações, conselhos e sugestões, além disso, teoricamente, não diz respeito somente a colônia Blumenau, sua intenção é instruir os futuros imigrantes de toda província de Santa Catarina.

Dr Hermann Blumenau, publicou em 1851 o chamado *Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil* como uma espécie de manual de orientação para os interessados em emigrar. Esta obra apresenta-se como uma fonte riquíssima para o estudo da classe mais beneficiada com este tipo de emigração: *os agricultores*.

O primeiro capítulo deste *Guia de Instruções* indica *Quem pode obter vantagens emigrando para Santa Catarina*. Hermann Blumenau apresenta uma espécie de modelo de sociedade a ser formada nestas colônias. “Nos vilarejos ou no campo, todo artífice deveria

ter, para uso próprio, um pasto com uma ou duas vacas, bem como um pedaço de terra para o plantio de verduras, batatas, árvores frutíferas, algodão, etc...”.⁵⁶

De acordo com Dr. Blumenau, os agricultores eram “a classe mais favorecida com a imigração e, normalmente, através de muito esforço e trabalho, conseguem sair de um estado precário e desolador, para uma situação bem melhor, vislumbrando assim um futuro confortável, despreocupado e estável”.⁵⁷ O texto ainda afirma que mesmo estes imigrantes vindo em grande número, conseguiriam adquirir terras a um baixo preço e poderiam escolher a localidade e o tamanho da área para compra.

Os agricultores interessados em emigrar foram classificados pelo *Guia* do Dr. Blumenau em três categorias:

[...] aqueles que não possuem os meios deverão trabalhar como empregados, a fim de juntar o dinheiro necessário para poderem instalar-se por conta própria; aqueles cujos recursos são suficientes para estabelecer-se, mas apenas contam com a força de seus braços; e finalmente, os mais abastados, que desejam investir o capital e aplicar seus conhecimentos, mas devido ao fato de não pretenderem realizar trabalhos braçais, tornam-se dependentes de mão-de-obra assalariada.⁵⁸

Os trabalhadores rurais mais humildes poderiam ter boas perspectivas já que existia grande oferta de serviços, embora estivessem a depender desta garantia. Por isso, Hermann Blumenau prevê um futuro promissor apenas para os que realmente tenham disposição para

⁵⁶ BLUMENAU, Hermann. *Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil*. In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) **Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil**. Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p.189.

⁵⁷ Idem, p.191

⁵⁸ Idem, p.191

trabalhar muito. Para enfim, em alguns anos economizarem o suficiente para aquisição de suas próprias terras na colônia.

Para os sem posses, as perspectivas são tão boas em Santa Catarina, quanto em qualquer outro lugar, pois não há falta de trabalho, mas sim de trabalhadores e, devido às dificuldades para consegui-los, é preciso procura-los nas redondezas e pagar caro pelos serviços mais urgentes. Esta falta de mão de obra aumenta conforme a demanda, como aconteceu no ano passado, quando chegaram alemães abastados, que precisavam de trabalhadores para instalarem os seus negócios e darem continuidade aos mesmos. Portanto, posso garantir a estes que não precisam preocupar-se com o futuro porque logo encontrarão emprego com salário satisfatório.⁵⁹

Os agricultores da segunda categoria formavam a maioria e certamente seriam os mais independentes e satisfeitos, pois dependeriam apenas do esforço de seu trabalho. Para Dr. Blumenau, estes agricultores conhecem o valor do dinheiro e sabem o quanto é difícil consegui-lo. “Zelam pelo que possuem e não deixam levar-se por esperanças vãs, como acontece com as duas outras classes”.⁶⁰

O *Guia* faz previsões para atividade rural deste tipo de agricultor interessado em emigrar para Província de Santa Catarina.

A aquisição do gado somente será possível mais tarde, pois é preciso preparar o pasto para o mesmo, o que pode levar de 7 a 9 meses, porque quase tudo ainda é floresta. Aqueles colonos que possuem apenas a quantia mencionada, precisam restringir-se ao plantio de batatas, milho e feijão, porque o cultivo da cana-de-

⁵⁹ Idem, p.191.

⁶⁰ Idem, p.195.

açúcar exige um investimento maior, com aquisição de moenda, tachos, etc., No entanto podem começar mais cedo a cultivar o tabaco e o algodão, que são relativamente lucrativos, contudo, obterão maior vantagem aqueles que entenderem sobre o plantio e o manuseio do tabaco. Por outro lado, quem dispuser de meios poderá começar com o plantio da cana-de-açúcar, que no momento é a cultura mais lucrativa em Santa Catarina.⁶¹

Para Hermann Blumenau, as famílias desta classe intermediária que gozassem de um bom relacionamento e com condições financeiras semelhantes poderiam obter vantagens unindo-se para adquirir os equipamentos necessários para o plantio de cana-de-açúcar.⁶²

Para isso torna-se imprescindível a associação de mais colonos para um trabalho comunitário, e aqueles que puderem unir 10 a 15 famílias para o plantio da cana-de-açúcar, edificando no próprio local uma usina para beneficiamento da mesma, através do sistema de quotas, conseguiriam levar estas famílias a uma florescente prosperidade. Este é um belo ideal e pode ser perfeitamente aplicado por um empreendedor prático e relativamente abastado.⁶³

Os mais abastados eram também os mais difíceis de aconselhar, não sabiam manejar a maior parte dos utensílios agrícolas e dependeriam da contratação de empregados. Dr. Blumenau previa que um negócio rentável no futuro próximo seria a especulação imobiliária, onde um agricultor desta classe mais abastada compraria grandes porções de terra e posteriormente dividiria parte de sua propriedade em pequenos lotes a serem

⁶¹Idem, p.197.

⁶²Idem, p.197.

⁶³Idem, p.201.

vendidos aos imigrantes mais pobres.⁶⁴ Hermann Blumenau informa que mesmo com as boas perspectivas para atividade agrícola nas colônias da província de Santa Catarina o futuro imigrante não deve criar grandes expectativas. “A agricultura é o modo mais seguro para aquele que aprecia uma vida independente e ama a natureza, pois assim, poderá unir ambas de modo agradável e construir, com muito trabalho uma existência confortável e tranqüila. Entretanto nenhuma pessoa sensata pode esperara enriquecer a curto prazo, voltando a Alemanha como primo rico do Brasil”.

Entre as principais indicações deste *Guia* estava a idéia de que inicialmente a agricultura serviria apenas como subsistência, posteriormente o excedente poderia ser investido nas melhorias da propriedade. As riquezas do agricultor estariam na sua propriedade, nas suas plantações, no seu gado e nas madeiras de lei. Por este motivo seria difícil garantir uma grande reserva de capital.⁶⁵

Dr Blumenau relata que nos primeiros tempos da colônia, os trabalhos na agricultura ainda estavam sendo feitos de forma bastante rústicas e simples para os moldes europeus da época, o que facilitaria a aprendizagem. A derrubada e queimada da mata seria o primeiro passo para a instalação das primeiras lavouras, geralmente plantava-se milho, cana-de-açúcar e feijão. Segundo as expectativas do Dr. Blumenau, após um período de três a quatro anos os tocos e raízes estariam apodrecidos e poderiam ser retirados com um gancho, sendo assim a terra estaria pronta para ser arada, reduzindo o esforço em pelo menos 2/3 em relação ao trabalho manual com enxada.⁶⁶ Entretanto, a introdução do arado

⁶⁴Idem, p.199.

⁶⁵ Idem: p.199.

⁶⁶BLUMENAU, Hermann. *Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil*. In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) **Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil**. Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p.199.

na colônia Blumenau tornou-se lenta em virtude do relevo bastante acidentado e dos altos custos para limpeza dos restos da mata derrubada.

O plantio de arroz poderia ser outra atividade lucrativa, e com um campo arado e preparado poderiam produzir os “frutos da terra” como milho, feijão e batata. Nas propriedades maiores a garantia de maiores lucros poderia estar na contratação de diaristas para estes serviços. Em atividades paralelas a agricultura seria possível garantir boa renda com a fabricação de manteiga e queijo.

Para o Dr. Blumenau, a criação de porcos e o setor leiteiro poderiam futuramente dar bons resultados, mas, ainda passavam pelas dificuldades de escoar as mercadorias até o litoral devido à falta de estradas adequadas.⁶⁷ O desenvolvimento destas atividades teve um crescimento apenas no final do séc. XIX como observou o viajante alemão Dr. Wilhelm Lacmann. Sua viagem pelo sul do Brasil ocorreu entre 1903 e 1904 e nesta relatou suas impressões publicando-as em 1906 através de um livro intitulado *Cavalgadas e impressões no sul do Brasil*.⁶⁸ Segundo Lacmann, o colono recentemente havia passado a preocupar-se em não esgotar o solo por completo, mas sim transformá-lo em pastagem para o rebanho. Através disso ocorreu um crescimento considerável na produção de leite e conjuntamente na criação de suínos e produção de banha.

O Guia atua evidentemente como um mecanismo de propaganda em favor da emigração, entretanto, a responsabilidade em descrever as verdadeiras condições em que vão enfrentar os interessados é muito maior para Hermann Blumenau do que para o grande número de inescrupulosos agentes de emigrantes que circulavam na Europa. Desta forma, o

⁶⁷ Idem, p.201/203.

⁶⁸ LACMANN, Wilhelm. *Cavalgadas e Impressões no sul do Brasil*. **Revista Blumenau em Cadernos**. Fundação Cultural de Blumenau, vol. 11, p.35, 1997.

texto prevê alguns problemas de adaptação nos primeiros meses após a chegada, entretanto deixa claro que com o tempo a escolha seria vantajosa.

No que se refere às demais condições de vida no sul do Brasil, não é possível encontrar aqui as comodidades e prazeres que a Europa oferece, pois no campo tudo ainda está por ser feito; mesmo a satisfação da companhia de pessoas instruídas é rara, porque, até agora, poucas se estabeleceram na colônia. O mais difícil é o começo, principalmente os três primeiros meses após a vinda dos recém-chegados desta classe, pois “a cama é dura, a alimentação é ruim e nada me agrada”, mas aos poucos, a gente se acostuma à vida selvagem, livre, peculiar e sem limites na floresta, ainda mais se alguns conhecidos ou amigos tiverem se estabelecido em propriedades próximas umas das outras, formando assim um círculo de pessoas que pensam da mesma maneira. E, inclusive, aqueles que estavam mal-acostumados com troca de idéias e convívio com intelectuais, acabam gostando do belo país, de tal modo, que não pensam mais em voltar as suas condições anteriores, mesmo que a situação financeira permitisse.

O segundo capítulo deste *Guia de Instruções* refere-se aos *Preparativos para Viagem e transmigração*. É nesta parte do texto que Hermann Blumenau faz indicações sobre o que realmente deve ser adquirido na Europa para lida rural nas colônias da Província de Santa Catarina.

Uma série de ferramentas úteis aos imigrantes na prática agrícola da colônia é indicada neste texto. Naquele momento, não seria necessário trazer muitos instrumentos agrícolas. O arado, por exemplo, se tornaria inútil em terras férteis cobertas pela floresta tropical.⁶⁹ “Para quem quiser trabalhar na lavoura são indispensáveis as seguintes

⁶⁹BLUMENAU, Hermann.Op. Cit.. p.239.

ferramentas: foices; enxadas; cavilhas; pás; foicinhas e, pelo menos, uma faca com bainha, para ser usada na cintura, pois as demais coisas, embora sejam úteis, não são essenciais”.⁷⁰

Todos necessitariam de um machado forte com fio de aço fundido para o corte de árvores. As enxadas brasileiras, mesmo sendo baratas, não eram consideradas de boa qualidade pelo Dr. Blumenau. Estas deveriam ser de dois tipos: uma pesada e uma leve. Ainda para lavoura de subsistência, Hermann Blumenau, indica aos imigrantes a compra de sementes na Europa por serem mais baratas que no Brasil.

Segue uma lista de sementes que recomendo: todas espécies de temperos; repolhos; nabos; beterrabas; rabanetes; alfaces; cebolas; pepinos; feijões e ervilhas doces, que se desenvolvem muito bem; os melões são muito apreciados, mas os melhores são os de polpa branca e esverdeada, que ainda não existem aqui e, aquele que trazer desta semente, certamente obterá lucro.⁷¹

Os agricultores também deveriam lembrar de trazer ferramentas para carpintaria e marcenaria como “machado para cortar lenha; machadinha; martelo, ou mais adequado ainda, martelo-machado; torquês; furadeira; serra braçal com cavalete; algumas limas; uma feira que servirá para esticar o arame e sua respectiva lâmina cortante; alguns formões; cinzéis e uma ou duas plainas”.⁷² Quem desejasse instalar algum empreendimento maior, como uma usina de açúcar ou um moinho, deveria trazer outras ferramentas de marcenaria

⁷⁰ Idem, p.243.

⁷¹ Idem, p.243.

⁷² Idem, p.237.

como: “diversos tamanhos de javradeira⁷³; broca; parafusos; ganchos para a bancada [...]”⁷⁴.

O *Guia de Instruções* indicava algumas técnicas agrícolas a serem adotadas. A derrubada da mata deveria ser seguida de um intenso controle para que não cresça novamente, desta forma, a terra poderia aos poucos ser arada. Sendo assim em pouco tempo alguém passaria fabricar arados.

O plantio de milho, feijão e batata deve ser manejado com a enxada, plantando-se ao redor dos troncos e galhos, que apodrecem no decorrer do tempo em virtude de ação de insetos e das queimadas esporádicas e, após um certo período, remove-los com facilidade. Para o cultivo da cana-de-açúcar, os terrenos com troncos são os mais adequados, porque eles servem de escora para os pés de cana, evitando que caiam. O fogo ateado após a colheita encarregar-se-á de eliminar a palha acumulada e a madeira menos resistente.⁷⁵

A apicultura é mais uma das sugestões aos agricultores presentes no *Guia*. As abelhas européias só existiam no Rio de Janeiro e ainda seriam uma novidade na Província de Santa Catarina. Neste caso, o próprio Dr. Blumenau foi o pioneiro na introdução destas abelhas em 1851.

Ao final deste capítulo encontra-se uma referência a criação de gado. Para Hermann Blumenau, o gado comum brasileiro era bom e os bois eram excelentes animais de tração, entretanto as vacas produziam leite apenas quando amamentavam. Observava que o sul do Brasil não possuía um bom plantel de gado leiteiro europeu e introduzi-lo em Santa

⁷³ Javradeira: ferramenta usada para abrir o encaixe na extremidade das aduelas dos tonéis no qual se embutem os tampos (javres).

⁷⁴ BLUMENAU, Hermann. Op. Cit. p.237.

⁷⁵ Idem, p. 239.

Catarina seria um negócio lucrativo. As sociedades entre 5 ou 6 emigrantes também são sugeridas para produção dos derivados do leite.⁷⁶ Para o local de aquisição deste plantel na Europa, Dr. Blumenau indica: “Hamburgo e seus arredores são os melhores lugares para compra de gado, pois como está localizada perto do porto, consegue animais da raça inglesa e holandesa, mas aconselho escolher os melhores e mais produtivos, evitando-se o gado das regiões pantanosas, pois, o mesmo costuma alimentar-se de pastagens altas, as quais não existem no Brasil”.⁷⁷

No terceiro e último capítulo deste *Guia*, encontram-se as informações necessárias sobre *A partida do torrão natal e a chegada à nova pátria*. Neste caso, as informações são comuns as diversas profissões. Hermann Blumenau faz referência a sua obra *Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã* onde descreve a região. Neste caso chega a citar o empreendimento da *Sociedade Colonizado de Hamburgo de 1849*, proprietária da colônia Dona Francisca, considerando que apesar deste possuir um transporte mais barato, vende as terras por um alto preço. Com este tipo de argumento, conclui seu texto deixando a escolha da melhor localidade para viver “a cargo do emigrante”.

Observamos através deste guia o tipo de informação considerada necessária aos interessados em emigrar. A apresentação das possibilidades de sucesso no novo país poderia ser, assim como os demais meios de divulgação aqui citados, um mecanismo de convencimento ou de repúdio a decisão de emigrar.

⁷⁶ Idem, p.257.

⁷⁷ Idem, p.259.

1.3 – Enviando Notícias

Assim como os relatos de viajantes, as correspondências pessoais de imigrantes possuíam, geralmente, a finalidade de informar aqueles que permaneceram na Europa de que forma viviam os europeus que escolheram a vida nas colônias do sul do Brasil. Entretanto, seus depoimentos foram utilizados, por vezes, pelos interessados em promover a emigração.

Os depoimentos pessoais estão comumente agregados as influências do meio em que viviam. Não se pode ter com clareza a dimensão em que este tipo de interferência determinava o que estaria escrito nas cartas enviadas por colonos para Europa. Percebe-se que grande parte das correspondências e relatos de viajantes retratavam momentos logo após a chegada às colônias. Observamos também que a “construção” de uma espécie de *memória coletiva* sobre o modo de vida que levavam parece comum à boa parte destes depoimentos. Segundo Marina Maluf, “as lembranças pessoais são dotadas de preceitos de comportamento, de apresentação de imagens que não podem ser tratadas como o ‘verdadeiro’ testemunho do privado”.⁷⁸ Para analisarmos este processo seguimos Maurice Halbwachs, considerando que a memória coletiva “evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal”.⁷⁹

O controle sobre o serviço postal destas colônias era uma das preocupações das diretorias administrativas. Entre os “23 Artigos” elaborados pela Companhia Protetora de

⁷⁸ LUCENA, Célia Toledo. Artes de lembrar e de inventar, (re) lembranças de migrantes. São Paulo: Arte e Ciência, 1999. pp 79. apud: MALUF, Marina. *Ruidos da Memória*. pp 40.

⁷⁹ TEDESCO, João Carlos. Memória e cultura. Porto Alegre: EST, 2001. pp 19. apud: HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

Emigrados Alemães e a Província de Santa Catarina para normatizar a emigração, estava a preocupação de não permitir que correspondências privadas ou oficiais enviadas ou recebidas por colonos deixassem de passar “pelas mãos” da direção dos núcleos coloniais.⁸⁰ Enfim, sabe-se que algumas destas correspondências já possuíam fins estabelecidos mesmo antes de sua composição e isto pode ser encarado como fenômeno de influência externa. Além disso, o contexto da leitura poderia fazer com que um mesmo depoimento fosse utilizado tanto para valorizar quanto para denegrir a imagem da vida nestas colônias do sul do Brasil.⁸¹

A grande maioria dos textos arquivados que se tem contato, descreve informações positivas das colônias, e quando possível aconselham aos seus patrícios que permaneceram na Europa a deixarem tudo em troca de uma “vida agradável” no sul do Brasil. Curiosamente, a maior parte destas cartas apaixonadas pelo “novo ambiente” refere-se aos primeiros anos na colônia, quando evidentemente as dificuldades eram consideravelmente maiores. Observa-se que estas dificuldades dos primeiros anos eram comumente descritas como forma de evidenciar a valentia destes imigrantes na busca bem sucedida de uma vida melhor a que tinham na Europa. A intensidade de problemas como a proliferação de doenças⁸², a complicada e violenta relação com a população indígena nativa e as dificuldades para o estabelecimento das primeiras lavouras, motivavam a grande rotatividade destas populações.

As impressões e informações “mais negativas” sobre a imigração para o Brasil são mais facilmente encontradas em relatos e correspondências divulgados na Europa com o

⁸⁰ SALOMON, Marlon. As correspondências, uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí. Editora da UFSC: Florianópolis, 2002. p. 31

⁸¹ Idem, p. 53.

⁸² Segundo Carlos Ficker, em Dona Francisca as atividades iniciadas pelos colonos eram freqüentemente interrompidas com os primeiros casos fatais de desintéria bacilar e tifo. FICKER, Carlos. *História de Joinville: Crônicas da Colônia Dona Francisca*. Joinville: Tupy, 1965. p. 104.

intuito de prevenir sobre as dificuldades que poderiam enfrentar os interessados em emigrar. As maiores queixas de imigrantes que escolheram o Brasil como “novo lar” estavam focadas nas regiões de plantação de café que utilizavam o “sistema de parceria”, onde estes trabalhadores atuavam como substituição da mão-de-obra escrava.⁸³ A gravidade das reclamações motivou o governo da Prússia a dificultar emigração para o Brasil.⁸⁴

As propagandas de companhias colonizadoras destinadas a conquistar europeus interessados em emigrar para as colônias do sul do Brasil utilizavam como meio de divulgação uma série de folhetos. Este material era de grande importância para o processo emigratório, suas informações deveriam conter descrições curtas e positivas sobre o destino.⁸⁵

Em conjunto ao fenômeno emigratório surgiram na Europa do século XIX, uma variedade de periódicos especializados no tema. Nos estados alemães, origens da maior parte dos imigrantes estabelecidos nas colônias aqui pesquisadas, foram fundados vários destes jornais, no entanto, apenas dois deles não tiveram curta duração. O *Deutsche Auswanderer-Zeitung* de Bremen, publicado de 1852 a 1875 e o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, de Rudolstadt, fundado por Günther Fröbel e publicado entre 1846/47 e 1871, foram as exceções.⁸⁶

⁸³ Ler mais sobre este assunto em: DEAN, Warren. *RIO CLARO: um sistema brasileiro de grande lavoura 1820-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

⁸⁴ Em 1859, a Prússia promulgou o chamado rescrito de Heydt, que devido ao mau tratamento sofrido pelos colonos alemães no estado de São Paulo, proibiu a propaganda em favor da emigração para o Brasil. Este, teve um efeito desfavorável sobre os possíveis emigrantes na Prússia e de 1871 em diante, em toda Alemanha. Em relação aos três estados do sul do país, este decreto foi revogado em 1896, no entanto, para o resto do Brasil a proibição nunca foi cancelada. (Léo Waibel, 1949. p.170)

⁸⁵ ALVES, Débora Bendochi. *A propaganda dos expedidores concessionários de Hamburgo e a emigração alemã para o Brasil no século XIX*.

⁸⁶ ALVES, Débora Bendocchi. Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turingia. Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XLI – N.11/12, 2000. p.66.

O *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, da pobre e pequena cidade de Rudolstadt na Turíngia era considerado o mais importante do gênero, sua publicação era inicialmente semanal, mas logo passou a circular com três tiragens por semana. Segundo Débora Bendocchi Alves, “era o melhor veículo de informação que havia para os interessados em emigrar, pois publicava artigos sobre vários países receptores, os nomes dos navios, os preços das passagens, os dias de embarque, as leis alemãs e as dos países de destino em relação à emigração, resenhas de livros especializados, o valor das moedas e o alojamento nos portos”.⁸⁷ No mesmo jornal, havia também um importante espaço dedicado a publicação de cartas pessoais de emigrantes já estabelecidos no Brasil.

Günter Fröbel, herdeiro de uma tipografia e proprietário de um escritório de emigração em Rudolstadt, fundou em 1846 o jornal *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* cujo conteúdo deveria ser constituído de:

Artigos originais sobre teoria e prática da emigração e principalmente regiões mais apropriadas para os emigrantes; resumos de impressões gerais de viagem de interesse dos emigrantes; notícias sobre rotas de viagem, oportunidades e custos da travessia oceânica; informações políticas de interesse dos emigrantes; etc.⁸⁸

Além do “*Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*”, Fröbel passou a editar a partir de 1855 o *Der Pilot – Unterhaltendes Wochenblatt*, um tipo de folhetim que foi mantido até o ano de 1864. O *Der Pilot* publicava uma maior quantidade de cartas dos imigrantes, poesias, pequenos comunicados e anúncios pertinentes á emigração.⁸⁹

⁸⁷ Idem. p.66/67

⁸⁸ RUHE, Rudolf. Para a História da Emigração Ultramarina da Soberania Territorial do Antigo Principado de Schwarzburg-Rudolstadt no século XIX. (tradução de André Werle).

⁸⁹ ALVES, Débora Bendocchi. Op. Cit. Revista Blumenau em Cadernos. p.67/68.

A publicação destas correspondências pessoais em jornais especializados tinha a clara função de incentivar a emigração. As cartas eram um grande veículo de propaganda, pois representavam a voz dos que optaram por emigrar, eram depoimentos pessoais em linguagem simples, geralmente, destinados a familiares que permaneceram na Europa. O material era muito propício para esta função, já os colonos procuravam narrar suas experiências e descrever seu novo país. Alguns aproveitavam estas oportunidades para tentar convencer parentes e amigos a emigrar, no entanto, diferentemente dos artigos publicados pelas companhias colonizadoras e de navegação, não tinham teoricamente a intenção de lucrar com isso.⁹⁰

No entanto, ao analisarmos estas correspondências, devemos levar em consideração que a publicação destes depoimentos tinha um fim estabelecido, e, portanto, possuíam autenticidade questionável. Entendemos, assim como Débora Bendocchi Alves, que “é bem possível que um editor, como Günter Fröbel, por exemplo, tenha, em relação ao Brasil, selecionado aquelas cartas que estavam de acordo com os seus ideais e que tenha excluído os trechos que podiam prejudicar a imagem do país”.⁹¹

A possibilidade de aliar sua agência de emigração com a publicação destes periódicos era de grande valia para Günter Fröbel. A abrangência do *Allgemeine Aswanderungs-Zeitung* extrapolou os limites do continente europeu chegando a circular em vários cantos do mundo, entre eles as colônias Blumenau e Dona Francisca no sul do Brasil.⁹²

⁹⁰ Idem, p.68

⁹¹ Idem, p.68/69

⁹² RUHE, Rudolf. *A Emigração da Soberania de Rodolstadt ao Brasil na metade do século XIX*. (tradução de André Werle).

A influência destes escritos na Europa também poderia ser percebida através de publicações que visavam advertir aos futuros emigrantes sobre as dificuldades que poderiam enfrentar na “nova terra”. Uma destas publicações, *Advertência contra a emigração para o Brasil*⁹³ de W. Schentke, escrita por volta de 1870, apresenta-nos alguns exemplos de dificuldades que deveriam inibir uma possível emigração para a então Província de Santa Catarina.

Ao sul da província do Paraná que ainda se encontra completamente inaproveitada e despovoada, está situada Santa Catarina onde, infelizmente, vegetam duas povoações artificialmente agrupadas, cada uma com 4 a 5.000 indivíduos⁹⁴, com um futuro completamente desolador. É uma região montanhosa coberta de densa floresta, o que torna quase **impossível** a construção de estradas e o transporte de produtos.⁹⁵

A falta de estradas para o escoamento da produção foi realmente um dos mais graves problemas enfrentados pelos colonos de Santa Catarina, no entanto, ao longo da segunda metade do século XIX as colônias mais afastadas do litoral, caso de Blumenau, receberam maior atenção do governo através de investimentos na construção de vias de ligação.

Schentke também alerta para os problemas a que estavam sujeitos os colonos no uso de técnicas agrícolas rudimentares. O autor adverte para um dos aspectos mais

⁹³ SCHENTKE, W. *Advertência contra a emigração para o Brasil*. (tradução de Guido Imaguire/ revisão de Valberto Dirksen).

⁹⁴Esta afirmação é um pouco exagerada, pois uma população de 5.000 habitantes para jovens colônias era razoavelmente grande para a realidade brasileira naquele período.

⁹⁵ SCHENTKE, W. Op. Cit. p.9.

significativos da lida rural nas colônias catarinense: a incompatibilidade entre o uso do arado e a agricultura local. Para ele:

Se, pois, um colono tiver que cultivar sua lavoura com a enxada, como se faz de modo geral em quase toda costa da província de Santa Catarina, para cuja cultura pode alguém em outros lugares usar o arado, então, no aspecto econômico, o primeiro está em significativa desvantagem em relação às demais. Por isso, o colono desta região precisa optar por uma cultura em detrimento da outra. Esta é a razão porque as colônias em Santa Catarina não conseguem progredir⁹⁶.

Observamos através deste tipo de afirmação, que as práticas agrícolas adotadas nas colônias eram vistas, especialmente por estes opositores á emigração, como algo altamente retrógrado e completamente inadmissível.

Denúncias de dificuldades enfrentadas por colonos em Santa Catarina publicadas em jornais, também foram aproveitadas para reforçar este tipo de advertência contra a escolha do Brasil como “novo lar”.

Um jornal Liberal⁹⁷ do Império (Kolonie-Zeitung, diário de Dona Francisca, do dia 4 de dezembro de 1869) menciona, entre outras denúncias contra o governo, o fato de que se tem visto diariamente colonos da Colônia Itajaí voltando esfarrapados e esmolando pão para sobreviver.⁹⁸

Os mapas estatísticos das colônias, ao contrário dos registros de entrada, apresentam dados imprecisos quanto ao abandono dos núcleos coloniais. Mesmo assim, este tipo de denúncia é admissível, pois, nem todos chegavam com as mesmas condições ou

⁹⁶ Idem, p. 9.

⁹⁷ Neste período o poder político brasileiro estava sob dominação do partido Conservador, isto explica, em parte, estas denúncias de um jornal liberal ás atitudes do governo.

⁹⁸ Idem, p.16.

adaptavam-se com facilidade. A alternativa do retorno para Europa, para casos como estes, era uma tarefa de grande dificuldade, já que, na maior parte dos casos, as últimas economias teriam sido gastas para vinda ao Brasil. Como já comentamos, muitos colonos foram iludidos por agentes “vendedores de almas”.

O dito descaso do governo também pode fazer sentido, pois alguns dos pagamentos prometidos aos imigrantes recém-chegados demoravam ou jamais chegavam⁹⁹. No entanto, outra explicação pode estar na então situação política brasileira, como o próprio Schentke alerta, tratava-se de um jornal liberal e neste período o poder político brasileiro estava sob controle do Partido Conservador.

Percebe-se que a publicação de W. Schentke evidencia um “olhar” muito diferente da maior parte das correspondências de colonos ou relatos de viajantes utilizados nesta pesquisa. Seu julgamento sobre a situação das colônias Blumenau e Dona Francisca procurava apontar os insucessos e alertar para a dura vida que levariam seus futuros habitantes. Suas observações enfatizam as adversidades climáticas, os problemas com a população indígena, a falta de escrúpulo dos proprietários destas colônias e a escassez de estradas.

As adversas condições climáticas associam-se com selvagens habitantes da floresta para sufocar esses pobres habitantes de Blumenau e seus objetivos enquanto, justamente eles, são frequentemente usados como exemplo para glorificar o gênio colonizador da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849 e do Senhor Blumenau.

Como Blumenau, também Dona Francisca se arrasta com muletas da subvenção estatal. A colônia está por ora atarefada em

⁹⁹ Este tipo de problema foi objeto de intensos protestos ao final da década de 1870. (MACHADO, P.108/109)

resolver as dificuldades com o arroteamento do terreno que, em geral, caracteriza a província de Santa Catarina de modo que a opinião de um alemão que lá vive só pode ser verdadeira quando diz: “As colônias de Santa Catarina não são aptas para se viver, tanto por falta de bons portos e caminhos, como por falta de qualquer instalação de navegação fluvial e, por causa da inexistência de um povoamento interior, não se deve esperar um desenvolvimento através do comércio e da indústria.”¹⁰⁰

A explícita má vontade de Schentke com a opção pela emigração faz com que sua afirmações sejam carregadas de preconceito. A maior parte dos problemas apresentados fazia parte da realidade de Blumenau e Dona Francisca, no entanto, muitos deles foram sendo suprimidos ao longo dos anos. Na década de 1870, período abordado pelo autor, as duas colônias já completavam vinte anos e muita coisa já havia melhorado. Os índices de produção (apresentados no cap. III) dão conta de que neste período a exportação de uma grande variedade de produtos já era uma realidade constante para as duas localidades.

Escrever para aqueles que permaneceram na Europa era certamente um momento especial de aproximação com sua pátria de origem e com seus entes queridos. O colono alemão Johan August Priestien emigrou para Blumenau em 1855 em busca de uma vida de proprietário rural. Sua origem foi Rothenhausen em Lübeck onde era arrendatário de terras. Sua propriedade era considerada um modelo de estrutura para região, sua experiência e competência nas atividades rurais foram elogiadas por vários visitantes, inclusive por Robert Avé-Lallemant, autor de críticas significativas a esta colônia.¹⁰¹

Em 1868, Priestien publicou um livro contando suas impressões sobre a colônia Blumenau e apresentando conselhos aos que desejassem emigrar para esta região. Em seu

¹⁰⁰ SCHENTKE, W. Op. Cit. p. 25

¹⁰¹ AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. Cit. p.161/162

depoimento, chegou, por vezes, a comparar a vida de “agricultor pobre” na Europa com o modo de vida rural nas colônias do sul do Brasil. No prefácio do livro o autor apresenta claramente sua satisfação com a nova terra.

Eu escrevi para vocês, pais de família que olham com pena o grande número de seus filhos por não estarem, como também comigo acontecia, em condições de alimenta-los devidamente. Para vocês, arrendatários de terras de custosos alugueis que, como também comigo acontecia, vêem escoar-se as melhores forças e os melhores anos de suas vidas, gastam dinheiro inutilmente, atrasando-se de ano para ano, consumindo-se com as suas famílias, para, afinal, quando não estiverem mais em condições de pagar o aluguel, serem despejados sumariamente. Se ainda for tempo, e se ainda puderem salvar os meios para vir para cá, decidam-se de uma vez e venham, que não se arrependirão.¹⁰²

Neste depoimento, chama-nos atenção a preocupação em evidenciar as difíceis condições sociais a que estavam sujeitos os camponeses alemães. A condição de arrendatários era, segundo Priestien, algo inadmissível para aqueles que possuíam condições de emigrar. Observa-se um grande temor da possibilidade de despejo dos campos arrendados.

Este tipo de publicação encontrava-se como um importante instrumento de convencimento dos mais temerosos candidatos a emigrar. O depoimento de Johan Priestien ainda continha uma espécie de “ultimato” destacando as diversas vantagens que a escolha por emigrar poderia proporcionar.

Se tiverdes aí na Alemanha, algum projeto ou proposta vantajosa em vista, não empregueis as vossas

¹⁰²PRESTIEN, Johan August. *Vida de Colono*. **Revista Blumenau em cadernos**. Fundação Cultural de Blumenau. Vol. 7, p.128, 1965. p.25.

economias em qualquer outro meio de vida. Muitos aí caíram em verdadeiras arapucas; muitos foram espoliados, outros estão próximos ao completo esgotamento. Aqui porém, tudo corre limpo e claro, rico e saudável. Por fim, eu escrevi-as para vós, prezados patrícios e colegas, que ansiais por possuir uma pequena propriedade e não tendes os meios necessários para isso e nem para começar aí na velha Pátria algo seguro. Vinde, sem grandes hesitações, para cá eu vos asseguro que não vos arrependereis. Eu sei que vocês aí pagam mais de um aluguel por um alqueire de terra do que pagariam por dez alqueires de terra tão boa como daí. **Aí, um alqueire de terra vos dará apenas uma colheita por ano e aqui, na mesma quantidade vocês podem ter três colheitas por ano.** Naturalmente, o terreno aqui ainda está coberto de mata virgem, que deveis primeiro renovar. Mesmo assim, já no primeiro semestre podereis contar com uma colheita e depois é só plantar e colher sem pagar qualquer imposto ou arrendamento.¹⁰³

Este apelo, repleto de comparações positivas para o lado brasileiro, enfatiza algo de extrema importância para um agricultor: a possibilidade de ao invés de uma poder chegar a ter até três colheitas por ano.

Apesar de em seu livro apresentar-se claramente favorável à chegada de novos emigrantes à colônia Blumenau, Johan Prestien teve seus escritos utilizados como argumento contra a emigração por W. Schentke, em sua “Advertência contra a emigração para o Brasil”.

Segundo August Prestien, um dos mais velhos imigrantes de Blumenau, enquanto o pouco húmus da

¹⁰³ Idem, p.128.

colônia é levado pelas chuvas torrenciais e o solo empobrecido, o adubo necessário não é fornecido por falta de pastagem natural. Acrescenta-se aqui a impossibilidade de valorizar devidamente a colheita por falta de mercado e de comunicação”. Para W. Schentke: Então se compreende porque as colônias Blumenau e Dona Francisca, apesar das subvenções estatais de 1 milhão de Táleres, encaminham-se para a dissolução e que centenas de colonos as abandonam anualmente (de 1870 a 1871 aproximadamente 400 e no ano de 1871 ainda mais¹⁰⁴).¹⁰⁵

O colono Philipp Kirschner e seu irmão Rudolph, emigraram da Alemanha para Colônia Blumenau em 1854, nos anos seguintes passaram a escrever para o irmão Luís, que permanecera em Berlim, informando detalhes da situação em que viviam. Algumas de suas cartas foram publicadas no *Allgemeine Aswanderungs-Zeeitung* e com isso seus depoimentos ganharam grande divulgação. A escolha destas correspondências, certamente, levou em consideração a aparente satisfação destes colonos com a vida no sul do Brasil. Em carta escrita em julho de 1856, Philipp relembra a situação difícil que passaram no ano anterior, mas, declara que a vida na “nova terra” havia melhorado. A mata nativa tinha sentido o efeito dos machados e cedido lugar a campos produtivos e a plantações de cana-de-açúcar e de café. Para ele uma das causas do bom desenvolvimento da colônia Blumenau era o fato de esta ser habitada quase que exclusivamente por alemães. Na mesma carta, Phillip destaca as possibilidades que a nova terra ofereceria aos agricultores:

[...] aqui produzem em abundancia diversas espécies de cereais, todas as frutas alemãs, especialmente batatas, feijão,

¹⁰⁴ Esta informação é de difícil comprovação, pois eram feitos apenas os registros de chegada e não de abandono dos coloniais.

¹⁰⁵ SCHENTKE, W. Op. Cit. p. 24

cenouras e todas as espécies de verduras. Preparamos o nosso pão com as nutritivas raízes de mandioca e eu o acho muito saboroso. Além disso, o nosso solo produz mais uma porção de preciosos gêneros, como: arroz, milho, café e muitas frutas e também cana e tabaco estão sendo cultivados com muito sucesso. **Ao agricultor, pois, oferece a nossa terra tentadoras possibilidades.**¹⁰⁶

O depoimento evidencia a importância dada a mandioca na alimentação dos colonos de Blumenau. A substituição do trigo – (cereal que pertencia à base alimentar destes europeus) pela mandioca (tubérculo de consumo intensivo entre índios, caboclos, etc.) é um aspecto de grande relevância para esta interação entre os imigrantes e o meio natural.

Em carta para o irmão Luís também escrita em julho de 1856, Rudolph procura descrever sua atividade rural. Estas informações poderiam ser de grande valia aos futuros emigrantes. Rudolph afirma que as colheitas de arroz, de cana-de-açúcar e de milho não foram positivas, mas ao contrário disso, a batata e especialmente o feijão tiveram ótimos resultados. Observamos os bons resultados e a importância dada por estes colonos de Blumenau a culturas tradicionalmente tropicais como o milho e a cana-de-açúcar.

A criação de animais, atividade comum a maior parte dos colonos, também é citada por Rudolph, segundo ele, “a manutenção de cavalos¹⁰⁷, mulas, bois, porcos e de toda sorte de aves, é de pequeno custo e poucas dificuldades, já que esses animais, em grande parte, são postos em pastos e a outra parte é alimentada de frutos que aqui há com abundância. Os pastos são excelentes e apresentam aos olhos uma vista bem agradável”. Esta reserva de uma área de pastagem para os animais, comentada pelo colono, é condição essencial neste tipo de pequena propriedade.

¹⁰⁶ KIRCHNER, Philipp e KIRCHNER, Rudolph. *Interessante Correspondência. Blumenau em Cadernos*. Fundação Cultural de Blumenau, Vol. 7, p. 196/197, 1966. (grifos meus)

¹⁰⁷ Na Europa, a posse de cavalos era praticamente restrita aos nobres. Esta é outra importante transformação na vida destes imigrantes, já que este passa a ser um animal de importância fundamental para transporte e tração. O Cap.III apresenta dados estatísticos da evolução do patrimônio animal nas colônias aqui estudadas.

A dificuldade de adaptação climática, comum à boa parte dos colonos, não foi problema para Rudolph Kirschner que destacou as virtudes do clima subtropical:

Quanto ao clima, tenho também que testemunhar de que me sinto satisfeito. Os meses mais quentes são os de janeiro, fevereiro e março, que constituem a força do verão. Há naturalmente, durante esta época do ano comumente das 7 até as 10 horas da manhã um forte calor mas também, e só neste tempo, sopra um vento fresco do mar, o qual purifica o ar e alivia o corpo, de sorte que se suporta qualquer serviço durante todo o dia. O calor a que faço referências, aliás, não é tão forte que não se possa suportar, como muitos talvez pensem aí na Alemanha. Ele atinge, no máximo, poucos graus mais do que na nossa pátria. Em contrapartida nós temos inverno e não temos que nos queixar de problemas sérios de saúde. Entretanto o nosso chamado inverno se caracteriza aqui por uma temperatura de 15° Reaumur (**19°C**)¹⁰⁸, que sobe até 20 (**25°C**) graus ao meio dia para descer novamente a 11° (**14°C**) e 12° (**15°C**) à noite. Segundo as minhas observações, durante todo o ano nós não tivemos mais de 30 noites com temperatura menor de 10°, das quais 3 até 6 com apenas uma pequena queda de geada. Em fevereiro e nos meados de março há muitos temporais.¹⁰⁹

Esta visão do clima Blumenauense deixa clara a preocupação em valorizar a colônia.¹¹⁰ As comparações com o clima europeu demonstram que as adversidades do calor brasileiro eram foco de grandes preocupações de parentes e amigos que permaneceram no velho continente. Rudolph, assim como vários outros colonos e viajantes, preocupou-se em

¹⁰⁸ Conversões de graus Reaumur para Celsius com valores aproximados.

¹⁰⁹ Idem: p.199/200.

¹¹⁰ Em função de sua posição geográfica, colocada entre morros, Blumenau é considerada uma das cidades mais quentes de Santa Catarina.

apontar similaridades entre o clima europeu e dos estados do sul e conseqüentemente diferencia-lo do resto do país.

Como procuramos evidenciar, as intenções daquele que escreve estavam comumente relacionadas com as expectativas e curiosidades de seu futuro leitor. As cartas para a família tinham, muitas vezes, a missão de tranquilizar aos que na Europa permaneceram, procurando evidenciar os aspectos positivos de sua escolha. Para grande parte dos colonos, já não era mais tempo de se arrepender da escolha. Uma boa interação com este “novo ambiente” em que passaram a viver era obrigatória, pois um retorno a Europa já era inviável. Aqueles que escreveram sobre suas lembranças dos primeiros anos na colônia geralmente retratavam estes momentos com um sentimento de vitória sobre os tempos difíceis. Para Célia Lucena, a *“Arte de lembrar” é um ato de recuperação do “eu” e a história de vida é uma interpretação atual da vivência do passado*¹¹¹. É possível observar uma certa uniformidade nos depoimentos daqueles que “rasgam” elogios à “nova terra”. Este sentimento pode ser entendido através da análise de Michael Pollak sobre *memória coletiva*. Sua visão sobre este fenômeno ressalta o *enquadramento da memória*.

Estudar as memórias fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar os sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividade de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem

¹¹¹ LUCENA, Célia Toledo. Artes de lembrar e de inventar, (re) lembranças de migrantes. São Paulo: Arte e Ciência, 1999. p.79.

uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis¹¹².

A análise dos depoimentos utilizados nesta pesquisa deve levar em consideração este possível *enquadramento de memória coletiva*. O processo de *seleção* do que deve ou não ser retratado nas cartas pessoais evidencia o valor deste tipo de documentação.

Portanto, a utilização destes depoimentos como fonte de pesquisa apresenta-se como um importante instrumento de reflexão para o estudo sobre o modo de vida rural das colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina. As diversas visões sobre o meio natural, considerado receptivo para alguns e repulsivo para outros, ampliam nosso leque de informações sobre o processo emigratório. A intencionalidade dos depoimentos, com seus interesses, explícitos ou não, demonstram-nos o grande interesse que estes geravam na Europa. A emigração gerava, além do deslocamento de milhares de pessoas, grandes interesses políticos e econômicos. As diversas companhias de navegação e colonização objetivavam em primeiro lugar o lucro. Ao lado disso, estava o interesse de países como o Brasil em substituir a mão-de-obra e ocupar seus territórios com população branca de homens livres. Todo este contexto gerava, como vimos através destes vários depoimentos, grandes contradições ou, simplesmente, formas diferentes de observar o mesmo lugar.

¹¹² POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. **Estudos Históricos**. Vértice, nº3, pp 9, 1989.

CAPÍTULO II

O IMIGRANTE E A FLORESTA

Viver nas colônias de imigrantes em Santa Catarina significava, especialmente nos primeiros anos, morar literalmente na floresta. Esta noção pode ser observada nos vários depoimentos sobre a vida nas colônias, especialmente em cartas de colonos e relatos de viajantes. O estabelecimento de núcleos coloniais em áreas florestais consideradas desabitadas desencadeou ao longo dos anos um grande processo de interação entre imigrantes e a mata.

A vegetação do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina onde foram fundadas as colônias Blumenau Brusque e Dona Francisca é formada pela Floresta Ombrófila Densa, mais conhecida como Floresta Atlântica da região sul. Esta formação é caracterizada por imponentes árvores de alturas que atingem entre 25 e 30 metros.¹¹³

A fundação destas colônias nas matas fechadas da então Província de Santa Catarina modificou em muito a paisagem destas regiões. É evidente que a derrubada de grandes áreas florestais não foi “privilégio” destes que lá habitaram. Enormes porções de florestas nativas foram destruídas em todo território brasileiro, na maior parte dos casos feita de forma irracional pelos grandes latifundiários, visando a exploração em grande escala nas monoculturas de café (Sudeste) e cana-de-açúcar (Nordeste) e, sobretudo, o crescimento desenfreado das grandes cidades.

Uma descrição da atual formação geográfica da região onde se encontram as cidades de Blumenau, Brusque e Joinville, diferiria em muito da descrição feita por colonos e

¹¹³ Geografia do Brasil. Vol.2. Região Sul. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. p.117/118

viajantes durante a segunda metade do século XIX. As razões que levaram a estas mudanças estavam automaticamente ligadas as necessidades das famílias que para ali se transferiram. A mata e a lavoura não poderiam ocupar o mesmo espaço e a roça era inicialmente seu único meio de subsistência.

Procuramos neste capítulo, analisar as diversas formas de interação entre colonos e a mata nativa, dando ênfase, inicialmente, às diferentes maneiras como imigrantes e viajantes observavam e percebiam a floresta a sua volta.

2.1 Viajantes, Imigrantes e suas impressões sobre a floresta de Santa Catarina.

A decisão de emigrar revelava como consequência imediata um grande afastamento do modo de vida europeu. Entretanto, além de alguns de seus bens materiais este emigrante carregava consigo uma “outra bagagem”, suas lembranças, conceitos e significados, geralmente relacionados com suas heranças culturais. Entre os diversos elementos que compunham esta “bagagem”, se reveste de grande relevância para esta análise: a forma como percebiam a floresta. Para Simon Schama, “nem todas as culturas abraçam natureza e paisagem com igual ardor e as que as abraçam conhecem fases de maior ou menor entusiasmo. O que os mitos da floresta antiga significam para uma cultura européia nacional pode traduzir algo totalmente diverso em outra cultura”.¹¹⁴ Desta forma, entende-se que o mesmo ambiente natural pode significar um lugar obscuro e assustador ou um ambiente exclusivo da nobreza ou ainda um local de curiosidade e admiração, sendo determinado pela forma como cada indivíduo percebe a floresta.

¹¹⁴ SCHAMA, Simon. Paisagem e Memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.25.

A identidade de um povo é, muitas vezes, construída através de representações paisagísticas. “Na Alemanha, por exemplo, a floresta primitiva era o lugar de autoafirmação tribal contra o Império Romano de pedras e leis”.¹¹⁵ Schama ressalta que a identidade nacional perderia muito de seu fascínio feroz sem a mística de uma tradição paisagística particular¹¹⁶. Memórias e identidades são fenômenos subjetivos, não são coisas fixas, mas representações ou construções da realidade.¹¹⁷ Entendemos, assim como Stuart Hall¹¹⁸, que as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações.

A “bagagem de significados”, a que nos referimos anteriormente, certamente não foi esquecida por aqueles que emigraram para as colônias do sul do Brasil, entretanto, desde os primeiros contatos com o “novo ambiente” ela passa a sofrer transformações.

A grande maioria dos imigrantes germânicos que procuraram o Brasil durante o século XIX era de origem camponesa. A terra, a paisagem, sua vegetação e suas criaturas estavam perfeitamente integradas a suas vidas¹¹⁹. “O camponês europeu convive realmente com seus campos e seu gado, abrigando este, sua família e seus agregados, não raro sob o mesmo teto”.¹²⁰ Para Maurice Halbwachs, “é, portanto muito natural que uma família e a terra não se desliguem um da outra, no pensamento comum”. É desta forma, que entendemos que as dificuldades impostas pelo meio físico a que passaram a viver milhares de famílias de imigrantes estabelecidas no sul do Brasil eram reforçadas por suas fortes ligações culturais com seu país de origem. Segundo Emilio Willems, “nenhuma das

¹¹⁵ Idem: p.25.

¹¹⁶ Idem: p.25

¹¹⁷ GILLIS, John R. *Commemorations: the politics of national identity*. Princeton: Princeton University Press, 1994. p.3

¹¹⁸ HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. 4ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.47/50

¹¹⁹ WILLEMS, Emilio. *Assimilação e Populações Marginais no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.p. 28.

¹²⁰ Idem: p. 29.

manifestações culturais típicas dos grupos rurais seria concebível fora de um determinado meio [...] Nada mais estranho e triste do que um campônio legítimo fora de seu meio nativo, mesmo que seja num ambiente rural, entre homens que são camponeses com ele”.¹²¹

A maior parte das colônias fundadas no sul do Brasil ocupou grandes áreas da Mata Atlântica até então praticamente desabitadas por brancos. Esta região apresentava-se como um local de difícil acesso, sua grande biodiversidade era algo completamente distinto ao que estavam acostumados. As florestas europeias já não existiam desde meados de 1700, portanto eram desconhecidas dos europeus do século XIX. Estas áreas foram submetidas a milhares de anos de impactos de agricultura, pecuária, vida urbana, quando não de plantios e replantios intencionais e de grande escala. As florestas conhecidas pelos futuros emigrantes foram totalmente plantadas e apresentavam-se como áreas florestais domesticadas e controladas pelo homem. Desta forma, as enormes diferenças entre estes bosques plantados pelos europeus e a mata nativa que se tornou o novo lar de muitos imigrantes poderiam ser rapidamente percebidas.

Por existirem estas significativas diferenças entre estas florestas domesticadas da Europa e a floresta sul brasileira, consideramos equivocadas afirmações como a de Carlos Hunsche:

[...] o mais importante para os alemães, foi que as terras estavam cobertas de florestas, as quais até então eram considerados pesos mortos, abandonados ao domínio das feras e dos bugres. A raça germânica, desde tempos imemoriais, tem preferido as florestas a tal extremo que mesmo a sua religião parece influenciada por reminiscências selváticas, podendo-se afirmar que o estilo mais típico das suas igrejas – o gótico, com suas longas

¹²¹ Idem: p.30/31.

naves e seus altos arcobotantes – representa uma repetição em pedra, do seu amor pelos bosques.¹²²

Os alemães que emigraram para o sul do Brasil não escolheram o estabelecimento nas florestas, visto que estes locais, desprezados pelos brasileiros, eram os únicos espaços disponíveis para a fundação de colônias. Que as origens dos alemães possuem significativas ligações com a floresta, não questionamos, entretanto, os ambientes são extremamente distintos e a estrutura da floresta meridional brasileira certamente não foi um elemento facilitador para os colonos, pelo contrário, tornou-se responsável por suas maiores dificuldades nos primeiros anos.

A vida no “novo ambiente” necessitava de alguns ajustes nos costumes e conseqüentemente nos significados e conceitos trazidos da Europa pelos colonos. Não poderíamos afirmar que os imigrantes adaptaram-se (com seu modo de vida europeu) na floresta da forma como a encontraram em sua chegada. A dita adaptação ocorreu através de ajustes em suas “bagagens de significados” aliadas às transformações ocorridas na floresta ao longo da ocupação pelos colonos. Por esta razão, desconsideraremos o conceito de adaptação, passando a tratar este processo como um “ajustamento”. Para João Baptista Borges Pereira, em sua obra *Italianos no mundo rural paulista*¹²³, “é ponto pacífico que esta integração entre homem-natureza não se faz num plano de entendimentos tão perfeito, [...] a ação do homem não se limita apenas em interpretar, a dar sentido a paisagem, mas também trabalhá-la a fim de conformá-la às suas necessidades”.¹²⁴

¹²² HUNSCHE, Carlos H. *O Biênio 1824/25 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro – Secretaria de educação e Cultura, 1975. p.15

¹²³ PEREIRA, João Baptista Borges. *Os italianos no mundo rural paulista*. São Paulo: Edusp, 2002.

¹²⁴ Idem: p.63/64

Para o imigrante recém chegado, a floresta era ao mesmo tempo o “novo lar” e “um desafio a ser vencido”. Pode parecer um pouco contraditório, entretanto, a necessidade de derrubada de grandes áreas de mata nativa seria uma etapa natural para o surgimento das primeiras plantações. Os colonos ajustam a floresta de acordo com suas necessidades e ao mesmo tempo em que ajustam-se ao “novo meio” com novos hábitos.

Sobre o processo imigratório no sul do Brasil, Willems¹²⁵ considerou duas formas de mudanças culturais: as endógenas e as exógenas. A primeira é decorrente das condições sociais internas, acrescidas de certas imposições do meio físico, enquanto a segunda teve sua origem em contatos com a população nativa. Uma das principais fontes de mudanças endógenas estava diretamente ligada a composição social dos próprios imigrantes. “A heterogeneidade dos núcleos coloniais era, em face da profunda diferenciação cultural da Alemanha rural, um fator que não admitia, geralmente, a transmissão deste ou daquele tipo de cultura regional”. Desta forma, entendemos que a “reconstrução de significados” foi determinada também por este tipo de interação social. Embora, para o próprio Willems, a maior parte das mudanças endógenas tenha ocorrido em função do meio físico.¹²⁶ A forma de interação com a mata desencadeou várias destas mudanças culturais ocorridas na vida destas famílias européias.

Veremos a seguir, algumas impressões sobre a floresta, especialmente de áreas da então província de Santa Catarina, onde foram fundadas algumas colônias de imigrantes. As correspondências de colonos e os relatos de viajantes aparecem-nos como importantes instrumentos para análise da interação entre imigrantes e a floresta e de como esta era

¹²⁵ WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no sul do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980. p.106

¹²⁶ Idem: p.107.

percebida nestes depoimentos. A mata nativa da região foi descrita em seus pequenos detalhes, misturando, por vezes, impressões de estranhamento e admiração.

O interesse pelo estudo da vida na selva trouxe ao Brasil no século XIX um grande número de cientistas, naturalistas ou simplesmente viajantes. O território brasileiro tornava-se um grandioso laboratório para estes estudiosos.¹²⁷ Em Blumenau, por exemplo, instalou-se o pesquisador Dr. Fritz Müller (colaborador e amigo de Charles Darwin com quem mantinha freqüente correspondência), onde conheceu e pesquisou a fundo a fauna e flora da região.

Entre os interessantes depoimentos sobre a floresta do sul do Brasil estão os textos de Hermann Blumenau. Na busca de terras para instalação de uma colônia na Província de Santa Catarina, Dr. Blumenau e Fernando Hackradt, seu parceiro naqueles anos, percorreram as terras que estavam às margens do Itajaí Açu. Para José Ferreira da Silva, a majestosa floresta de abundante caça e madeiras de lei, as terras férteis de fácil manejo e a natureza exuberante, lhes deslumbraram, empolgando-lhes para ali estabelecerem a dita colônia. A escolha da região entre a o ribeirão Garcia e foz do ribeirão da Velha como sede da Colônia explicava-se, por este ser o último ponto francamente navegável do rio Itajaí Açu. Desta forma, o transporte da Colônia Blumenau às demais regiões da Província e do País poderia iniciar pelo seu leito¹²⁸.

Em seu primeiro contato com a floresta da região onde dois anos mais tarde seria fundada sua colônia, Hermann Blumenau evidencia, através de uma carta aos seus pais em 21 de abril de 1848, sua admiração pela paisagem do vale do Itajaí, assim descrevendo-a:

¹²⁷ Sobre este assunto ver: SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹²⁸ SILVA, José Ferreira da. *História de Blumenau*. Florianópolis: Edeme, 1972. p. 33

Quanto mais para cima eu chegava, mais bela a terra se tornava e jamais havia visto paisagens tão maravilhosas como no Rio Benedito e Rio dos Cedros. As gigantescas árvores, os cipós e trepadeiras, as diversas espécies de bambus, as flores com suas cores incandescentes como o vermelho escarlate, o amarelo, algumas azuis e lilá, estendendo sua sombra às margens do rio, em volta de águas plácidas. O silêncio absoluto, apenas quebrado pelo grasso do galo silvestre, que em bando levantava vôo e, sobre isso, estendia-se majestosamente uma paz indescritível, um ar agradável, impregnado de perfume – foram maravilhosos estes dois dias que passei lá em cima, na mais completa solidão, onde antes de mim nenhuma pessoa civilizada havia estado.¹²⁹

Ao afirmar que “jamais havia visto paisagem tão maravilhosas” deixa claro sua impressão extremamente positiva desta floresta. Como parte integrante deste objeto admirado está o agradável silêncio, interrompido apenas pelo canto das aves.

Em sua obra *Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã* Hermann Blumenau relata sobre as florestas que compõe a região sul do Brasil, descrevendo suas árvores comparando-as com as formações florestais européias.

Não se deve imaginar que a floresta sul-brasileira se compõe exclusivamente de árvores muito grandes, excetuando-se as figueiras selvagens e as araucárias, cujos troncos são às vezes de uma altura e grossura monstruosas. No geral, o diâmetro dos troncos é igual ao de uma floresta alemã desenvolvida, porém a parte aproveitável desses troncos alcança uma altura maior até o início dos primeiros galhos. A grossura dos troncos depende da proximidade de outras árvores e da fertilidade do solo, tanto mais

¹²⁹ BLUMENAU, Hermann. Carta aos pais, 21 de abril de 1848. In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli. (ORG.) *Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil*. Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p.35.

grossos troncos, mais próximas às árvores, mais valiosas as madeiras, tanto maior, portanto, o rendimento para todos os tempos, mas também maior é o trabalho da derrubada. Há uma diferença muito grande entre a floresta do sul do Brasil e a tropical, principalmente nas baixadas fluviais, freqüentemente alagadas. Na Europa, dificilmente se conseguiria fazer idéia desta última.¹³⁰

Esta última afirmação, quanto à dificuldade dos europeus em compreender esta floresta meridional brasileira reforça a idéia de que a floresta pode possuir significados diferentes em cada cultura. Possivelmente, mesmo aqueles emigrantes europeus mais integrados e identificados com o que entendiam como floresta não tiveram facilidade na adaptação inicial ao “novo ambiente”. Para o Dr. Blumenau, as poucas semelhanças entre uma floresta alemã desenvolvida e a floresta sul brasileira encontravam-se no diâmetro da maior parte das árvores.

Pe. Arcângelo Ganarini, em sua obra *Noticias de Brusque e Nova Trento* (1880)¹³¹, refletiu sobre as dificuldades dos primeiros europeus estabelecidos no vale do Itajaí Mirim em se habituarem à vida na floresta sul brasileira. O “olhar” deste tirolês italiano sobre a floresta, entendia-a como algo assustador e misterioso. Assim, apresenta-nos mais uma forma como a mata da região poderia ser percebida pelos europeus que por ela passaram.

Interessante é agora conhecer-se as aventuras de viagem dos primeiros que por ela transitaram com a família e bagagem, agravadas pelo temor de animais ferozes e cobras venenosas e sob a

¹³⁰BLUMENAU, Hermann. Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã. In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) *Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil*. Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p.75.

¹³¹ GANARINI, Dom Arcângelo. *Noticias de Brusque e Nova Trento*. *Revista Blumenau em Cadernos*. Vol 1/11, 1959.

apreensão de acharem-se assim internados em tão sombrias florestas e longe dos povoados. É indefinível a sensação que experimenta todo aquele habituado à vida da cidade ou de povoado ou somente de terras cultivadas, onde a vida se espraia por longo trato, ao sentir-se como sepultado entre árvores gigantescas, sem uma casa, sem uma nesga de terreno que apresenta vestígios de cultura humana.¹³² (...) Por toda parte a mesma monotonia da floresta, impedindo o exame da configuração do terreno em que encontramos ocasiona tristeza, que aumenta com os bramidos estranhos nunca ouvidos por quem não seja dos mais corajosos. Por mais de uma vez tem-se visto famílias, dois ou três dias após sua partida para as terras distantes, voltarem atrás ao primeiro sítio, por não terem podido resistir ao terror de encontrarem-se em um lugar tão ermo¹³³.

O viajante Robert Avé-Lallemant, ao visitar as colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina da então Província de Santa Catarina em 1858, manteve olhar atento a flora e fauna da região. As florestas foram alvo de grande parte de suas observações relatadas em sua obra *Viagens para Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo*. Em sua passagem pela colônia Dona Francisca assim relatou: “muito me chamou atenção a ordem existente na colônia. Uma grande planície conquistada à mata virgem, de um lado à margem do rio, do outro cercado por volumosas colinas e pela mata virgem, é cortada, em ângulos retos, por estradas conservadas enxutas por meios de valas laterais”.¹³⁴

Suas impressões já incluíam a interferência dos imigrantes nas transformações da floresta existente. A região onde foi fundada a colônia Dona Francisca e onde hoje está a

¹³² Idem: Vol.2, p.38.

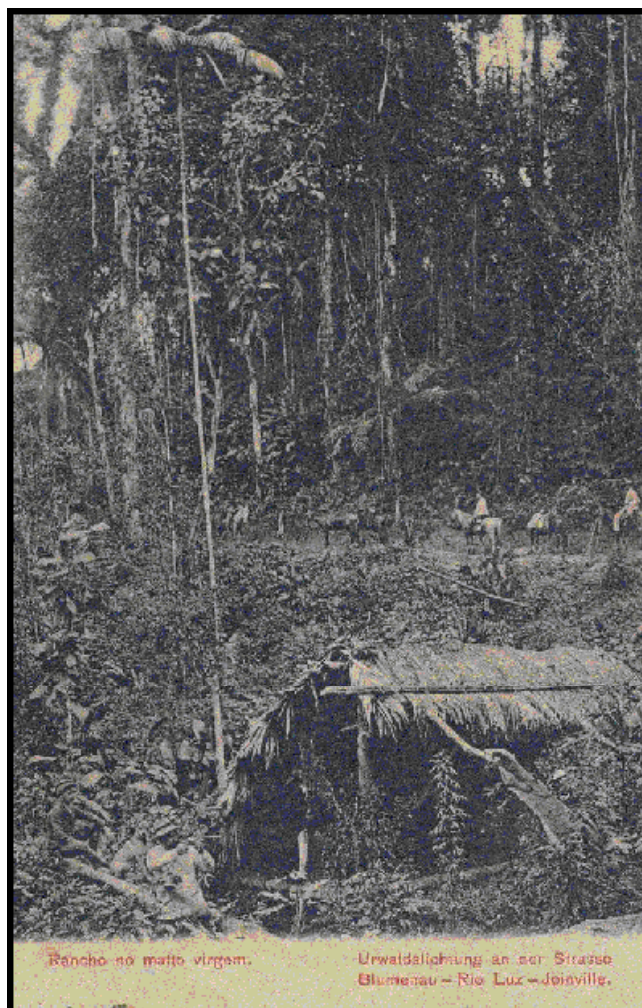
¹³³ Idem: Vol.3 p.59.

¹³⁴ AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens para Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo*. São Paulo Ed. Itatiaia, 1980. p.181.

cidade de Joinville possui um solo bastante alagadiço e úmido. Esta característica foi observada por Avé-Lallemant em um de seus passeios pelas terras da colônia.

Quando se anda, essa frouxidão do solo é muito sensível, especialmente para quem vai na frente. A cada momento a gente atola a perna até o joelho no lamaçal, em lugares que pareciam completamente sólidos, servindo isso de advertência ao companheiro que vem atrás, além do humor que desperta, pois, todo o passeio tem algo de original, como um passeio com obstáculo.¹³⁵

Expedição pela floresta



(Fig. 2) Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

¹³⁵ Idem: p.197.

Numa de suas incursões pela floresta nativa da Colônia Dona Francisca Avé-Lallemant percorreu diversas paisagens e além de descrever algumas vegetações, não deixou de observar e relatar a presença das arapongas da região.

Ao descambar o sol é particularmente forte a gritaria da araponga, que se cala imediatamente depois do sol posto. Por isso ela é um profeta do tempo. Quando a araponga grita na orla da floresta pode-se contar com bom tempo, mas quando grita o uru nas brenhas da serra, vem chuva. Em nossa picada, na mata além do lugarejo não ouvimos mais a araponga. Apenas aqui e ali, sussurrava um pássaro assustado, na copa das árvores, ou passava murmurando, um regatinho, que tínhamos de atravessar, saltando e trepando, conforme exigiam as circunstâncias. A direção reta da picada é freqüentemente interrompida por troncos que caem sobre o caminho. Em toda parte descem, das arejadas frondes, milhares de delgadas cordas de aráceas, enquanto enchem as alturas as bromeliáceas, orquidáceas e fetos trepadores.¹³⁶

Estas informações demonstram o detalhamento das observações sobre a mata nativa. O vale do Itajaí também foi alvo de análise de Robert Avé-Lallemant. Em seus percursos pela floresta onde foi fundada a colônia Blumenau, parecia encarar ao mesmo tempo aquele “mundo natural” como um inimigo a ser derrotado e um paraíso poético a ser admirado.

Como deve ser soberbo o Itajaí ao tempo do carnaval, quando a mata ostenta toda sua riqueza floral e milhares de variegadas borboletas adejam em volta dos aromáticos cálices das flores e neles sorvem o orvalho do céu. [...] Penetramos na mata e, ao longo do rio, vencemos todos os obstáculos que a mata virgem

¹³⁶ AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit. p.197.

oferece ao viandante. Troncos de árvores caídos formam as mais estranhas barricadas, trepadeiras trancam o caminho; é preciso contornar blocos de pedra ou empregar pés e mãos para voltear uma viçosa palmeira que pende sobre um riacho. Esse passeio é uma excursão de ginastas. Entra em ação a espingarda de caça e do alto de esbelto araçazeiro cai magnífico tucano, que fornece excelente sopa e apetitoso assado. Então começa o rio a bramir com mais violência. Saímos da mata para o leito do rio, entremeados de pedras negras, por entre as quais passa o Itajaí sussurrando numa multidão de cachoeiras. Magnífico cenário silvestre da mata virgem que, estando nas sombreadas pedras da margem tranqüila, a gente não cansa de contemplar!¹³⁷

O naturalista e cientista Fritz Muller, também proprietário de terras na colônia Blumenau, manifestava uma percepção diferenciada dos demais colonos em relação à mata, mas mesmo assim, não escapou de problemas dentro da floresta nativa. Um destes casos é assim relatado por ele em uma carta à Alemanha para sua irmã Röschen:

Ainda preciso contar-te que uma vez quase perdi a vida no mato. Havíamos cortado árvores e estávamos partindo os galhos espalhados no chão. Encontrava-me entre os galhos de uma laranjeira, quando ouvi chamar o meu nome e vi que o palmito que Augusto (seu irmão) estava cortando, caía em minha direção. Não pude fugir tão depressa e o tronco bateu na minha cabeça. Caí sangrando, no chão. Logo, porém, recuperei os sentidos e com compressas que fiz durante toda a tarde, melhorei bastante. Mas, ainda hoje, muito sol faz mal à minha cabeça. Cortar árvores aqui na mata é muito perigoso, pois, muitas vezes, a direção da queda dos troncos cortados é desviada por cipós e outras plantas.¹³⁸

¹³⁷ Idem: p.164/165

¹³⁸ MULLER, Fritz. Carta para sua Irmã Röschen. In: *Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro – 1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p.149.

Hugo Zoeller, encarregado pelo proprietário do jornal “Koelnischer Zeitung” a viajar pelas colônias de imigração alemã no Brasil para narrar suas impressões, revela em sua obra um título bastante sugestivo e curioso para esta análise: *Os alemães na floresta brasileira*. Escreveu suas observações sobre o que encontrou em sua viagem as colônias Blumenau e Dona Francisca quase 30 anos após a fundação destas. Procurou percorrer os vários cantos das regiões de floresta nativa, preocupando-se em detalhar algumas das plantas que encontrou inclusive as espécies introduzidas pelos imigrantes no processo de “ajustamento” ao novo meio.

[...] Entre as plantas ornamentais quero mencionar as numerosas palmeiras (coco e tamareiras não vingam por aqui) na sua maioria introduzidas, entre as quais salienta a Palmeira Imperial (Maximiliana Régia) e a Palmeira Anã Européia e mais o Bambu gigante curiosamente trazido de uma estufa da Bélgica. Aqui se desenvolveu uma variedade que dentro de alguns anos crescem em alturas gigantescas e cujo caule atinge um diâmetro de 12,5 cm. Existem agaves Kohtecn (cactus), maravilhosos Epheu (hera), violetas (em agosto), camélias (em julho), rosas (durante o ano todo), cravos, azaléias Stielmutterches etc. As árvores de maior diâmetro e alturas semelhantes ao carvalho eram as figueiras (variedade Ficus) e os cedros (fornecem madeira para caixas de charutos e é material excelente para canoas) entrelaçados por centenas de variedades de trepadeiras. Uma infinidade de plantas parasitas, (na verdade Epífitas), orquídeas, gravatás que nas bases das folhas retém água formando um habitat para um peculiar mundo de insetos e até caranguejos*. Ao seu lado a Imbaúba, a árvore mais característica, dezenas de variedades de bambus,

* O autor refere-se aos caranguejos dos manguezais de Dona Francisca.

Riziumbaum, mamonas, palmitos, mais abaixo alguns musgos, samambaias, gramíneas, framboesas européias (morangos silvestres crescem somente no planalto) nós moscada silvestre e dezenas de outras frutas. [...] Nota-se uma abundancia de palmitos (*Euterpe edulis*) miúdos da altura de um dedo até a altura de uma casa de dois pavimentos. Os brotos desta planta úteis fornecem um legume que, preparado com óleo e vinagre, é muito saboroso.¹³⁹

Em suas excursões pelas florestas do médio vale do Itajaí, Zoeller afirmava invejar as crianças que lhe acompanhavam de vez em quando, pois eram geralmente mais informadas que seus pais e avós sobre o mundo selvagem. Os homens especialistas em percorrer a mata fechada tiveram suas técnicas observadas pelo jornalista. Segundo ele, o mateiro legítimo andava descalço nas incursões, como, aliás, era comum na região, não por falta de recursos, mas sim por comodidade, desprezava qualquer calçado.¹⁴⁰

Nas práticas rurais, assunto do nosso próximo capítulo, a derrubada e queimada da mata nativa para o preparo das primeiras lavouras era uma necessidade eminente. A utilização da coivara proporcionava a abertura de imensas clareiras e modificava rapidamente a paisagem da região. Este acontecimento representava para os colonos uma importante e vitoriosa conquista. Esta técnica rudimentar, inadmissível para os olhares críticos atuais, era utilizada a cada ocupação de um lote colonial.

Através das correspondências entre colonos e seus familiares que permaneceram na Europa é possível analisar a forma como percebiam e “ajustava-se” a floresta. O colono Philipp Kirschner e seu irmão Rudolph, citados no capítulo anterior, informam, em suas cartas, detalhes da situação em que viviam na floresta. Philipp, em 1856, em carta ao seu

¹³⁹ ZOELLER, Hugo. Os alemães na floresta brasileira. *Revista Blumenau em Cadernos*, Blumenau, Vol. 5. p.145, 1990.

¹⁴⁰ ZOELLER, Hugo. Op. cit. p.145.

irmão Luís, deixa clara sua idéia de floresta como adversária ao desenvolvimento e destaca que a mata nativa tinha sentido o efeito dos machados e cedido lugar a campos produtivos e a plantações de cana-de-açúcar e de café.

Em contrapartida, já em 1882, Hugo Zoeller demonstra, através de seu relato, sua preocupação quanto a grande destruição da Mata Atlântica onde foram instaladas as colônias Blumenau e Dona Francisca.

Lamentavelmente o homem destrói desnecessariamente a natureza e somente ao atingir um nível mais elevado de cultura restaura com muito trabalho pequena parte do destruído. Também não são raras as clareiras causadas por temporais, mas nunca apresentam um aspecto tão triste como o destruído intencionalmente pelo homem.¹⁴¹

O mesmo tipo de inquietação pode ser observado em um artigo escrito em 1900 por Richard Hinsch¹⁴², então diretor da Estação Agropecuária de Salto Weissbach. Neste texto, além de outros assuntos, descreveu o envolvimento dos colonos agricultores com a floresta nos primeiros anos da colônia, e observou, como Zoeller, a imagem da destruição da floresta.

Certamente, um pedaço de mata destruído por machado e fogo não causa impressão poética, nem tão pouco idílica. Os troncos amontoados e enegrecidos pela fumaça oferecem uma visão desoladora. As árvores mais próximas às margens da mata, com suas folhas marrons, ressecadas e sapecadas pelo fogo, guardam luto pela devastação cometida. Aqui e acolá, em meio a algum vão

¹⁴¹ Idem: p.145.

¹⁴² Richard Hinsch foi diretor da Estação agropecuária de Salto Weissbach. Escreveu em 1900 um artigo orientando os colonos a respeito dos procedimentos adequados para o melhor aproveitamento do solo e as atividades de preparo da terra. Este texto foi publicado no jornal Der Urwaldsbote em 1900 por ocasião dos cinquenta anos de Blumenau e republicado em edição bilíngüe em junho de 2000 na Revista Blumenau em Cadernos com tradução de Brigitte Kretschmar.

livre sobra uma árvore que já estava morta antes do desmatamento, esticando espantosamente seus galhos desfolhados em direção ao céu.¹⁴³

Esta consciência crítica diante da destruição da floresta é geralmente reconhecida como um fenômeno atual inspirado em movimentos norte-americanos e europeus. No entanto, observamos através de depoimentos como estes a existência de uma preocupação ambiental no século XIX. E mais que isso, a obra de José Augusto de Pádua, “Um sopro de Destruição” nos apresenta uma série de textos e discursos políticos dedicados à crítica ambiental da destruição florestal ocorrida no Brasil durante os séculos XVIII e XIX, escritos por brasileiros como José Bonifácio e Joaquim Nabuco.¹⁴⁴

Consideramos, que para analisarmos esta relação entre o imigrante e a floresta, especialmente neste processo destrutivo da mata, devemos, além de considerar as “bagagens culturais” anteriormente citadas, procurar entender o homem pelo seu tempo. Seus valores, suas informações e seu contexto eram muito distintos dos nossos atuais. Não devemos, e não podemos julga-los com nossos olhos de hoje. Nesta pesquisa, procuramos entendê-los sob a ênfase do trabalho rural, do seu lazer e de sua sobrevivência, mas também não pretendemos justificar seus atos.

Para entendermos melhor o que passou a representar esta floresta sul brasileira na vida destes colonos, verifica-se que a floresta chegou a emprestar o título ao maior jornal na colônia Blumenau: *Der Urswaldbote*, ou seja, “O correio da selva”. Outros vários textos, de colonos ou viajantes, identificavam a vida nestas colônias como a vida nas florestas, com

¹⁴³ HINSCH, Richard. Documentos originais: O desenvolvimento da agricultura em Blumenau. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, Vol. 6. p. 9, 2000.

¹⁴⁴ PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de Destruição: Pensamento político e Crítica ambiental no Brasil Escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2002.

esta aparecendo como adjetivo comum em vários depoimentos. Um exemplo disso é o texto de Hugo Zoeller, aqui analisado, conhecido como *Os alemães na floresta brasileira*. Podemos perceber que este sentimento de habitantes da floresta foi incorporado a vida dos colonos.

Enfim, procuramos aqui, refletir sobre as possíveis formas de compreensão da floresta. Observamos que as transformações na forma em que os colonos percebiam a floresta meridional brasileira ocorreram através de um “ajustamento” entre ambos.

A interação com o “novo ambiente” representou importantes mudanças culturais para os imigrantes. A floresta, que inicialmente era encarada como uma inimiga a ser derrotada, passa aos poucos a ser aliada dos colonos. Em diversas propriedades rurais foram mantidas pequenas reservas de mata nativa e que ainda hoje podem ser observadas¹⁴⁵. Durante muitos anos, eram destas florestas que saíam cabos para suas ferramentas, o material necessário para uma residência ou galpão, o alimento proveniente das caças, etc.

2.2. Vida e trabalho na floresta subtropical atlântica.

Desde o primeiro contato, seja na prestação de serviços para colônia ou na ocupação de seus lotes, imigrantes recém chegados estavam expostos a algumas adversidades até então desconhecidas. Do clima diferenciado à mata fechada e seus animais considerados selvagens, tudo poderia ser razão para desilusões e tristezas. É evidente, especialmente se resgataremos as memórias de alguns colonos, que nem tudo eram “espinhos” e os bons momentos desta interação entre o imigrante e a mata também marcaram a história destas colônias.

¹⁴⁵ Sobre a manutenção de reservas de mata observadas atualmente, devemos levar em consideração a série de leis ambientais promulgadas nos últimos anos.

Família de imigrantes durante a derrubada da mata

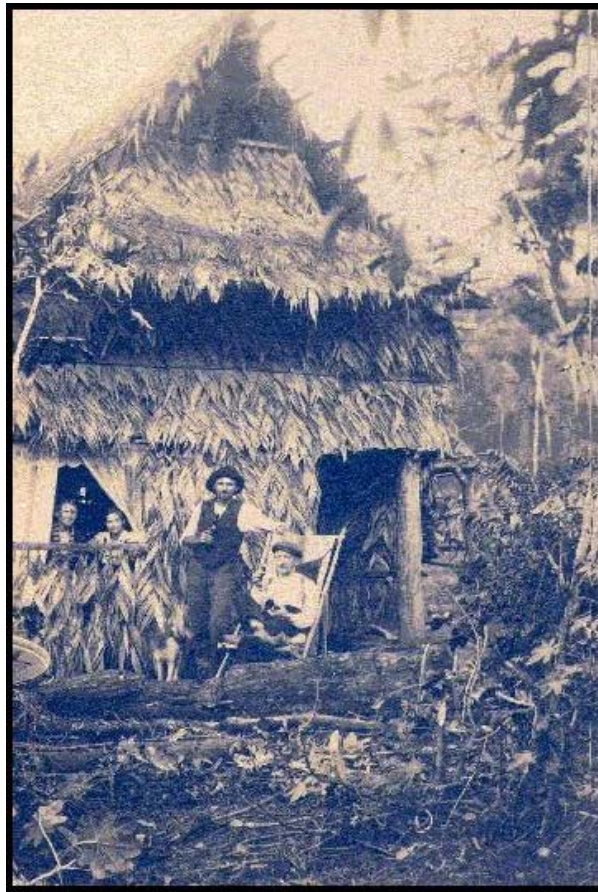


(Fig. 3) Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Ao adquirir um lote colonial, o primeiro passo, após a demarcação, era a construção de uma moradia onde fosse possível ao imigrante alojar-se com sua família. Neste momento, reconhecendo as difíceis circunstâncias, não restaria outra alternativa, senão, construir sua primeira casa utilizando, basicamente, matéria prima retirada da própria floresta. Estas e outras necessidades proporcionaram, especialmente nos primeiros tempos, uma circunstancial aproximação com a população cabocla. O modelo implantado era totalmente inspirado nas residências dos caboclos da região. O tipo primitivo da casa do

colono deixava muito a desejar e este era o retrato da vida sem privilégios a que estavam sujeitos.

Residência feita de troncos e folhas de palmeira



(Fig. 4) Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

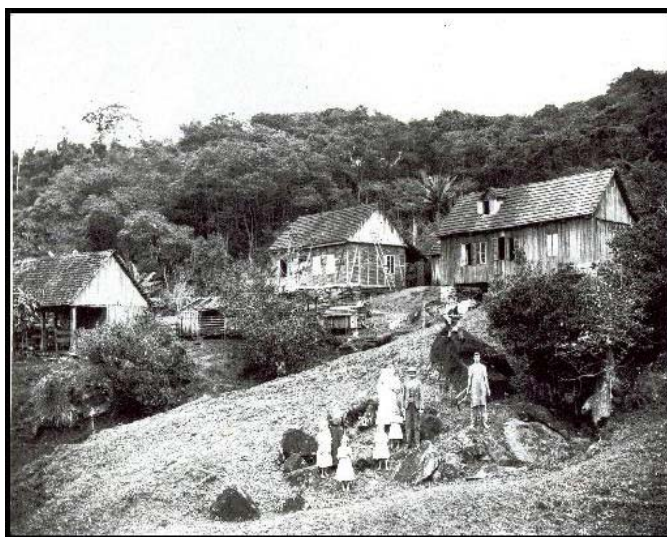
As palmeiras forneciam quase toda matéria prima necessária à confecção da casa primitiva: os troncos partidos e ligados por cipó formavam as paredes; as folhas entrelaçadas e amarradas às ripas, serviam de teto. Uma amarração de paus e cipó encostada a uma das paredes substituía o leito. Troncos de árvores e caixotes substituíam a falta de cadeiras e mesas.¹⁴⁶ Os ranchos consistiam em quatro postes que sustentavam um telhado de folhas de palmeira. Os currais para porcos e gado também eram feitos, como

¹⁴⁶ FERRAZ, Paulo Malta. Como viviam os primeiros colonos. In: **Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950**. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p.151.

entre os caboclos, com varas de bambu ou palmito, ou estacas fincadas de modo a oferecer proteção contra a chuva. O interior da ‘casa’ era dividido em dois ou três cômodos. Um deles era a cozinha e a sala de estar onde havia um fogão aberto. Simples aberturas sem vidraças, mas fecháveis, serviam para ventilação. A choupana era feita rusticamente e o chão batido substituíra o assoalho.¹⁴⁷

Com o crescimento econômico, os colonos passam a construir casas que vão se diferenciando dos ranchos de caboclos. As habitações passam a ser mais confortáveis, evidenciando suas experiências, cultura e tradições da terra de origem. Neste momento, o material de construção para casa e rancho já eram tabuas cortadas na serraria. Agora se tratava de uma casa de madeira bem feita e construída sobre pilares. A área era retangular e de 30 a 40 metros quadrados, o chão era assoalhado. O telhado era puxado para trás, cobrindo geralmente a cozinha. A chaminé de tijolos era levantada no lado de fora da cozinha.¹⁴⁸

Casa de imigrantes construídas com tábuas de madeira.



(Fig. 5.) Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

¹⁴⁷ Idem: p.215.

¹⁴⁸ Idem: p.215.

Foi apenas numa terceira etapa do desenvolvimento econômico que os colonos chegaram ao modelo de habitação que melhor combinou os traços europeus com alguns novos adotados na nova pátria. “A casa de tijolos com madeiramento a mostra, tipo enxaimel, com telhado puxado para frente para cobrir uma varanda, janelas com vidraças e chão assoalho. A casa de madeira antiga continua, não raro ao lado da construção mais recente e serve de cozinha ou paiol”.¹⁴⁹

Casas construídas em estilo enxaimel



(Fig. 6) Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

A abundância de palmeiras nestas áreas foi freqüentemente relatada nos vários depoimentos deixados por colonos e viajantes. Além de fornecerem troncos e folhas para construção de moradias e ranchos, ofereciam os palmitos, que logo se tornou um legume de grande valor para alimentação das famílias imigrantes.¹⁵⁰ Para Robert Avé-Lallemant, quando cozidos, os palmitos assemelhavam-se aos aspargos.¹⁵¹

¹⁴⁹ Idem: p.215.

¹⁵⁰ Idem: p.145

¹⁵¹ AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit. p.194.

Entre os alimentos retirados da floresta que fizeram parte da vida dos colonos ainda estavam algumas aráceas*. Lallemand, assim as descreveu: “Enquanto as múltiplas aráceas crescem nos lugares úmidos em grandes exemplares e oferecem variado alimento ao colono, como o taiá** e o mangarito***, sobe os mais altos troncos de árvore e forma folhagem nos intervalos uma arácea trepadeira, um filodendro”.¹⁵²

Na visão de um imigrante alemão estabelecido em Blumenau, as transformações nos hábitos alimentares poderiam desencadear alguns “efeitos colaterais”. Em carta a seu cunhado na Alemanha, o colono Friedrich Ernst Weise apresenta uma curiosa justificativa para transformação na aparência dos europeus do norte. Segundo ele, “os primeiros tempos na floresta não passam sempre como se desejaria. Não há, todavia, problemas com o calor; acostuma-se logo. Perde-se um pouco da cor rosada, mas que volta. **Isto se deve à alimentação, pois não se está acostumado com as frutas do sul.** (“Der Pilot”, nr. 31, 4 de agosto de 1857)”¹⁵³

O mesmo Ernst Weise relata em outra correspondência sua impressão sobre a alimentação brasileira. A fartura de alimentos é por vezes destacada. Considerava que os alimentos, de forma geral, não eram muito diferentes dos consumidos na Alemanha. A diferença mais lamentada estava no pão. O clima da colônia não era propício para produção de trigo, o que determinou sua substituição por milho e mandioca. No entanto, Ernst Weise

* Aráceas: Grande família de plantas floríferas, monocotiledôneas, formada por plantas mais ou menos herbáceas, embora não de raro de grande porte, e que habitam, em geral, as matas sombrias e úmidas. As plantas tem, quase sempre, rizomas tuberosos, vários deles comestíveis. Vivem sobretudo na zona tropical, e há quase 2000 espécies, numerosas brasileiras.

** Taiá: Erva da família das aráceas, originária da América Tropical e muito cultivada como alimento, de folhas longamente pecioladas, de tonalidade azulada, e que, picadas e cozidas, servem como couve.

*** Mangarito: Erva da família das aráceas, de origem incerta, produtora de rizoma farináceo e comestível, cujas grandes folhas sagitadas e cobertas de pruína azulada, e que alcança uns 50 cm de comprimento.

¹⁵²Idem: p.192.

¹⁵³ ALVES, Débora Bendocchi. Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turingia. **Revista Blumenau em Cadernos**, Tomo XLI – N.11/12, 2000. p.70.

observou também uma importante vantagem na alimentação brasileira. O clima mais ameno permitia manter os animais nas pastagens durante o ano inteiro, conseqüentemente reduzia os gastos com ração, e isto era uma garantia de poder ter muito mais carne disponível a um menor custo. Além disso, a caça era permitida nas florestas brasileiras possibilitando outra fonte de alimento aos colonos (“Der Pilot”, nr. 32, 11 de agosto de 1857). O colono John. Georg Heinrich Weise, irmão e parceiro de Friedrich Ernst, comentou sobre a oferta de caça em Blumenau em uma de suas cartas publicadas no “Der Pilot”. Segundo ele “Não há falta de carne; carne selvagem há em abundância. Um pouco antes de minha chegada meu irmão caçou uma onça e capturou uma segunda numa armadilha na floresta. Ele também mata várias galinhas por dia. (“Der Pitol”, nr. 30, 28 de julho de 1857)”

A caça é mais uma interessante atividade para compreendermos as transformações do significado da floresta da Europa para o sul do Brasil. De prática exclusiva dos nobres na Europa, as caçadas de animais selvagens tornaram-se possíveis aos mais humildes imigrantes nas florestas meridionais brasileiras. A caça é incorporada como uma das principais atividades de lazer dos colonos. Nos seus passeios pela mata, Hugo Zoeller preocupou-se em observar os animais selvagens e as possibilidades de caça para os colonos.

As condições de caça não são regulamentadas e a existência de caça é esporádica. Num ponto, abate-se milhares de animais; noutro, procura-se em vão por dias e semanas caças. Eu encontrei no mato somente beija-flores verdes, papagaios de cor verde e cinza, periquitos, arapongas, lagartos, sapos-boi (do tamanho de um gato) e rastos recentes de um cervo maturo escutei uma vez ao longe o bramido dos monos, mas o que mais me agradou foi a visita a um lindo representante dos jardins e das florestas brasileiras em

meu quarto. [...] Era um beija-flor verde e branco do tamanho da falange do meu dedo¹⁵⁴.

Em seu livro *Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã*, Hermann Blumenau destaca a importância de um cachorro de caça para o futuro colono.

Em todos os lugares, encontram-se cachorros ruins e entre estes, em grande quantidade, os repugnantes sem pêlo, como também aqueles típicos comuns de canela longa, sem raça definida. Porém faltam bons cachorros de raça, principalmente cães de caça, cujo preço é impraticável, mas que fazem o melhor para que não falte carne aos colonos estabelecidos na mata. Nem sempre é possível consegui-los, por isso é aconselhável que o imigrante traga consigo cachorros, casais ou fêmeas, de boa raça e de utilidade.¹⁵⁵

W. Lacmann em sua obra “Ritte und Rasttage in Südbrasilien - Reisebilder und studien aus dem Leben der deutschen Siedelungen”,¹⁵⁶ publicada em 1906, descreve a ocasião em que tomou parte de uma “turma de mato”, liderada por um agrimensor e que tinham a tarefa de medir terras na região da Hamônia (Ibirama). Neste contexto, subindo o rio Hercílio a bordo de uma canoa, relata em pormenores aspectos da fauna e flora. Fica evidente, em sua curta descrição, que a caça acontecia à medida que a “turma de mato” se deslocava em seu trabalho habitual. Não se parava o trabalho para caçar em busca de provisões. Lacmann descreve seu “primeiro jantar” num rancho montado para passar a noite, jantar este com carne de jacu, abatido à margem do rio, à medida que as canoas avançavam. Relata ainda, que no dia seguinte, os dois cães que faziam parte da

¹⁵⁴ ZOELLER, Hugo. Op. cit. p.146.

¹⁵⁵ BLUMENAU, Hermann. *Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã*. In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) **Um alemão nos Trópicos – Dr.Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil**. Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p.65.

¹⁵⁶ LACMANN, Willhen. *Ritte und Rasttage in Südbrasilien - Reisebilder und studien aus dem Leben der deutschen Siedelungen*. Berlin: Verlag Diertrich Reimer, 1906.

“expedição”, em determinado momento, mostravam-se agitados por terem farejado alguma caça. Soltos na margem, logo localizaram um veado, o qual acuado, atirou-se no rio, onde foi abatido a tiros, reforçando substancialmente as provisões do grupo.

De acordo com Lacmann, o ato de caçar fazia parte do cotidiano de trabalho do colono na mata, visto que normalmente se fazia acompanhar de uma arma de fogo. Era uma maneira de garantir ou enriquecer a alimentação.

Percebemos que esta atividade representava mais um passo no “ajustamento” entre colonos e a mata nativa do “novo ambiente”. Um exemplo disso é a fundação de sociedades de caça e tiro em várias colônias. Estas associações passaram a organizar freqüentes festejos junto às florestas. Um “velho colono” blumenauense assim relatava suas memórias:

A Primeira “Casa dos Atiradores” era muito modesta, mas satisfazia seus objetivos. Tudo ao redor ainda era floresta e, por isso, as festas se realizavam à sombra refrescante das frondosas árvores. Nos dias festivos, eram montadas barracas uma ao lado da outra, protegidas pela espessa folhagem das árvores gigantescas, que filtravam os raios do sol. As paredes das barracas eram de “ripa”, provenientes dos palmitais, e o teto coberto com folhas de palmeiras. Ao local acorria toda Blumenau, tornando-se um verdadeiro acontecimento popular.¹⁵⁷

Como vemos aqui, a vida na floresta também proporcionava aos colonos o contato com uma grande diversidade de animais selvagens. Contratando com as prazerosas caçadas esta proximidade também era responsável por algumas situações de perigo. Especialmente nos primeiros anos, ataques de animais selvagens considerados perigosos, como cobras e

¹⁵⁷ Conversa de um Velho Colono Blumenauense. Joinville: Calendário *Der Volksbote*, 1903. In: DEEKE, José. **O município de Blumenau e a História de seu desenvolvimento**. Blumenau: Nova Letra, 1995. p.71.

onças, tiraram tranqüilidade de algumas famílias. As cobras da espécie “Jararaca” eram as mais freqüentes e perigosas. Uma preocupação com este tipo de problema foi levantada por Hermann Blumenau ainda em 1850 em sua obra *Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã*. O texto atua, neste caso, como uma espécie de “manual de primeiros socorros”. A atitude a ser tomada em caso de mordida de cobras venenosas foi assim receitada pelo Dr. Blumenau:

[...] deve-se abrir o ferimento com uma faca e chupar o veneno, que é inofensivo internamente, aplicando um torniquete com um barbante ou cipó acima do ferimento, colocando no mesmo a mistura acima mencionada e tomando 5 a 8 gotas da mesma diluída em água ou cachaça, a cada 30 minutos, até começar uma transpiração forte, e o tratamento estará terminado. A finalidade deste tratamento é excitar o sistema nervoso e provocar a transpiração e, para tanto, a mistura acima mencionada é a mais indicada. Caso não tenha à mão esta mistura, deve-se usar cachaça em grande quantidade, mascar fumo e engoli-lo, ou bater e sacudir a vítima até que esta esteja meio-morta ou banhada de suor.¹⁵⁸

Dr. Fritz Muller, grande estudioso da vida animal, teve durante toda sua longa vida na Colônia Blumenau uma relação muito estreita com a mata nativa. No entanto, assim como todos os outros colonos, ele estava sujeito a problemas com animais selvagens. Em carta a sua irmã Röschen, Müller descreve um curioso ataque de onça ocorrido junto a sua propriedade.

Ultimamente nossa vida teria decorrido muito calma, se não fosse algo que apavorou toda colônia: uma visita repetida de onças ou jaguares. Uma manhã contou-me um vizinho, que durante a noite um tigre, como aqui também denominam as onças, devorara

¹⁵⁸ BLUMENAU, Hermann. *Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã*. In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) **Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil**. Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p.77.

seu cachorro. Não quis acredita-lo, porém logo duas noites após, apareceram mortos dois porcos de meu vizinho e, na manhã seguinte, encontramos no caminho uns rastos de animal, que devia ser muito grande e devia estar acompanhado por um outro menor, do tamanho de um gato bem grande. Preparamos, logo, as espingardas, as armadilhas e guardamos bem os animais. À noite, depois de ter notado o desaparecimento de um cachorro, um grito repentino fez acordar meu irmão Augusto. Em companhia de S..., meu irmão foi ao chiqueiro e viu que duas tábuas do teto estavam separadas e no chão encontrava-se um porco morto. Pelas marcas de sangue, via-se que a onça já erguera sua presa no teto. Ambos, então, pegaram o animal morto e o amarraram a um tronco de árvore, próximo a casa, quando reapareceu a onça, que foi recebida com dois tiros. Por um pequeno instante, a fera estacou. Depois fugiu aos saltos para a mata. Na manhã seguinte, seguimos por muito tempo as marcas de sangue, mas, desde então a fera não mais apareceu.¹⁵⁹

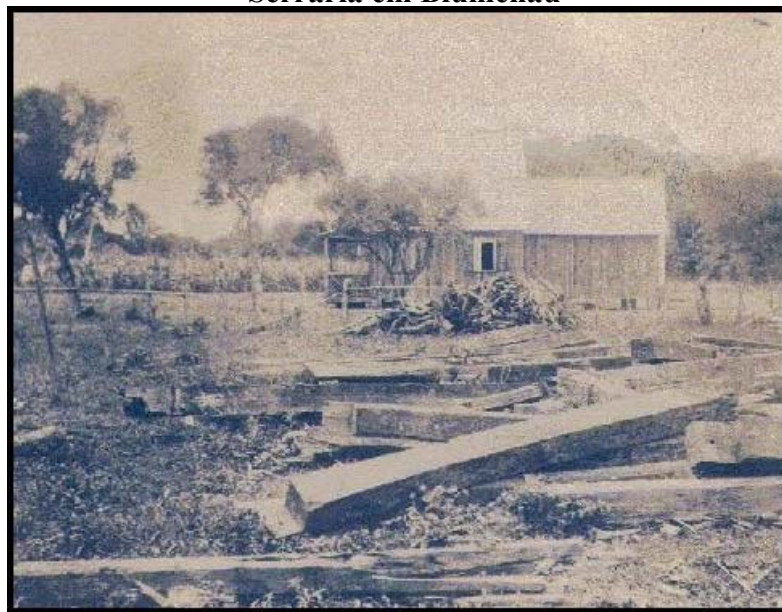
Estes percursos na mata tinham no facão um grande aliado para abertura de caminhos e picadas. Segundo os relatos de viajantes, guias, manuais e depoimentos de colonos, esta ferramenta era indispensável para vida na floresta. Hugo Zoller destacou a importância deste instrumento, segundo ele: “Para abrir uma brecha no emaranhado da floresta usa-se um facão e um outro menor que é a faca de caça. Quando bem afiado cada golpe corta os galhos e cipós como se fosse manteiga ou queijo. No início se tem dificuldade, mas aos poucos se pega o jeito que consiste somente em golpear o galho da árvore no ângulo certo”.¹⁶⁰

¹⁵⁹ MULLER, Fritz. Carta para sua Irmã Röschen. In: **Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro – 1950**. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p.150.

¹⁶⁰ ZOLLER, Hugo. Op. Cit. p.145.

Ao lado dos cultivos agrícolas, outra atividade comercial envolvendo o imigrante e mata ganhou espaço na vida das colônias: o comércio de madeiras serradas. Esta era certamente, uma das atividades onde o confronto entre imigrantes e a floresta se deu de forma mais intensa e longa. O surgimento de serrarias ao longo do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina demonstram-nos a importância destes empreendimentos para economia local. Com a matéria prima facilmente disponível esta se tornava, geralmente, uma atividade muito lucrativa.

Serraria em Blumenau



(Fig.7) Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

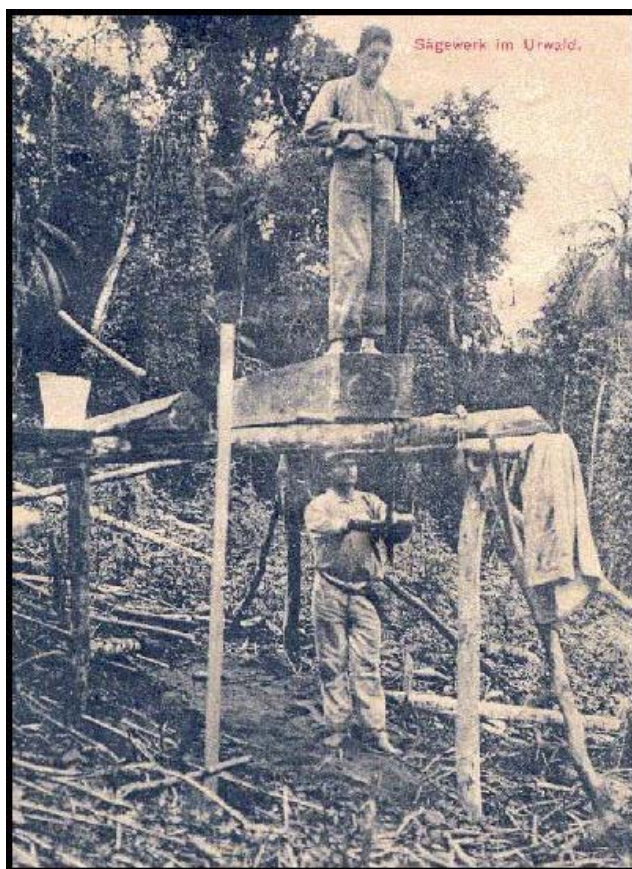
Ainda em 1850, Hermann Blumenau observou as perspectivas deste comércio de madeiras, embora destacasse que o rendimento no corte destas árvores seria maior que na Europa, tinha consciência que as dificuldades na derrubada também são maiores.¹⁶¹

¹⁶¹ Idem: p.231.

O colono Rudolph Kirschner, numa de suas correspondências em 1856, procurou descrever a mata blumenauense e suas possibilidades econômicas, onde destacou a atividade madeireira.

As florestas de Blumenau são ricas de grandes árvores e como a colônia é cortada de cursos d'água, há facilidades para instalação de engenhos de serrar. As tábuas são muito procuradas e podem ser serradas à vontade. [...] A natureza ostenta sempre o seu magnífico verde, só que no tempo do verão o verde é mais escuro do que nos meses de inverno.¹⁶²

Colonos serrando madeiras



(Fig. 8) Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

¹⁶² KIRCHNER, Philipp e KIRCHNER, Rudolph. Interessante Correspondência. *Blumenau e Cadernos*. Blumenau, Vol. 7. p.199/200, 1996.

O Importante papel exercido pelo comércio de madeiras serradas na economia destas colônias também pode ser compreendido através dos documentos oficiais. Os relatórios e os quadros estatísticos anuais nos dão conta do número de serrarias existentes em cada colônia ao longo dos anos. Estes estabelecimentos eram enquadrados ao lado de alambiques, engenhos de açúcar, de farinha e de moer grãos, como indústrias de transformação de produtos. Podemos observar em todas colônias aqui estudadas, um alto crescimento no número de serrarias, o que assegura a importância dada a esta atividade extrativa. Em Blumenau, por exemplo, de três estabelecimentos deste tipo existentes em 1861 a colônia passou a ter trinta e dois em 1880.¹⁶³

Outro exemplo da importância da indústria madeireira pode ser percebido através do mapa estatístico da colônia Dona Francisca em 1868¹⁶⁴. Neste, observamos que dos 206:000\$000 réis adquiridos com a exportação, o comércio de madeiras serradas foi responsável por cerca de 56:000\$000 réis, aparecendo como o principal produto exportado no ano.

O relatório provincial de 1875¹⁶⁵ procurou apresentar as origens da atividade madeireira em Brusque. Segundo este documento, a maior parte dos primeiros colonos, fracos agricultores, se o eram, não haviam encontrado incentivo para os trabalhos agrícolas, mas lutando com toda sorte de dificuldades, e principalmente falta de vias de comunicação, trocaram o arado pelo machado, a enxada pela serra, e entregaram-se a preferência pelos

¹⁶³ COLOMBI, Luiz Vendelino. *Blumenau: da economia de subsistência à industrialização (1850-1880)*. **Revista Blumenau em Cadernos**. TomoXLII – N.1/2, 2001. 81

¹⁶⁴ Dados obtidos no Décimo sexto Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.13/14. **Acervo**: AHJLLE – Trad. Helena Richlin

¹⁶⁵ *FALA DIRIGIDA Á ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 21 DE MARÇO DE 1875 PELO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1875*. p.93. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

corte de madeiras. Segundo o mesmo relatório, esta estava sendo a causa maior do tardio desenvolvimento registrado nas colônias catarinenses.

A troca da produção pela extração aliada a valorização da madeira e um comércio mais imediato teria sido a grande motivação para esta escolha, já que a plantação aparecia como um objetivo em longo prazo. Em contraposição a este processo de derrubada de grandes áreas de mata, alguns imigrantes também foram responsáveis por um processo inverso, a introdução de espécies vegetais exóticas.

Hugo Zoller, durante sua visita as colônias de Santa Catarina, esteve atento a estas tentativas. O grande esforço do Dr. Hermann Blumenau em aprimorar a agricultura de sua colônia com a introdução de novas plantas teria tido como consequência desagradável à introdução involuntária de ervas daninhas. Estas teriam sido utilizadas como plantas ornamentais, mas em 1882, ano da visita, já dominavam grandes áreas.¹⁶⁶

O jornalista ainda preocupa-se em diferenciar os resultados obtidos com plantas trazidas por Blumenau e Dona Francisca. Segundo ele, em Blumenau, de uma maneira geral, as árvores florestais não se aclimatizaram, mas legumes e verduras deram excelentes resultados. Das árvores florestais, somente alguns exemplares de carvalho, faia (Buche), Tília (Linde), betuba (Birke), não haviam se adaptado. A única fruta alemã que havia se aclimatizado completamente e produzido mais do que em qualquer parte da Europa, era o pêssego. Morangos cresciam bem, mas, maçãs, pêras, ameixas aprilots, cerejas, uvas, uva espim (Stochelbure) groselha e olivas não havia na colônia. Já em Dona Francisca, os resultados eram outros. As frutas com excelentes desempenhos na região eram as bananas, laranjas, Mésperas Brasileiras, Wolnesse, castanha do Pará e mangas. Entre os legumes

¹⁶⁶ ZOLLER, Hugo. Op. Cit. p144

européus os melhores resultados tinham sido obtidos com ervilhas, feijão, aspargo, repolho e alface.¹⁶⁷

O conhecido interesse do Dr. Blumenau pela introdução de espécies de plantas exóticas, também se fez aparecer por seu sobrinho, Vitor Gaertner, que por volta de 1870 plantou na Colônia Blumenau o primeiro “Pinus Elliotis” (também conhecido como “pinheiro alemão”) em terras Brasileiras. Duas mudas trazidas da Alemanha foram plantadas ao lado da Igreja Protestante e após muitos anos alcançaram um imenso porte.¹⁶⁸ Hoje esta espécie de pinheiro é bastante difundida em varias regiões do Brasil. Entre as suas finalidades comerciais está a fabricação de móveis por um baixo custo. As grandes madeiras geralmente possuem grandes áreas desta espécie, visto que o seu rápido crescimento permite um reflorestamento constante. Entretanto, a qualidade destas madeiras serradas é muito baixa e a durabilidade dos seus móveis é freqüentemente pequena.

Assim como nos dias de hoje, as excessivas chuvas causavam no século XIX sérios problemas para os habitantes de Blumenau, Brusque e Joinville. Os prejuízos nas lavouras eram notadamente os mais sentidos pelos colonos, pois, neste caso, a recuperação das perdas poderia demorar muito tempo.

A desinformação sobre as razões desta acentuada precipitação atmosférica na região pode ser percebida em alguns trechos dos relatórios anuais da Sociedade Colonizadora de Hamburgo. Em 1854, ao relatarem sobre Dona Francisca, os responsáveis pela colônia observavam que todos os colonos expressavam-se favoráveis a respeito do clima ameno e da temperatura agradável, só se queixavam da chuva em demasia, que impedia os trabalhos de cultivo. Par este problema, uma conclusão hoje absurda para nós foi tirada pela direção.

¹⁶⁷ Idem, 144.

¹⁶⁸ Pioneirismo. **Revista Blumenau em Cadernos**. Maio de 1968. Vol. 9. p. 99/100.

Segundo eles, a experiência mostrava que a chuva tendia a diminuir com o desmatamento da mata e por isso no futuro, com o avanço do fogo e do machado, poderiam ter em vista a garantia de uma precipitação atmosférica menos intensa, sem que, depois da retirada da mata viesse a faltar a umidade necessária ao clima quente.¹⁶⁹ No ano seguinte, o depoimento da direção confirmava esta convicção. Observavam que o crescimento das clareiras feitas nas florestas havia controlado as chuvas que castigavam os primeiros anos de Dona Francisca.¹⁷⁰

Este tipo de argumento infundado pode também ter sido utilizado como argumento para um desmatamento descontrolado. Mesmo considerando o desmatamento justificável na perspectiva do trabalho rural, vemos esta posição como algo muito mais próximo de uma estratégia propagandística do que uma certeza absoluta.

Este excesso de chuva a que acabamos de nos referir aliado a este solo extremamente alagadiço proporcionava, além dos graves problemas econômicos, a propagação de doenças.

O alto índice de mortalidade entre os colonos nos primeiros tempos da Colônia Dona Francisca estava relacionado em diversas circunstâncias com os constantes alagamentos enfrentados.¹⁷¹ Segundo Carlos Ficker as atividades iniciadas pelos colonos eram freqüentemente interrompidas com os primeiros casos fatais de disenteria bacilar e tifo.¹⁷² Entre os temas mais abordados nos relatórios anuais da sociedade colonizadora de Hamburgo, estavam justamente as condições de saúde dos colonos. No relatório referente

¹⁶⁹ Dados Obtidos no Terceiro Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin. p.45/46.

¹⁷⁰ Dados obtidos no Sexto Relatório da Sociedade Colonizadora da Hamburgo de 1849. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin. p.80.

¹⁷¹ FICKER, Carlos. Transformação étnica e social do imigrante e da língua alemã em Santa Catarina. In: **Blumenau em Cadernos**. novembro de 1970. Vol. 11. p.210.

¹⁷² FICKER, Carlos. *História de Joinville: Crônicas da Colônia Dona Francisca*. Joinville: Tupy, 1965. p.104.

ao ano de 1855, seus responsáveis afirmam que a mortalidade havia diminuído muito em relação aos anos anteriores. Justificavam esta redução pela abertura de maiores extensões de clareiras e cultivos, aos cuidados com a dieta e o modo de vida, necessários para rápida aclimatação, mas, que não eram levados em consideração pela maioria dos primeiros imigrantes. Além disso, a chegada de médicos capacitados também teria tido papel importante nesta melhoria nas condições de vida.¹⁷³

Em seu depoimento sobre o clima do vale do Itajaí, Zoeller observava que o verão poderia atingir altas temperaturas. Para ele, esta estação não era propícia para o estado de saúde dos Europeus nórdicos (Dinamarqueses, Pomeranos, Holsteiner, etc) e provocava mais doenças que o inverno. Entretanto, chamava sua atenção a baixa intensidade de casos de insolação, pois, mesmo com a elevada temperatura não houve uma vítima fatal durante os trinta anos que antecederam sua visita a Colônia Blumenau.¹⁷⁴

Entre as ocorrências de vítimas fatais em Blumenau, chama-nos a atenção os vários casos de afogamentos no rio Itajaí Açu, especialmente nos primeiros anos. Algumas das primeiras vítimas estavam entre os 17 primeiros imigrantes estabelecidos na colônia.

Entre estes graves problemas encontrados pelos colonos na vida em meio à floresta também estava a complicada e violenta relação com a população indígena nativa. A fundação de colônias de imigrantes em Santa Catarina, assim como toda ocupação do território brasileiro, desconsiderou a existência da população indígena nativa nas terras colonizadas. “O governo brasileiro nunca respeitou as terras indígenas e achava que a

¹⁷³ Dados obtidos no Quinto Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin. p.68.

¹⁷⁴ ZOELLER, Hugo. Os alemães na floresta brasileira. In: **Revista Blumenau em Cadernos:** maio de 1990. Vol. 5. p.146.

presença dos europeus bastaria para expulsá-los da região”.¹⁷⁵ No entanto, a colonização, especialmente no vale do Itajaí, foi marcada por constantes conflitos entre os Xokleng, tribo dominante na região, e os imigrantes ali estabelecidos.

De acordo com Débora Bendocchi Alves, a região da Blumenau teria sofrido entre 1852 e 1883, no mínimo, 11 ataques de índios. Alguns dos relatos deixados apontam para ataques extremamente cruéis a famílias de colonos que instalavam-se na floresta. Os mais chocantes registravam o assassinato de mulheres e crianças imigrantes.¹⁷⁶

Os confrontos foram relatados em diversas ocasiões nos jornais locais, nos relatórios de colônia, relatórios de província, correspondências de imigrantes, etc. “Estes depoimentos descrevem esta relação sob o ponto de vista dos colonos, dos funcionários públicos e dos agentes colonizadores. Os encontros são narrados através dos vocábulos ataque, roubo, saque, assassinato, rapto, cerco, morte a pauladas, etc. sendo que a agressão inicial partia sempre dos Xokleng”. Segundo Roselane Alves, “o mérito da questão, que colocava o indígena nesta posição, não era ‘porque ele fez?’, mas ‘o que ele fez?’ e ‘como ele fez?’. Nesse caso, em especial, como ele fez, é ainda mais importante no discurso jornalístico.”¹⁷⁷

Em contrapartida, sobre a visão dos Xokleng para o contato com os colonos só podemos supor. Entendemos, como Sílvia Arend e Luísa Wittmann que “nas suas

¹⁷⁵ ALVES, Débora Bendochi. Revista Blumenau em Cadernos. p.71

¹⁷⁶ Ao final do século XIX, com a intensificação dos conflitos, aumentam as expedições dos chamados bugreiros, conhecidos como caçadores de índios, contratados para defenderem os interesses dos colonos. Os bugreiros, “nas suas batidas pelo mato, muitas vezes matavam os homens e as mulheres Xokleng adultas e capturavam jovens e crianças que eram levados para as sedes dos distritos ou para cidade de Blumenau”.¹⁷⁶ Estas ações eram encaradas, na visão destes agressores, como forma de revide aos ataques indígenas contra famílias de imigrantes.

¹⁷⁷ ALVES, Roselane Maria. “Se mostram os bugres” Abordagens da imprensa catarinense sobre o indígena (1900-1914). Florianópolis 2000. Dissertação (Mestrado em, História). Universidade Federal de Santa Catarina. p.103.

descrições, talvez, eles utilizassem as palavras medo, espanto, curiosidade, pegar, defesa, fome, guerra e outras que nem imaginamos”.¹⁷⁸

Não cabe aqui procuramos apontar maiores ou menores culpados entre colonos e indígenas, no entanto devemos enfatizar esta ausência da versão dos Xokleng para os conflitos e ter clareza de que este já era um território ocupado. Enfim, esta relação, violenta e conturbada por demais, também marcou o processo de interação entre imigrantes e a floresta.

Enfim, observamos neste capítulo aspectos importantes deste envolvimento entre colonos e a floresta, um processo marcado por momentos difíceis como estes, mas também pelo surgimento de possibilidades promissoras para muitos europeus que viviam em grande dificuldade em seus países de origem. A maior parte destas boas alternativas surgiu através das atividades agrícolas, fazendo com que o modo de vida rural, objeto do próximo capítulo, fosse a “mola propulsora” de algumas das mais importantes transformações ocorridas nas colônias de imigrantes da então província de Santa Catarina.

¹⁷⁸ AREND, Silvia Maria Fávero e WITTMANN, Luisa Tombini. O problema dos Xokleng no município de Blumenau (1900-1914) polifonias. In Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLIII – n 05/06 – Maio/Junho de 2002. p.65-66.

CAPÍTULO III

VIDA RURAL

A vida em pequenas propriedades rurais é a grande marca da colonização de imigrantes europeus no sul do Brasil durante o século XIX. As colônias agrícolas tinham como um de seus principais objetivos a inserção de uma categoria de trabalhadores rurais os livres, capazes de adotar a policultura de subsistência e comercializar seus excedentes.

A vida rural dos imigrantes estabelecidos nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina durante a segunda metade do século XIX é o assunto deste terceiro capítulo. Através dele, procuramos apresentar a pequena propriedade rural como o centro das atividades coloniais, espaço onde misturam-se as bagagens culturais trazidas da Europa e as novidades aprendidas no novo ambiente em que passam a viver. Neste contexto, procuramos compreender quais eram culturas agrícolas cultivadas, que animais eram criados e que transformações ocorrem ao longo dos anos.

A interação entre colonos e o meio natural é constantemente determinada pelas práticas rurais adotadas, e por esta razão, sua análise surge como um dos mais importantes aspectos de nossa investigação. A partir disso, também procuramos perceber o papel exercido pelas associações de agricultores e exposições agro-industriais na vida rural das famílias imigrantes. Portanto, o presente capítulo busca reconhecer as práticas rurais utilizadas e suas mais variadas influências.

3.1 A pequena propriedade colonial e suas práticas rurais.

A pequena propriedade colonial foi assumida, desde o início, como a unidade básica do sistema colonial. As práticas rurais adotadas pelos imigrantes eram demarcadas pelos limites de cada lote colonial. O estabelecimento de colônias de imigrantes no sul do Brasil teve como marca fundamental a sua fragmentação em pequenas propriedades rurais baseadas na policultura de subsistência.

O tamanho médio dos lotes sofreu transformações ao longo do processo de colonização. A fundação da colônia de São Leopoldo no Rio grande do Sul, em 1824, proporcionou a concessão de propriedades com até 75 hectares de superfície, no entanto, este modelo não foi adotado por muito tempo. Após a Lei de Terras, em 1850, onde a concessão foi substituída pela compra, o tamanho médio dos lotes foi reduzido primeiro para 50 hectares e, posteriormente, para o típico minifúndio de 25 a 30 hectares. Em Blumenau, por exemplo, a maior parte dos seus primeiros, lotes divididos em 28 de agosto de 1852 pelo Dr. Blumenau, possuía por volta de 35 hectares¹⁷⁹,mas, em sua seqüência os lotes passaram a girar entre 25 e 30 hectares.¹⁸⁰

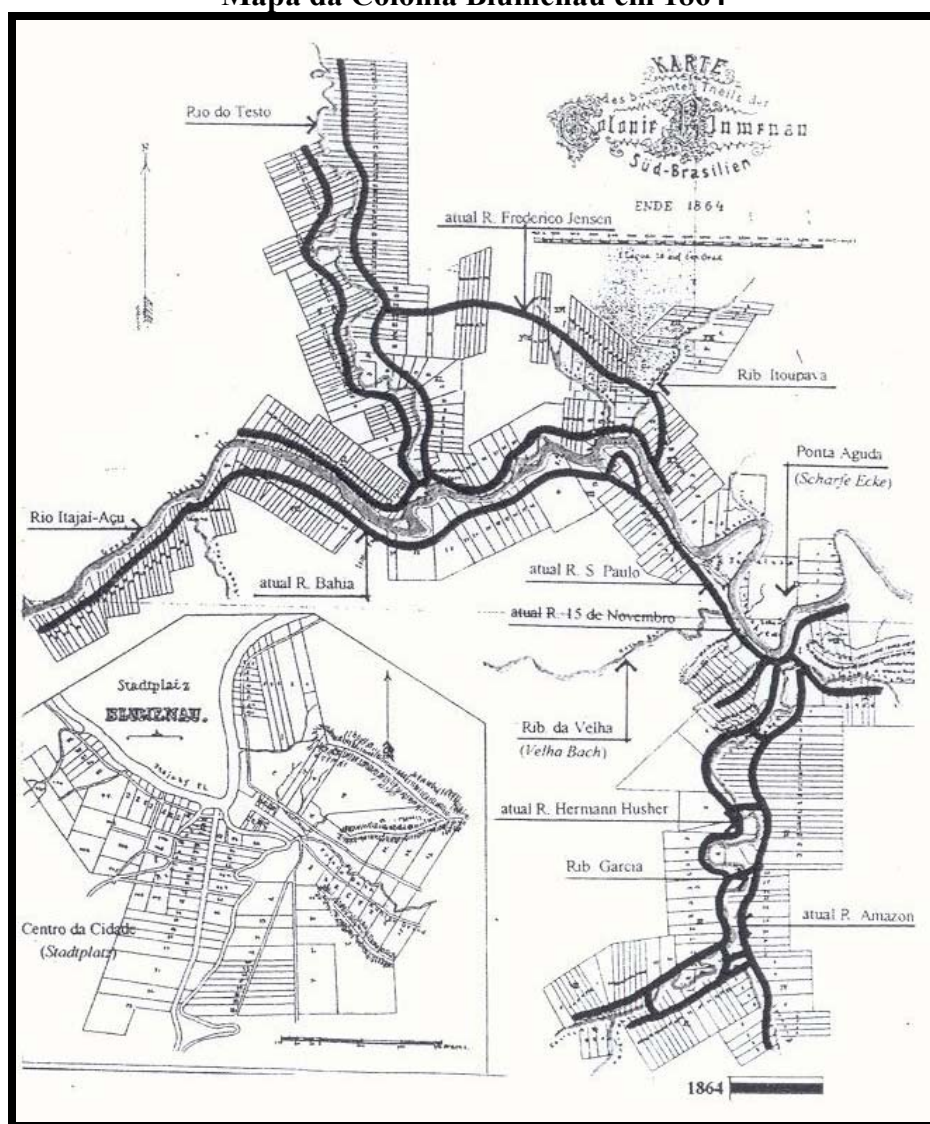
Portanto, a segunda metade do século XIX, período aqui estudado, caracterizou-se pelo estabelecimento de imigrantes europeus em propriedades rurais com área significativamente pequena. Como afirmamos anteriormente, o primeiro passo após a aquisição de um lote colonial era a derrubada de parte da mata para construção de uma modestíssima residência e para o surgimento das primeiras plantações. Aos poucos, para aqueles colonos que atingiram algum grau de desenvolvimento, a estrutura de suas propriedades vai sendo aperfeiçoada. Além dos avanços na construção de suas residências, estes pequenos proprietários organizam este espaço conformando suas necessidades as

¹⁷⁹ Apenas as propriedades do Dr. Fritz Müller e de seu irmão Augusto Müller aproximaram-se de 50 hectares de superfície.

¹⁸⁰ SILVA, Zedar Perfeito da. *O vale do Itajaí*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1954. p.26.

características geográficas da área adquirida. Após a dificuldade dos primeiros anos, a maior parte das propriedades rurais das colônias alemãs de Santa Catarina seguiu uma estrutura comum quanto à divisão do espaço, determinada, entre outras razões, pelo modelo de distribuição dos lotes rurais.

Mapa da Colônia Blumenau em 1864



(Fig. 9) Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Esta forma de distribuição dos lotes coloniais pode ser entendida através deste mapa da colônia Blumenau em 1864, onde observamos sua demarcação de forma retangular com

sentido longitudinal em relação a estradas e rios. Este formato alongado fez com que, nas colônias fundadas em vales estreitos, os lotes tivessem seus fundos no alto dos morros. Desta forma, as plantações, iniciadas nas várzeas avançavam pelas encostas chegando até uma pequena reserva de mata no alto das colinas. Os morros não eram totalmente desmatados, permitindo uma reserva de madeira e lenha para propriedade. Estas paisagens podem ser identificadas até hoje nas regiões rurais do vale do Itajaí.

Manutenção de reserva de mata no topo dos morros

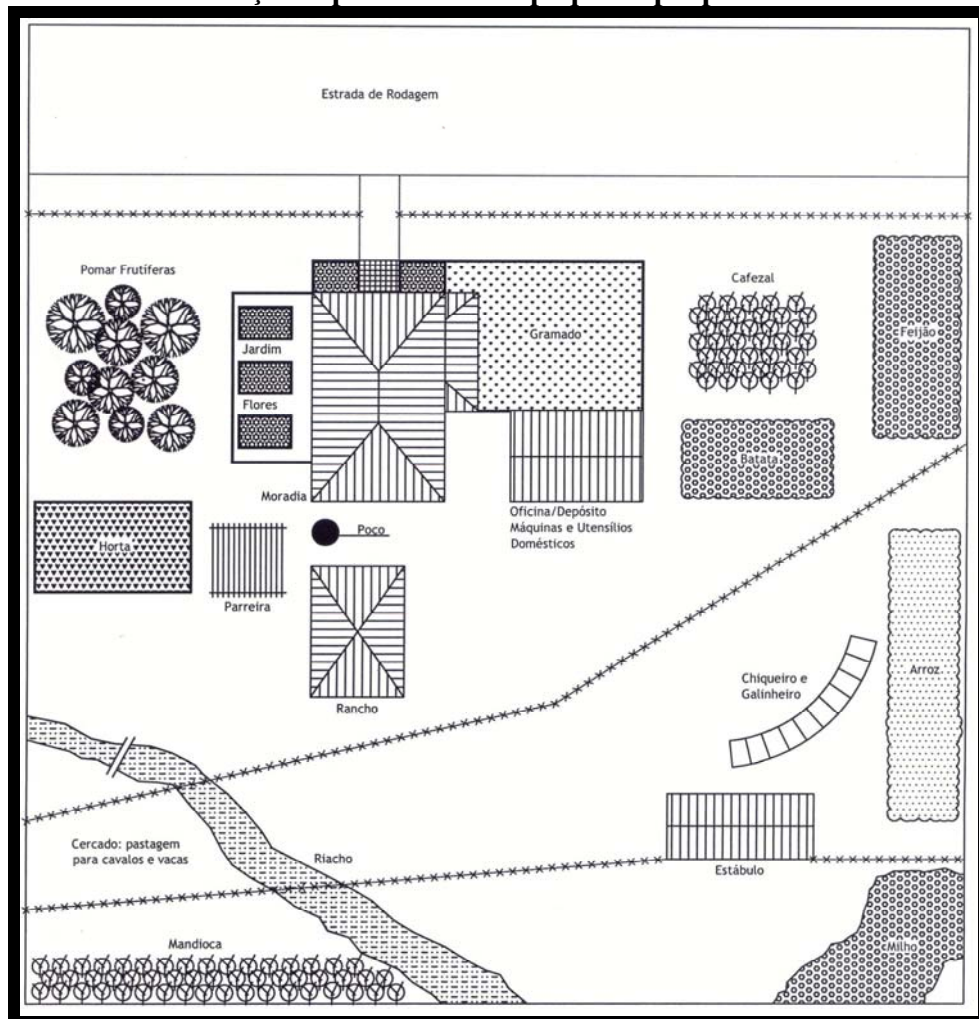


(Fig.10) Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Esta forma de distribuição das propriedades rurais transformou-se numa das características mais marcantes desta colonização no sul do Brasil. Além de proporcionar a

todos colonos lotes com características semelhantes e providos de água, mata e pelo menos mínimas condições de acesso (picadas, estradas, etc), este modelo também permitia uma maior aproximação física entre as casas dos colonos. Para Giralda Seyferth¹⁸¹, o fato da propriedade rural também ser chamada de colônia é carregado de significado. Segundo ela, “A *colônia* (pequena propriedade) é concebida como um microcosmo auto-suficiente na visão dos imigrantes e seus descendentes”.¹⁸²

Modelo de distribuição espacial de uma pequena propriedade rural colonial



(Fig.11) Fonte: Desenho de Anamaria P. R. Teixeira dos Santos, baseado em croqui de Teobaldo Jamundá In: *Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950.

¹⁸¹ SEYFERTH, Giralda. *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: Editora da UNB, 1990. p.25.

¹⁸² Idem, p.25.

A distribuição espacial de cada lote colonial, apresentada no desenho acima, refletia a multiplicidade das atividades rurais dos colonos. A necessidade de ajustar o espaço à atividade policultora e a criação de animais fizeram com que cada propriedade possuísse seus espaços bem demarcados. Em sua maioria, as partes fundamentais estavam assim distribuídas: a casa ficava próxima de riachos e da estrada; os ranchos ficavam aos fundos e abrigava a oficina, um depósito para os utensílios agrícolas e os estábulos. Ao lado da casa ainda estavam um galinheiro, uma horta, um pomar, um chiqueiro e outras criações domésticas. Mais afastado ficavam as pastagens cercadas para cavalos e vacas, assim como os diversos cultivos, geralmente compostos pelo canavial e as roças de milho, feijão, mandioca, batata e arroz.

Vida rural no Vale do Itajaí



(Fig.12) Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Colonos em frente a uma típica residência rural a beira da estrada

(Fig.13) Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Esta forma de divisão do espaço dentro de uma propriedade rural colonial prevaleceu durante muitos anos, e ainda hoje é possível observar sua presença nos distritos rurais das antigas colônias. Mesmo com áreas cada vez mais fragmentadas, proporcionando propriedades cada vez mais inviáveis economicamente, o modelo de distribuição dos lotes também permanece com o sentido longitudinal em relação às estradas.

Propriedade rural na Vila Itoupava – Blumenau / 2001.

(Fig.14) Fonte: Manoel P.R.Teixeira dos Santos

Apesar de inovadora, pela variedade de possibilidades que apresentou num período onde a produção agrícola brasileira era baseada nos latifúndios monocultores, a exploração do lote colonial também se caracterizou pelo uso de técnicas agrícolas muito rudimentares. Os colonos usavam o mais primitivo sistema agrícola, que “consiste em derrubar e queimar a mata seguida do plantio que emprega basicamente a enxada. Depois de cultivar esta clareira durante alguns anos, ela é deixada em descanso, transformando- se em vegetação secundária, enquanto uma nova área de mata é derrubada para ter a mesma função”.¹⁸³ A adoção desta prática brasileira de cultivo, conhecida como coivara, foi justificada pela impossibilidade do uso do arado em áreas recém desmatadas.¹⁸⁴

¹⁸³ WAIBEL, Léo. *Princípios da colonização européia no sul do Brasil*. *Revista Brasileira de Geografia*. Ano XI – Abril-Junho de 1949 – Nr.2. p.180.

¹⁸⁴ SEYFERTH, Op. Cit., p.30.

Esta técnica, também conhecida como sistema de rotação de terras, os fazendeiros portugueses receberam dos índios e aplicaram em suas grandes propriedades monocultoras. Os colonos pioneiros receberam-nas, especialmente, dos caboclos que viviam nas regiões próximas as colônias.

Este sistema rudimentar tem como um de seus maiores problemas o desgaste excessivo da terra, ao longo dos anos, quando a terra em descanso passa a ser reutilizada a qualidade já é muito inferior ao primeiro uso. Segundo Léo Waibel, “se os sistemas agrícolas extensivos não dão resultados satisfatórios nas grandes propriedades, quando aplicados nas pequenas, tornam-se ilógicos e perigosos. O termo extensivo quer dizer que os três fatores da produção – terra, capital e trabalho – a terra, é o principal e deve ser abundante. Mas isto não acontece nas pequenas propriedades dos colonos europeus do Brasil meridional”.¹⁸⁵

O tradicional lote colonial de 25 hectares não permite o pousio das terras por um período longo, ou ao menos suficiente, resultando no rápido esgotamento do solo. Este fato, ao lado do parcelamento dos lotes por herança, é apontado como um dos grandes responsáveis pela migração da população camponesa excedente para regiões mais recentes de colonização.¹⁸⁶

De acordo com Giralda Seiferth, com o uso da coivara pelos colonos, “deixou de ser cumprido um dos propósitos do governo brasileiro relativo à imigração européia: as técnicas agrícolas mais modernas da Europa não foram introduzidas no país. Com detalhe

¹⁸⁵ WAIBEL, Op.Cit.p.181.

¹⁸⁶ SEYFERTH, Op. Cit., p.30.

adicional que deve ser lembrado: boa parte dos imigrantes veio de regiões européias onde a agricultura ainda não utilizava técnicas modernas de exploração”.¹⁸⁷

Ao analisar as práticas rurais adotadas nas áreas florestais colonizadas no sul do Brasil, Léo Waibel, propôs uma divisão em três sistemas agrícolas que representam, teoricamente, estágios sucessivos do desenvolvimento real da paisagem agrícola. No entanto, em função da relação com o período aqui estudado, concentraremos nossas atenções apenas nos dois primeiros estágios. De qualquer forma, segundo o autor, “apenas em poucas áreas o desenvolvimento real da paisagem cultural passou pelos três estágios. A maioria das áreas atingiu somente o segundo estágio, e muitas chegaram a um ponto morto no primeiro estágio”.¹⁸⁸

O primeiro deles, conhecido como *Sistema de Rotação de Terras*, é assim definido por Léo Waibel:

Uma família pioneira começa o ciclo cultural comprando a terra numa área de mata desabitada. Em seguida, derruba e queima a floresta, à maneira dos índios; planta milho, feijão preto e mandioca usando cavadeira e enxada, e constrói uma casa primitiva, primeiramente de folhas de palmeira e, depois, de tábuas, geralmente sem janelas de vidro. A fim de utilizar o excesso de suas safras, criam porcos, e vende a banha ou os porcos vivos, em troca de alguns artigos de que necessita e não produz. [...] Nestas circunstancias, é muito difícil uma elevação do nível social e cultural da família, e uma estagnação, se não uma decadência, em breve se registra.¹⁸⁹

¹⁸⁷ SEYFERTH, Op. Cit. p.30.

¹⁸⁸ WAIBEL, Op.Cit.p.182

¹⁸⁹WAIBEL, Op. Cit. P.182.

Léo Waiibel destaca que “os alemães, como os demais colonos europeus, receberam dos índios não somente o sistema de rotação de terras, mas também as plantas cultivadas por estes (o milho, o feijão preto, a mandioca, a batata doce) e até a ferramenta indígena, a cavadeira ou o bastão de plantar”.¹⁹⁰

O segundo estágio, definido como *Sistema de Rotação de Terras Melhorada*, é reconhecido depois que a maior parte das matas é devastada, que a densidade da população aumenta, e quando são construídas estradas utilizáveis pelas carroças de quatro rodas dos colonos, e finalmente, a partir do momento em que as técnicas agrícolas e as condições econômicas da colônia melhoram consideravelmente. “A produção agrícola aumentada e a criação do gado elevam consideravelmente, o padrão econômico e cultural do colono. Isto é claramente expresso pelos tipos de casas que, em contraste com o tipo uniforme de casa dos pioneiros, tem decididamente um caráter nacional e étnico”.¹⁹¹

Através destas condições, cresce também o uso de implementos agrícolas e um aumento considerável na aquisição e utilização de engenhos, moinhos e atafonas. Através destes, há um crescimento na produção de antigas culturas indígenas de subsistência e a introdução de plantas européias como produtos comerciais. O arado é outro implemento que ganha importância neste estágio. No entanto, seu uso ficou restrito às áreas planas desmatadas há mais tempo, já que era inviável nas terras íngremes ou recentemente desmatadas. Apesar de ser indicativo de avanços no trabalho agrícola, nesta fase a terra arada, ainda não é cultivada junto à criação de gado, impedindo que a terra seja adubada

¹⁹⁰WAIBEL, Op. Cit. P.181.

¹⁹¹WAIBEL, Op.Cit.p.186.

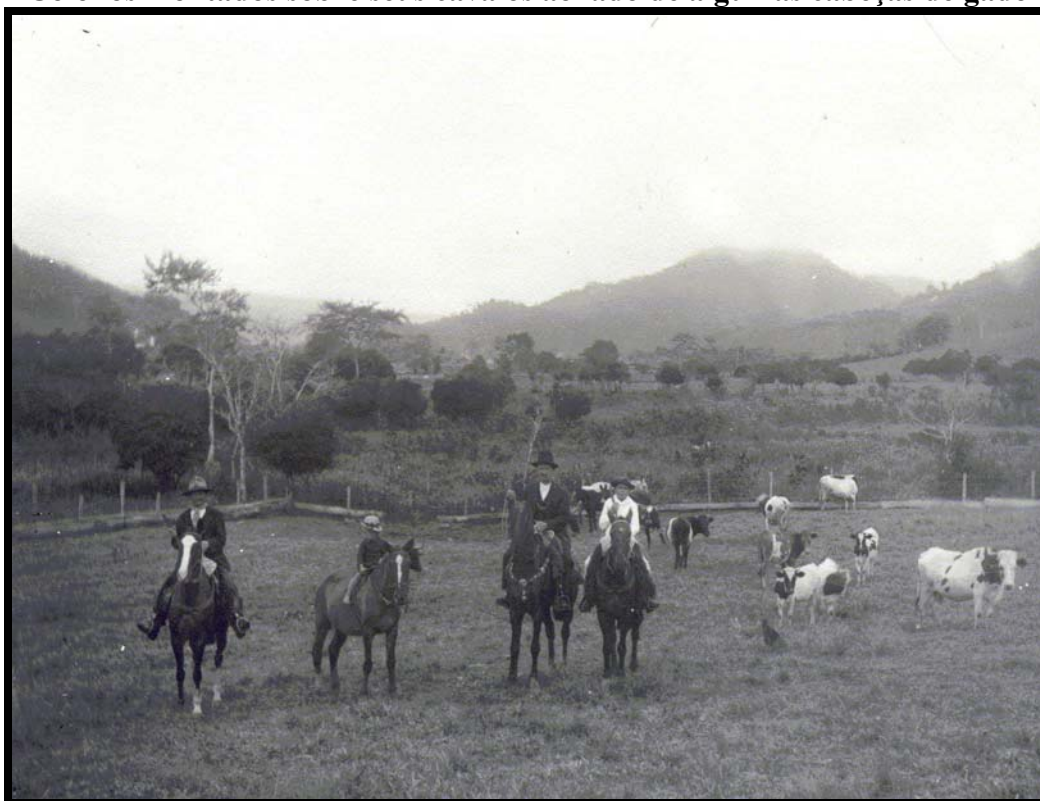
naturalmente. Pelo contrário, a alternância entre campos arados e capoeiras (melhor prova da rotação de terras), é um dos aspectos marcantes deste estágio.¹⁹²

De acordo com Léo Waibel, esta união entre a criação de gado e a agricultura só é alcançada num terceiro estágio de desenvolvimento agrícola denominado por ele de *Rotação de Culturas Combinadas com a Criação de Gado*. Deve-se levar em consideração que é ainda no segundo estágio que os colonos passam a criar, além de porcos e aves, algumas poucas cabeças de gado que lhes fornecem leite e manteiga, e que são criados em pastos plantados e cultivados em volta da casa do colono. No entanto, mesmo que estes colonos quisessem colocar esterco nos campos não teriam animais suficiente para produzi-lo em quantidade utilizável. Waibel destaca que o modelo de criação de gado adotado pelos colonos no segundo estágio é absolutamente independente da agricultura, fazendo com que as duas principais formas de uso da terra permaneçam separadas esgotando rapidamente o solo.

Ao lado da agricultura, a criação de animais, mesmo independente da agricultura, também teve um papel importante dentro da vida rural dos imigrantes. Além de alternativa econômica com a comercialização de laticínios e carnes, os animais eram utilizados na tração e no transporte de mercadorias. Nas colônias do sul do Brasil, a posse de cavalos, inacessível aos simples camponeses na Alemanha, torna-se comum entre os imigrantes, sendo utilizados por homens, mulheres e crianças. Para Emílio Willems, “uma camponesa montada em cavalo seria a idéia mais extravagante para o cérebro conservador do alemão rústico”.¹⁹³

¹⁹² WAIBEL, Op.Cit.p.185.

¹⁹³ WILLEMS, Op. Cit. p.68.

Colonos montados sobre seus cavalos ao lado de algumas cabeças de gado

(Fig.15) Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Observamos aqui que as atividades rurais dos imigrantes foram claramente demarcadas pela pequena propriedade agrícola e apoiadas pelo uso de técnicas agrícolas muito rudimentares. Apesar disso, a produção agrícola, tornou-se a base para o desenvolvimento econômico destas colônias.

3.2 Agricultura e criação de animais: alguns dados estatísticos.

A produção agrícola tornou-se, nas coloniais do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina, assim como na maior parte das colônias de imigrantes europeus estabelecidos no

sul do Brasil durante a segunda metade do século XIX, o principal alicerce para o desenvolvimento econômico e industrial destas regiões.

A bagagem cultural dos imigrantes, as condições climáticas e geográficas de cada colônia, a interferência - nem sempre registrada - de indígenas e caboclos, aliados as relações de mercado de cada produto, determinavam o que seria ou não cultivado. Este conjunto foi decisivo para que a produção de cada colônia possuísse grandes semelhanças, mas também importantes peculiaridades.

Com objetivo de analisar e refletir sobre quais eram as espécies mais cultivadas e que tipo de transformações elas sofrem ao longo da segunda metade dos oitocentos buscamos reunir alguns dados estatísticos sobre a produção agrícola presentes nos relatórios coloniais, provinciais e ministeriais. O crescimento de uma cultura em detrimento da outra é um aspecto de grande importância nesta busca por compreender a relação entre o imigrante e o meio natural. Neste momento, nossa análise abre espaço para a interferência da comercialização na escolha da plantação de uma dada cultura.

Seguindo nossa proposta inicial, relacionamos informações deste tipo referentes às três principais colônias catarinenses deste período: Blumenau, Brusque (Itajaí e Príncipe Dom Pedro) e Dona Francisca. Neste caso nossa análise ficou condicionada as informações existentes sobre cada uma destas colônias. A disponibilidade de dados estatísticos referentes à produção de cada colônia foi o primeiro obstáculo desta análise. Em função de algumas lacunas, especialmente para os anos posteriores a emancipação de cada colônia, uma análise serial ao longo de toda segunda metade do século XIX ficou prejudicada. Outra dificuldade encontrada é comum a todos que estudam história econômica do Brasil no século XIX: as unidades de medida. Na análise da agricultura nos deparamos com diversos problemas deste tipo, sobretudo para os anos anteriores a implantação do sistema métrico

brasileiro em 1862¹⁹⁴. Apesar destas dificuldades, esta análise nos permitiu o estabelecimento de algumas comparações¹⁹⁵ importantes entre épocas, produtos e colônias.

Nossa busca inicial pretendia compreender a ocupação de cada cultura na área cultivada de uma colônia e sua transformação ao longo dos anos. No entanto, este tipo de informação só foi localizado em alguns poucos relatórios do início da década de 1860. Apesar disso, não as descartamos e procuramos elaborar um gráfico representativo desta ocupação territorial.

Ao pesquisarmos nos relatórios anuais da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, encontramos algumas descrições sobre a área¹⁹⁶ que ocupavam cada uma das principais culturas produzidas em Dona Francisca nos anos de 1860¹⁹⁷, 1864¹⁹⁸ e 1867¹⁹⁹, nove, treze e dezesseis anos após a fundação da colônia.

¹⁹⁴ Até 1862 o Brasil utilizava as unidades e medidas de Portugal (ex: vara, braça (extensão), quintal (massa), etc), mas estas medidas nunca foram rigorosamente cumpridas. Em 1862 o Sistema Métrico francês foi adotado em todo o Império, mas somente em 1872 foi aprovado o Regulamento do Sistema adotado.

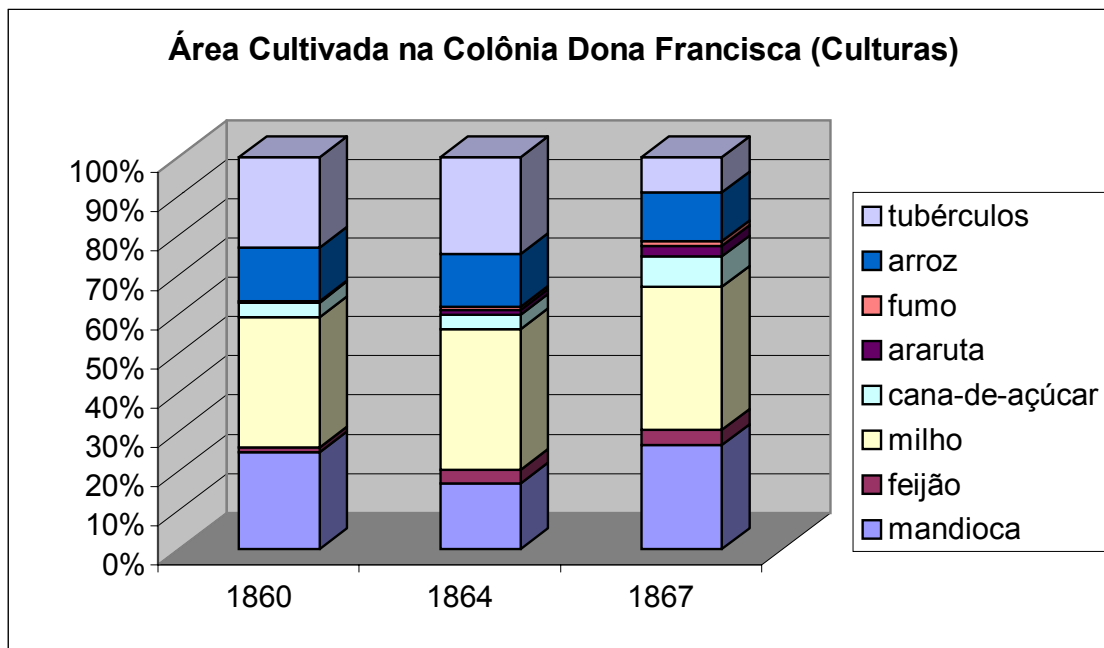
¹⁹⁵ Para viabilizarmos esta análise procuramos, quando possível, uniformizar as unidades de medidas utilizando valores aproximados obtidos através de conversão com base em valores reconhecidos.

¹⁹⁶ Foi feita uma conversão de braças quadradas e morgos para hectares. Utilizamos os seguintes valores: 1 braça quadrada = 4,84 metros quadrados; 1 hectare = 10000 metros quadrados. 1 morgo = 0,242 hectares.

¹⁹⁷ Nono Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.13/14. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin.

¹⁹⁸ Décimo terceiro Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.13/14. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin

¹⁹⁹ Décimo sexto Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.13/14. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin



(Gráfico 1)

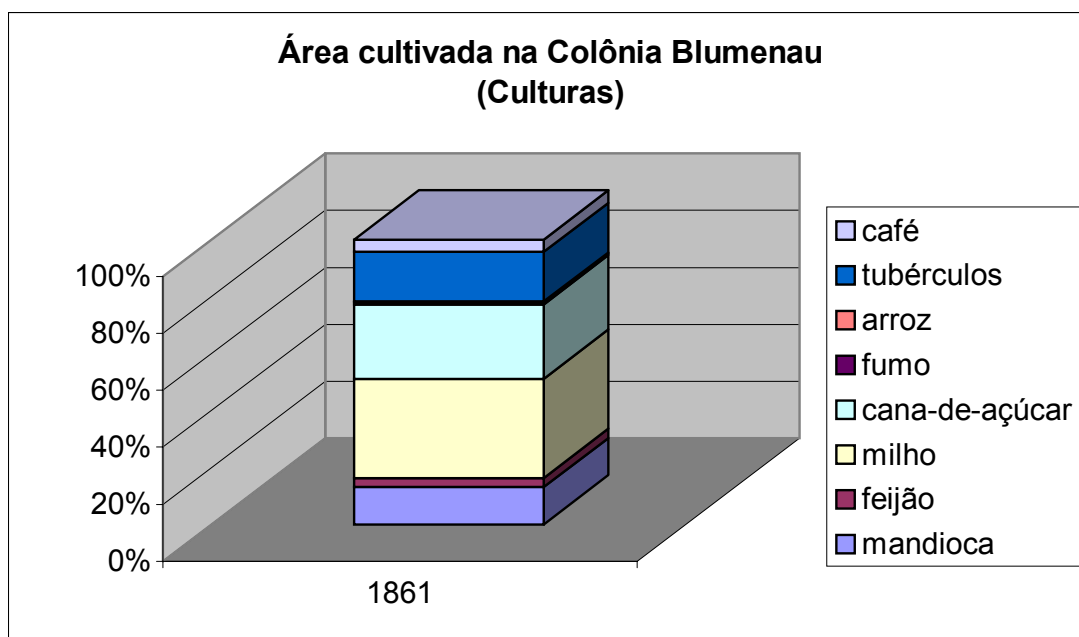
O gráfico acima apresenta o percentual de ocupação de cada cultura em cada um desses anos. Observamos através dele que o milho e a mandioca mantiveram-se durante este intervalo como os mais produzidos desta colônia. De acordo com os relatórios de 1860 e 1864, os tubérculos (cará, inhame, taiá, etc.) também tiveram registravam uma importante ocupação, no entanto, em 1867 a sua ocupação fica em segundo plano ao lado do cultivo de arroz e da cana-de-açúcar. Neste momento, a cana, importante cultura para economia das colônias catarinenses pela produção de seus derivados, mesmo apresentando um certo crescimento, ainda ocupava uma modesta área de cultivo.

De acordo com estes dados, o cultivo do milho manteve-se como o maior entre as plantações de Dona Francisca (pelo menos até 1867) ocupando 492 hectares em 1860, 596 em 1864 e 555 em 1867. Já a mandioca era cultivada 363, 279 e 402 hectares nos anos de 1860, 1864 e 1867 respectivamente.

A partir destas constatações, observamos que as culturas mais plantadas em Dona Francisca não tinham qualquer relação com a origem européia dos colonos. Pelo contrário,

o cultivo de mandioca, milho e tubérculos estava diretamente relacionado o novo ambiente a que passaram a viver e, sobretudo, com as influencias de lusos, caboclos e indígenas nas práticas rurais destes imigrantes.

Para colônia Blumenau, encontramos somente um relatório com referencias sobre a área ocupada por cada cultura. Em 1861²⁰⁰, onze anos após a fundação da colônia e nove após a distribuição dos lotes aos primeiros colonos, a plantação da colônia seguia a proporção abaixo.



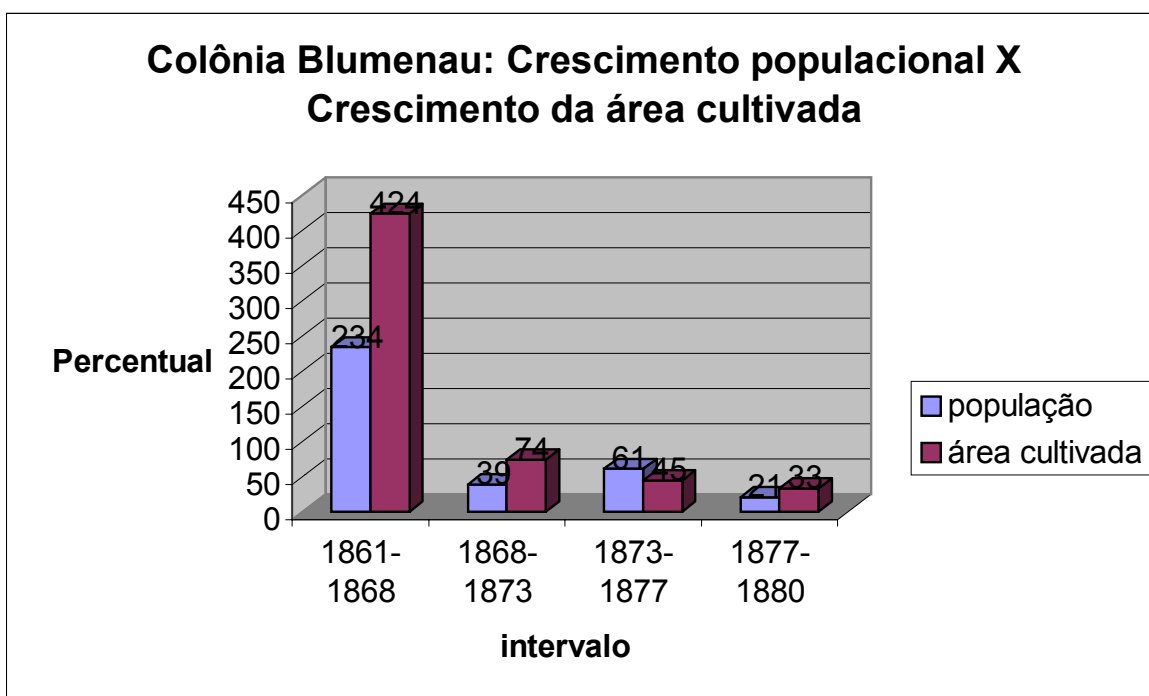
(Gráfico 2)

Podemos observar, assim como em Dona Francisca, a supremacia do cultivo de milho, ocupando neste momento cerca de 96 hectares. Em contrapartida, a plantação de cana-de-açúcar, modesta no empreendimento da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, apresentava-se como a segunda cultura mais produzida em Blumenau, ocupando 72 hectares. Mandioca e tubérculos aparecem em segundo plano neste quadro, com 36 e 48 hectares respectivamente.

²⁰⁰ Dados obtidos no *Quadro estatístico do ano de 1861*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.14 141.

Desta forma, observamos mais uma vez a predominância de culturas tradicionais no Brasil e pouco comuns aos europeus. Estes dados de 1861 correspondem a um período de transição para Blumenau, já que a partir de 1860 esta colônia deixa de ser particular e passa a pertencer ao governo imperial.

No caso de Blumenau, procuramos entender o crescimento das áreas de cultivo relacionado-o ao crescimento populacional da colônia. Visto que, este tipo de informação não contava em todos relatórios anuais, apresentamos aqui dados referentes ao período onde esta esteve sob administração do imperial, ou seja, depois de 1860 e antes de sua emancipação em 1880.



(Gráfico 3)

O gráfico²⁰¹ acima apresenta os percentuais de crescimento populacional e da área cultivada, respeitando quatro intervalos. Através deste, percebemos que o crescimento das plantações foi maior que o aumento no número de habitantes em três dos quatro intervalos. No entanto, com exceção do primeiro intervalo, os percentuais aparecem com uma certa equivalência, o que nos permite afirmar que esta relação manteve-se razoavelmente estável neste período.

O aumento gradativo das áreas cultivadas aponta para um avanço constante sobre as áreas de mata nativa e por conseqüência direta, uma rápida transformação na paisagem local. Algumas culturas, como cana-de-açúcar, milho e mandioca, ganharam cada vez maior importância com o aumento no número de estabelecimentos industriais, pois através destes, a comercialização do excedente da produção tornava-se mais vantajosa. Estes empreendimentos, representados por engenhos, alambiques, serrarias, etc, possibilitavam uma maior rentabilidade para os colonos, mas, em função do alto custo, eram mais comuns entre os imigrantes mais abastados. O quadro abaixo apresenta o crescimento no número destes estabelecimentos industriais na colônia Blumenau de 1861 á 1880.

²⁰¹ Os dados foram obtidos nos seguintes relatórios: *Quadro estatístico do ano de 1861*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.14 141 / *Mapa estatístico da Colônia Blumenau do ano de 1868*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332. / *MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA BLUMENAU DO ANO DE 1873 IN: FALA DIRIGIDA Á ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 25 DE MARÇO DE 1874 PELO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1874*. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004. / *Mapa estatístico da Colônia Blumenau sobre o fim de 1877*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668. / *Mapa demonstrativo da situação, origem e condições da Colônia Blumenau referentes ao ano de 1880*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859.

Estabelecimentos	1861	1865	1870	1875	1880
Engenhos de Açúcar	50	53	80	97	154
Engenhos de Farinha de Mandioca	47	47	70	95	142
Alambiques	51	61	68	88	143
Serrarias	3	8	19	28	32
Engenhos de moer grãos	2	5	14	19	27

Fonte: COLOMBI, L. V. *A economia de Blumenau nos seus trinta primeiros anos: período pré-industrial (1850-1880)*. IN: *Revista de Divulgação Cultural*, 9 (29), p.1-11, 1986. p.11

De acordo com este quadro, observamos o grande número de estabelecimentos transformadores de cana-de-açúcar, representados pelos engenhos de açúcar e pelos alambiques, existentes na colônia Blumenau. Em segundo plano, mas também com grande importância, aparecem os engenhos de farinha de mandioca. Os engenhos de moer grãos e as serrarias (apresentadas anteriormente), existiam em quantidade muito menor. O crescimento no número de estabelecimentos nos cinco períodos apresentados seguiu uma certa estabilidade, acompanhando o crescimento populacional da Colônia Blumenau.

A importância destes estabelecimentos industriais rurais, também foi observada em Brusque e Dona Francisca. No entanto, algumas particularidades reforçaram as diferenças entre cada uma das colônias. Em Dona Francisca, por exemplo, os engenhos de mandioca, ao contrário de Blumenau, eram superiores aos engenhos de cana-de-açúcar nos três relatórios provinciais analisados (1860, 1864 e 1873). Além disso, os engenhos de secar arroz, não registrados em Blumenau, eram quatorze em 1873.

Já na colônia Brusque, segundo dados da presidência da província relativos a 1874, destacavam-se, ao lado dos engenhos de cana e mandioca, os engenhos de serrar madeira

com cerca de 20 estabelecimentos²⁰². A importância disso pode ser observada pelo fato de neste período Dona Francisca e Blumenau, colônias maiores e mais antigas, possuíam cerca de três serrarias cada uma.

De acordo com este mesmo relatório, Brusque possuía 37 engenhos de açúcar e aguardente, 30 engenhos de farinha de mandioca, 11 de fubá e 3 de socar arroz. Estes números apontam para uma importância significativa do cultivo de cana-de-açúcar, mandioca e milho no vale do Itajaí mirim.

Todas estas informações sobre a existência destes estabelecimentos ganham maior visibilidade se combinadas aos números da produção agrícola de cada uma destas colônias. Para isso, buscamos através dos relatórios oficiais²⁰³ alguns resultados anuais desta produção. Para facilitar a compreensão da transformação da lavoura ao longo dos anos, procuramos uniformizar²⁰⁴ as unidades de medida.

²⁰² *FALA DIRIGIDA À ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 21 DE MARÇO DE 1875 PELO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1875. p.93..Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.*

²⁰³ Os relatórios oficiais apresentam-se ao pesquisador como uma importante fonte de informação. No entanto, estes documentos apresentam apenas uma versão e que por vezes pode ter sido manipulada de acordo com os interesses da atual administração. Por esta razão, o historiador deve ter sempre uma suspeita em relação a esta documentação.

²⁰⁴ Foi efetuada a conversão de escalas de medidas para quase todos produtos agrícolas analisados. Nos casos onde o produto estava em arrobas foi feita uma conversão direta para quilos (1 arroba = 14,6 kg) ou tonelada (1 tonelada = 1000 Kg). Quando os produtos estavam em alqueires, seus valores foram primeiramente convertidos para litros (1 alqueire = 40 litros) e posteriormente para hectolitros (1 hectolitro = 100 litros) [fonte: . No caso do milho utilizamos também a conversão: 1 alqueire = 30,2 Kg [Fonte: LUNA, Francisco Vidal e KLEIN, Herbert S. Nota a respeito de medidas para grãos utilizadas no período colonial e as dificuldades para sua conversão ao sistema métrico. Boletim de História Demográfica. Ano VIII, número 21, março de 2001. Disponível em: <<http://historia_demografica.tripod.com/BHD.HTM>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.] Para conversão de medidas de aguardente utilizamos a seguinte fórmula (1 medida = 4 quartilhos ; como 1 quartilho = 0,6 litros, então 1 medida = 2,4 litros) [fonte: COSTA, Iraci del Nero da. Pesos e medidas no período colonial brasileiro: denominações e relações. In: Boletim de História Demográfica. Núcleo de Estudos em História Demográfica. Ano I, Abril de 1994. Disponível em: <<http://historia_demografica.tripod.com/BHD.HTM>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.] Apenas nas unidades feixes de milho e mãos de milho, não conseguimos fazer tal conversão. Sabe-se que 1 mão de milho = 50 espigas de milho, mas, como os outros valores de milho encontram-se em grãos, esta conversão é muito complicada.

Para realizarmos esta análise, elaboramos alguns gráficos sobre aspectos da produção agrícola das colônias aqui estudadas. Os valores correspondem a basicamente duas unidades de medida: quilos e hectolitros. Em função desta diferença não foi possível elaborarmos uma comparação precisa entre todos produtos agrícolas apresentados. Mesmo assim, procuramos compara-los entre si, ou pelos seus índices de crescimento.

Na colônia Dona Francisca, a maior e mais populosa de Santa Catarina, analisamos dados referentes aos primeiros vinte e cinco anos após a fundação da colônia, especialmente para o relatório de 1873, o mais completo entre os encontrados e o último antes da fundação do núcleo de São Bento²⁰⁵. Nossa pesquisa procurou analisar a produção e não a rentabilidade de cada produto, procuramos saber o que era mais produzido sem a obrigação de compreender que cultura era mais lucrativa. A análise da evolução de alguns produtos ficou prejudicada em alguns casos, seja pela baixa produção, pela dificuldade em uniformizar as unidades ou pela simples ausência da informação.

Apesar destes impasses, estes números esclareceram-nos algumas questões importantes de nossa análise. Ao analisarmos os dados estatísticos de 1873²⁰⁶, ou seja, vinte e dois anos após a fundação da colônia, percebemos mais uma vez a importância das chamadas culturas “nativas”, representadas, principalmente, pela mandioca e pelos tubérculos. Neste ano, os dois estavam entre os mais produzidos de Dona Francisca. Os

²⁰⁵ Em 1873 a Sociedade Colonizadora de Hamburgo fundou o núcleo colonial de São Bento, hoje município de São Bento do Sul. A partir deste momento os relatórios reduziram as especificidades sobre cada núcleo, o que impediu a obtenção de maiores informações sobre os anos posteriores.

²⁰⁶ Dados obtidos em: *MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA BLUMENAU DO ANO DE 1873 IN: FALA DIRIGIDA Á ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 25 DE MARÇO DE 1874 PELO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1874.* Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

dados apontam para uma colheita de cerca de 11.100²⁰⁷ toneladas de tubérculos e para produção de aproximadamente 370 toneladas de farinha de mandioca. Se comparados à produção de açúcar²⁰⁸, cultura muito desenvolvida em Blumenau, com cerca de 115 toneladas no mesmo ano ou para o café com 12 toneladas, percebemos a importância desta observação. Outra cultura agrícola de destaque neste período era o milho, sua produção em 1875 ficou em torno de 1.117 toneladas.

Aliás, o milho foi uma cultura de fundamental importância para todas colônias aqui estudadas. Na Colônia Brusque²⁰⁹, por exemplo, seu cultivo esteve sempre à frente nos dados estatísticos da produção agrícola. O gráfico abaixo apresenta sua evolução comparada a outro importante produto da colônia: o açúcar. Para sua elaboração utilizamos os dados estatísticos de três momentos de Brusque. Os dois primeiros, 1864²¹⁰ e 1867²¹¹, correspondem respectivamente a quatro e sete anos após a fundação da colônia. Já os números de 1886²¹² dizem respeito a um período posterior a emancipação da colônia, ocorrida em 1881.

²⁰⁷ Este valor, exposto no Relatório da Presidência da Província de Santa Catarina de 1876, é exagerado se comparados aos demais produtos da colônia. Uma possível explicação para isso é o fato deste produto ser comumente apresentado em litros e não em quilos como neste relatório. O Relatório de 1874, por exemplo, apresenta uma produção de 12.200.000 litros de tubérculos. Além disso, devemos diferenciá-lo dos demais por ser formado por um conjunto de culturas nativas como: cará, taiá e inhame. Mesmo assim, independente da unidade, é certo que esta cultura era, senão a mais produzida, a que atingia o maior peso total.

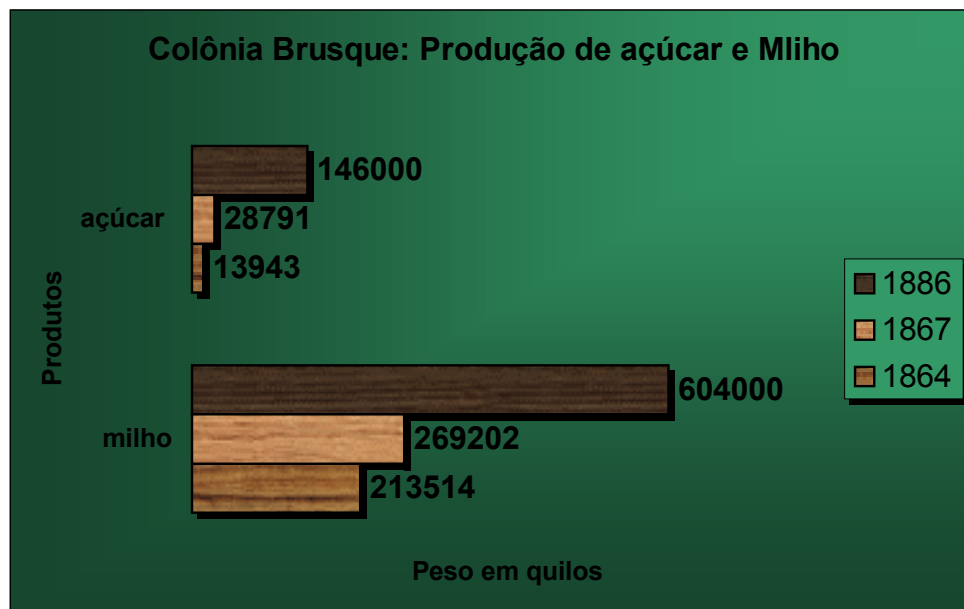
²⁰⁸ Neste mesmo ano a produção de aguardente, também derivada da cana-de-açúcar, foi de 192.000 litros.

²⁰⁹ Ex-colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro.

²¹⁰ Dados obtidos em: *RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, O DOUTOR ALEXANDRE RODRIGUES DA SILVA CHAVES, APRESENTADO Á ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL NA 2.a SESSÃO DA 12.a LEGISLATURA EM 1.o DE MARÇO DE 1865. SANTA CATARINA, TYP. CATHARINENSE DE ÁVILA 4 RODRIGUES, 1865.* p.25. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

²¹¹ Dados obtidos em: *RELATÓRIO APRESENTADO Á ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA NA 2.a SESSÃO DE SUA 26.a LEGISLATURA, PELO PRESIDENTE, FRANCISCO JOSÉ DA ROCHA, EM 11 DE OUTUBRO DE 1887. RIO DE JANEIRO, TYP. UNIÃO DE M COELHO DA ROCHA & C., 1888.* Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

²¹² *RELATÓRIO APRESENTADO Á ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA NA 2.a SESSÃO DE SUA 26.a LEGISLATURA, PELO PRESIDENTE, FRANCISCO JOSÉ DA ROCHA, EM 11 DE OUTUBRO DE 1887. RIO DE JANEIRO, TYP. UNIÃO DE M COELHO DA*



(Gráfico 4)

Ao apresentarmos esta grande superioridade do milho sobre o açúcar, não podemos deixar de diferencia-los, já que neste gráfico, estamos fazendo a comparação entre grãos de milho e um dos derivados²¹³ da cana-de-açúcar. Os engenhos, anteriormente citados, evidenciam a importância da industrialização²¹⁴ da cana.

A farinha de mandioca foi outro produto de reconhecida importância para Brusque. Sua produção, comumente medida em litros, também teve sua produção comparada a do milho em dois períodos.

ROCHA & C., 1888. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004

²¹³ A produção de aguardente, o outro grande derivado da cana-de-açúcar, teve uma produção de 10800 litros em 1864, 20900 litros em 1867 e 300000 litros em 1886.

²¹⁴ A superioridade do milho sobre o açúcar ficava apenas em sua quantidade, visto que em rentabilidade o açúcar o superava. O relatório Provincial de 1887 indica que na exportação do município de São Luiz (ex-colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro) que apesar do milho ter sido muito superior ao açúcar em quantidade, os dois foram avaliados igualmente em 20:000\$000 cada, sendo superados apenas pelo comércio de madeiras serradas que atingiu 90:000\$000.



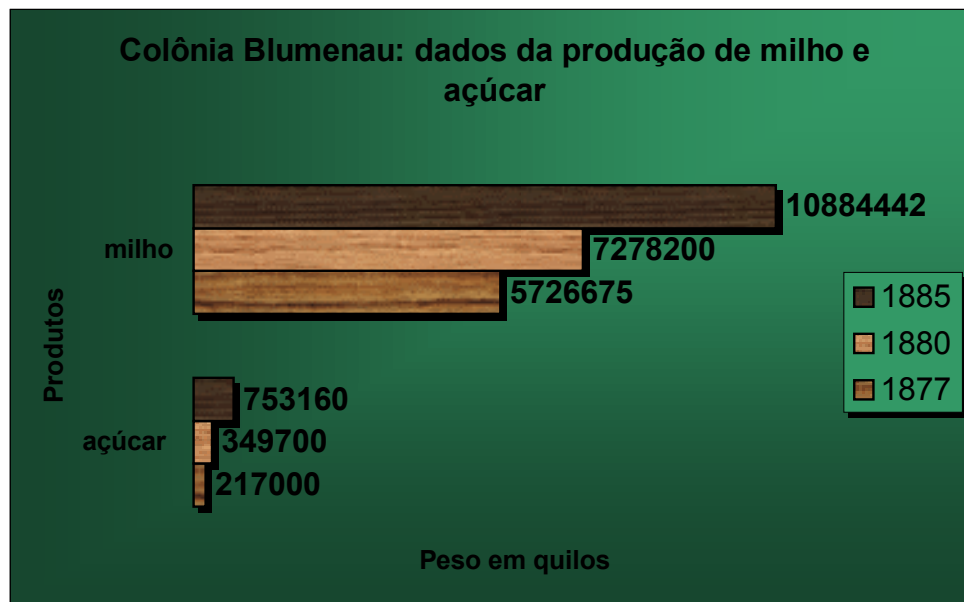
(Gráfico 5)

Através do gráfico acima, percebemos uma maior aproximação entre os valores da produção de milho e farinha de mandioca do que na observada no gráfico anterior. No entanto, devemos novamente destacar o fato do açúcar ser um dos derivados produzidos da cana pelos colonos, e não o único como acontece com a farinha de mandioca²¹⁵.

Das três colônias aqui analisadas, Blumenau é a que conseguimos reunir o maior conjunto de dados estatísticos sobre a produção agrícola. Nossa análise reuniu informações referentes a seis diferentes anos desta colônia, e em seus números observamos mais uma vez a importância do cultivo de milho e cana-de-açúcar, esta última através da produção de açúcar e aguardente. O gráfico abaixo apresenta os valores da produção de milho e açúcar nos anos de 1877²¹⁶, 1880²¹⁷ e 1885²¹⁸.

²¹⁵ A farinha de mandioca, segundo o mesmo relatório sobre a produção em Brusque no ano de 1886, indica que sua rentabilidade era inferior ao açúcar e ao milho, pois sua produção neste ano foi avaliada em 12:000\$000, contra 20:000\$000 do açúcar e sua saca era negociada a 1\$600 contra 2\$000 do milho.

²¹⁶Dados obtidos no *Mapa estatístico da Colônia Blumenau sobre o fim de 1877*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668.



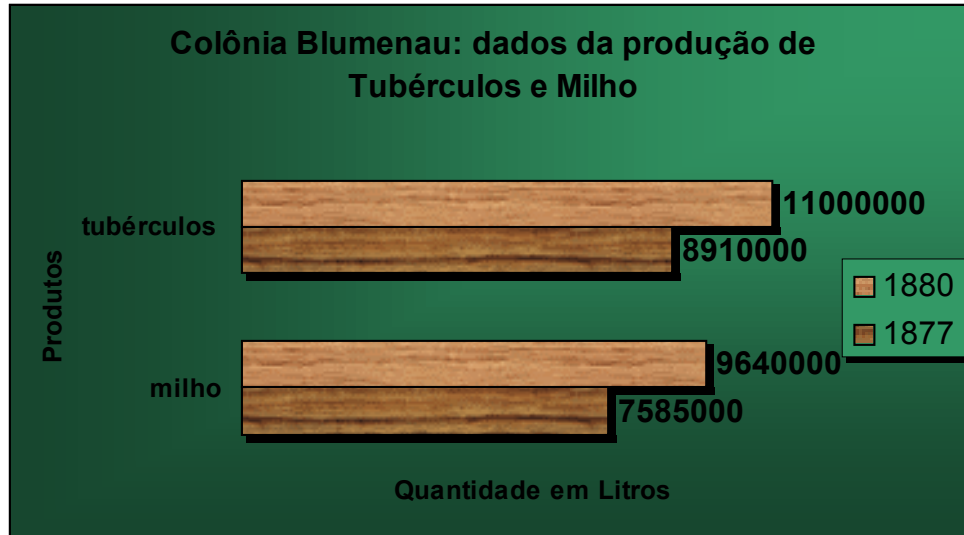
(Gráfico 6)

O gráfico aponta mais uma vez para grande superioridade da produção de milho. No entanto este grande distanciamento não é observado quando comparamos o milho aos tubérculos, pelo contrário, além do equilíbrio, notamos que culturas como cará, inhame e taiá, eram aparentemente os mais produzidos em Blumenau nos anos²¹⁹ onde esta análise tornou-se viável. Aparentemente porque os produtos medidos em litros, medida referente a capacidade e não peso, geralmente possui valores diferentes para cada produto, ou seja enquanto 1 litro de milho pode corresponder “X” Kg, 1 litro de tubérculos pode corresponder a “Y” Kg.

²¹⁷ Dados obtidos no *Mapa demonstrativo da situação, origem e condições da Colônia Blumenau referentes ao ano de 1880*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859

²¹⁸ Dados obtidos em: *RELATÓRIO COM QUE O EXM. SR CORONEL MANOEL PINTO LEMOS, 1.º VICE-PRESIDENTE, PASSOU A ADMINISTRAÇÃO DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, O DR. JOSÉ LUSTOSA DA CUNHA PARANAGUÁ, EM 22 DE JUNHO DE 1885. CIDADADE DE DESTERRO, TYP. DO “JORNAL DO COMÉRCIO”, 1885*. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

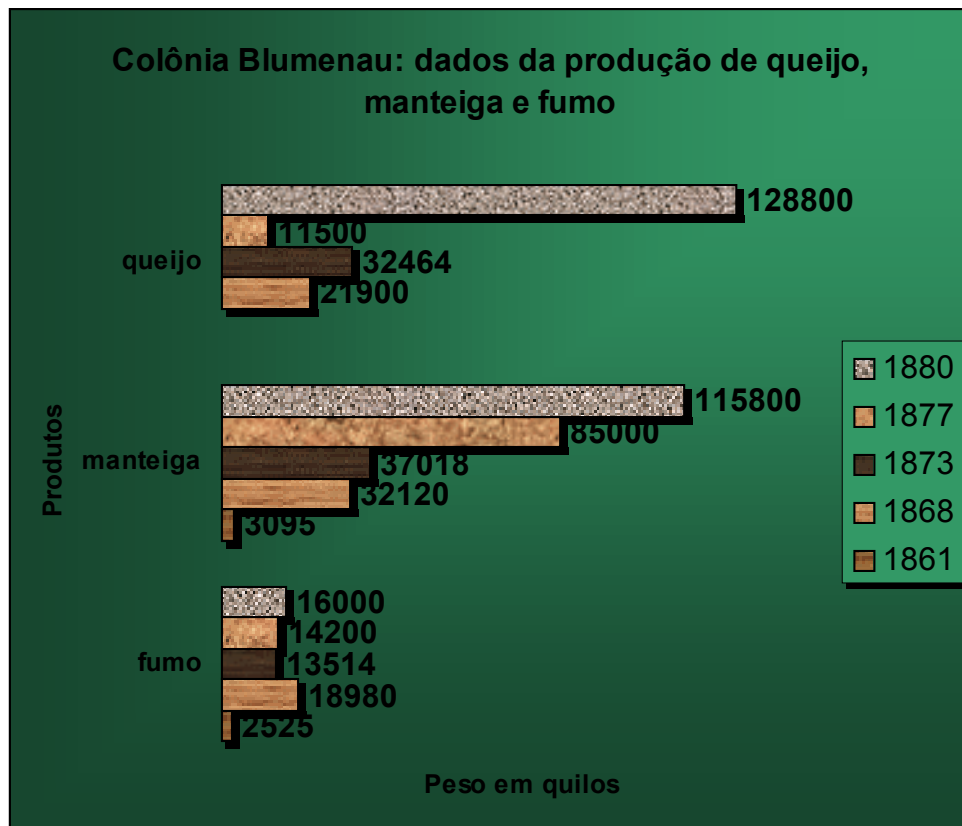
²¹⁹ A elaboração de uma comparação nos anos anteriores a 1877 ficou impossibilitada, visto que o milho era comumente medido em “mãos”. Os mapas estatísticos utilizados para os anos de 1877 e 1880 foram os mesmos utilizados no gráfico anterior.



(Gráfico 7)

Mesmo assim, esta comparação, agora feita em litros, destaca mais uma vez a importância das chamadas culturas “nativas” para colônia Blumenau, novamente representadas pelos tubérculos. Além disso, devemos levar em conta que os dados acima referem-se a vinte sete e trinta anos após a fundação da colônia, ou seja estas culturas agrícolas estavam definitivamente ajustadas as práticas rurais destes colonos.

Além do milho, do açúcar e dos tubérculos, os mapas estatísticos da colônia Blumenau apresentam uma grande variedade de produtos agrícolas. A seguir apresentaremos outros dois gráficos desta produção, um para os medidos em quilos e outro para os medidos em litros.



(Gráfico 8)

No Quadro acima, apresentamos informações sobre a produção de queijo, manteiga e fumo nos anos de 1861²²⁰, 1868²²¹, 1873²²², 1877²²³ e 1880²²⁴. Através dele, observamos o grande crescimento da produção de laticínios em Blumenau ao final da década de 1870. Este crescimento torna-se ainda maior ao final do século XIX. Com a ampliação das áreas

²²⁰ Dados obtidos no *Quadro estatístico do ano de 1861*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.14 141.

²²¹ Dados obtidos no *Mapa estatístico da Colônia Blumenau do ano de 1868*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332.

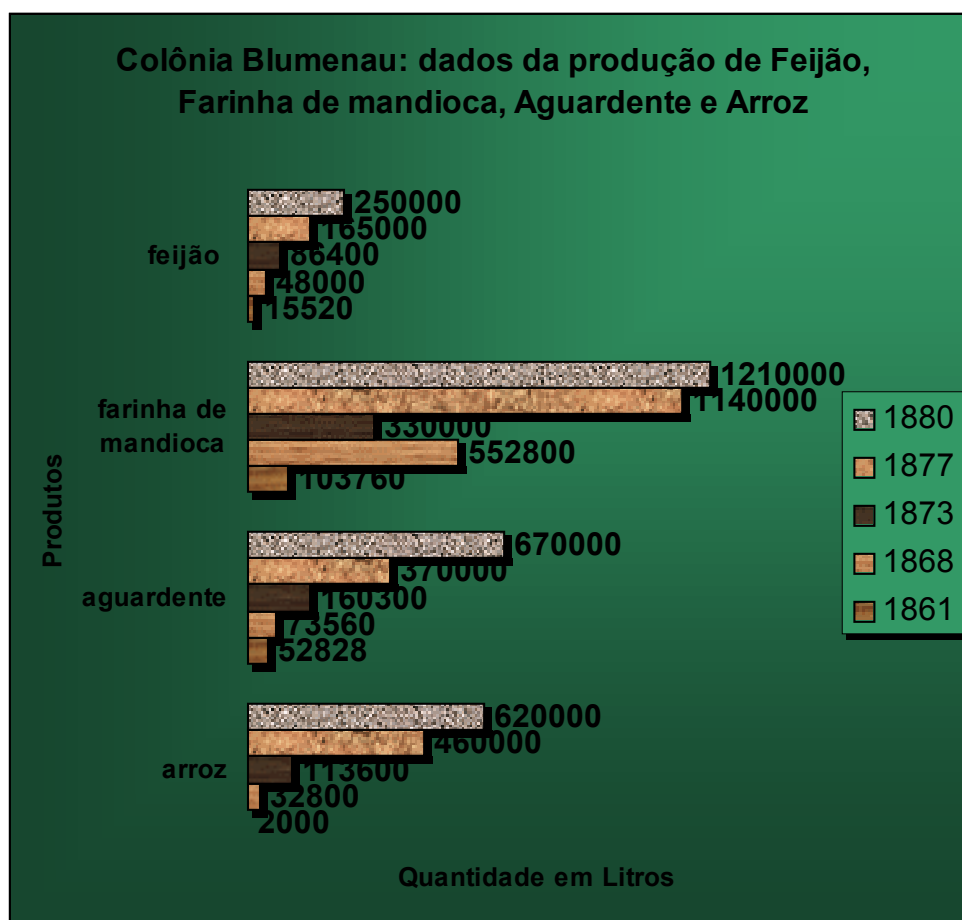
²²² Dados obtidos em: *MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA BLUMENAU DO ANO DE 1873 IN: FALA DIRIGIDA À ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 25 DE MARÇO DE 1874 PELO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1874*. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

²²³ Dados obtidos no *Mapa estatístico da Colônia Blumenau sobre o fim de 1877*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668.

²²⁴ Dados obtidos no *Mapa demonstrativo da situação, origem e condições da Colônia Blumenau referentes ao ano de 1880*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859.

de pastagem e o conseqüentemente aumento da criação de gado, os laticínios passam a ocupar o primeiro lugar entre os produtos exportados pela colônia.²²⁵ A fumicultura ainda apresentava-se de forma modesta neste período, no entanto, também ao final do século XIX ela ganha maior importância com a criação da Estação Agronômica e Veterinária em Rio dos Cedros²²⁶.

Quanto aos produtos em litros, dos quais devemos novamente considerar suas particularidades, selecionamos dados estatísticos referentes aos mesmos cinco anos utilizados no gráfico anterior.



(Gráfico 9)

²²⁵ LACMANN, Wilhelm. *Cavalgadas e Impressões no sul do Brasil*. Revista Blumenau em Cadernos. Fundação Cultural de Blumenau, vol. 11, 1997. p.34/35.

²²⁶ Este assunto é aprofundado no próximo sub-capítulo.

Entre as informações apresentadas neste gráfico, destacamos a significativa produção de farinha de mandioca. Seus elevados valores a colocavam como um dos mais importantes produtos agrícolas da colônia Blumenau, o que já havia sido observado em nossa análise sobre os estabelecimentos industriais rurais.

Uma destas indústrias rurais, os alambiques, fizeram com que a produção de aguardente também tivesse sua importância para colônia. Segundo o quadro apresentado anteriormente, em 1880 Blumenau possuía 143 alambiques e que produziram os respeitáveis 670.000 litros de aguardente apresentados pelo gráfico.

Dos quatro produtos agrícolas que compõe o gráfico, o feijão é o que apresenta menor importância em números. Apesar de presente em todos os quadros estatísticos da colônia, o feijão jamais aparece entre os mais produzidos. No entanto, seu estável crescimento indica que esta cultura cumpria um papel importante para Blumenau.

Ao contrário do que ocorre com o feijão, o arroz é dentre estes quatro produtos agrícola o que apresentou o maior crescimento. Este aumento em sua produção em meados da década de 1870 pode ser explicado, em parte, pelo estabelecimento no vale do Itajaí de muitas famílias de imigrantes italianos que passaram a se dedicar ao cultivo de arroz²²⁷. Assim como os laticínios e a fumiicultura, a rizicultura ganha ainda mais importância na região ao final do século XIX e início do séc. XX.

Enfim, através desta análise sobre a produção agrícola das colônias Blumenau, Brusque e Dona Francisca percebemos mais uma vez a que culturas pouco ou nada comuns na Europa transformara-se na base da produção agrícola colonial. Os tubérculos, a

²²⁷Alguns municípios com Rodeio e Rio dos Cedros, antigos núcleos italianos da colônia Blumenau, ainda possuem grandes áreas de cultivo de arroz.

mandioca, o milho e a cana-de-açúcar figuravam em todos os dados estatísticos aqui analisados como os mais produzidos por colonos do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina.

Ao lado dos cultivos agrícolas as práticas rurais imigrantes também foram marcadas pela criação de animais em pequena escala. Como vimos anteriormente, o patrimônio animal de cada família, quando existia, resumia-se a algumas poucas cabeças de gado, algumas dezenas de aves e porcos, alguns cavalos ou (e) bois para transporte e tração, tudo isso sempre condicionado aos espaços restritos de sua pequena propriedade rural.

Os relatórios anuais apresentam, assim como a produção agrícola, os números do patrimônio animal de cada colônia. Estas informações auxiliam nossa compreensão sobre as transformações nas práticas agrícolas dos imigrantes ao longo dos anos.

Entre os animais domésticos mais comuns estavam: os bois e vacas; os cavalos; os porcos; as aves domésticas; os carneiros; as cabras; e as mulas. Destes, apenas vacas, porcos e aves possuíam alguma importância comercial. Os cavalos, mulas e as parselhas de bois²²⁸ destinavam-se exclusivamente ao transporte e tração, enquanto cabras e carneiros, existentes em escala reduzida, eram basicamente de consumo doméstico.

O quadro²²⁹ abaixo apresenta o patrimônio animal da colônia Blumenau em cinco momentos distintos; 1861²³⁰, 1868²³¹, 1873²³², 1877²³³ e 1880²³⁴.

²²⁸ Parelhas de bois é como chama-se um conjunto de dois bois utilizados nos chamados “carros de boi”.

²²⁹ A ausência de valores para mulas e carneiros no anos de 1861 indica que ou não haviam animais destas espécies ou que sua quantidade não foi registrada no relatório analisado.

²³⁰ Dados obtidos no *Quadro estatístico do ano de 1861*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.14 141.

²³¹ Dados obtidos no *Mapa estatístico da Colônia Blumenau do ano de 1868*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332.

²³² Dados obtidos em: *MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA BLUMENAU DO ANO DE 1873 IN: FALA DIRIGIDA À ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 25 DE MARÇO DE 1874 PELO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1874*. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

²³³ Dados obtidos no *Mapa estatístico da Colônia Blumenau sobre o fim de 1877*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668.

Criação de animais na colônia Blumenau					
	1861	1868	1873	1877	1880
Bois e Vacas	53	2065	3830	8500	9340
Cavalos	63	520	820	2500	2405
Cabras	30	70	210	90	38
Suínos	1097	6420	12760	24500	27000
Aves domésticas	7500	25120	63120	88000	101800
Muare		60	241	300	402
Carneiros		292	168	95	102

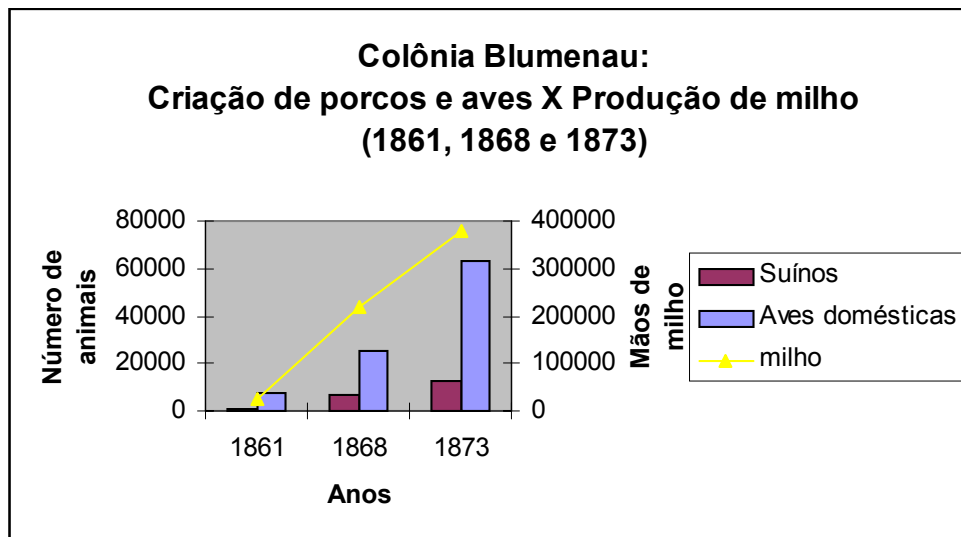
(Gráfico 10)

Através destes números, confirmamos a supremacia de aves e porcos entre criados nas pequenas propriedades coloniais. Observamos que de 1861, nove anos após a distribuição dos primeiros lotes na colônia, até 1880, ano da emancipação, estas criações mantiveram-se como as mais significativas de Blumenau. Era através destes animais que o colono viabilizava a exportação de banha e ovos.

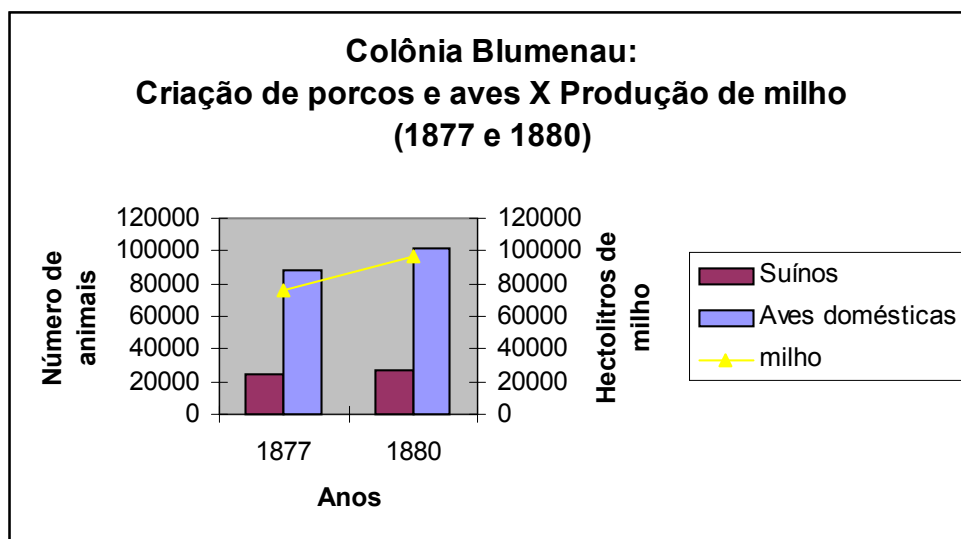
A expressiva produção de milho, registrada nos mapas estatísticos de Blumenau, assim como nas demais colônias, pode ser diretamente relacionada com esta numerosa criação de aves e porcos. Seu cultivo era, em grande parte, destinado a alimentação destes animais. Os gráficos²³⁵ abaixo procuram relacionar a criação de aves e porcos com a produção de milho na colônia Blumenau.

²³⁴ Dados obtidos no *Mapa demonstrativo da situação, origem e condições da Colônia Blumenau referentes ao ano de 1880*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859.

²³⁵ Nossos dados sobre a produção de milho estão em duas diferentes unidades de medida: mãos e hectolitros. Como não conseguimos uniformizar estas unidades, foi necessária a elaboração de dois gráficos.



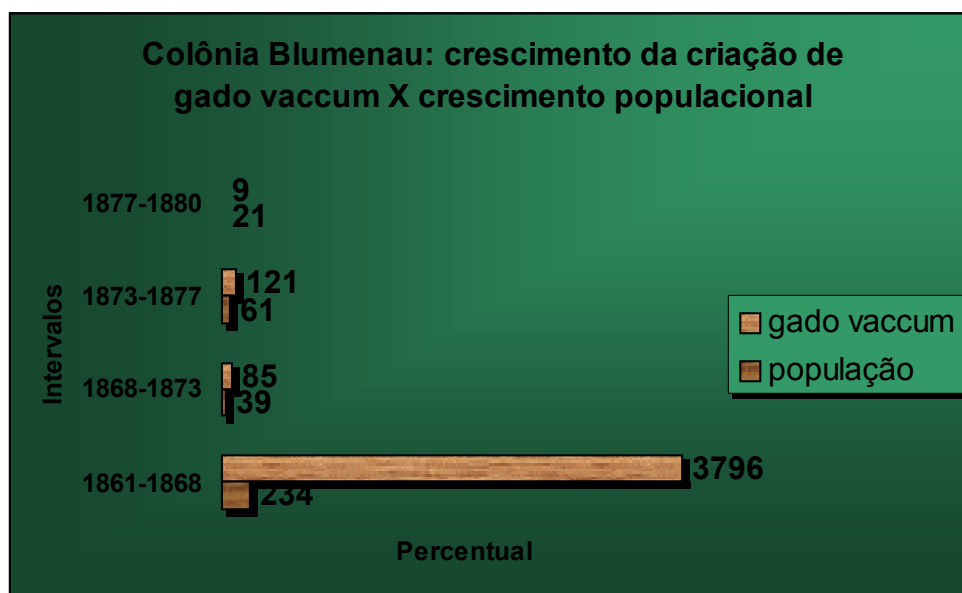
(Gráfico 11)



(Gráfico 12)

Através das informações apresentadas nos gráficos anteriores, observamos que o crescimento da produção de milho acompanhou o aumento da criação destes animais, especialmente as aves, em todos anos analisados. A partir desta constatação, podemos admitir que a grande e progressiva produção de milho, observada anteriormente, estava, pelo menos em parte, relacionado com o expressivo aumento na criação destes animais domésticos.

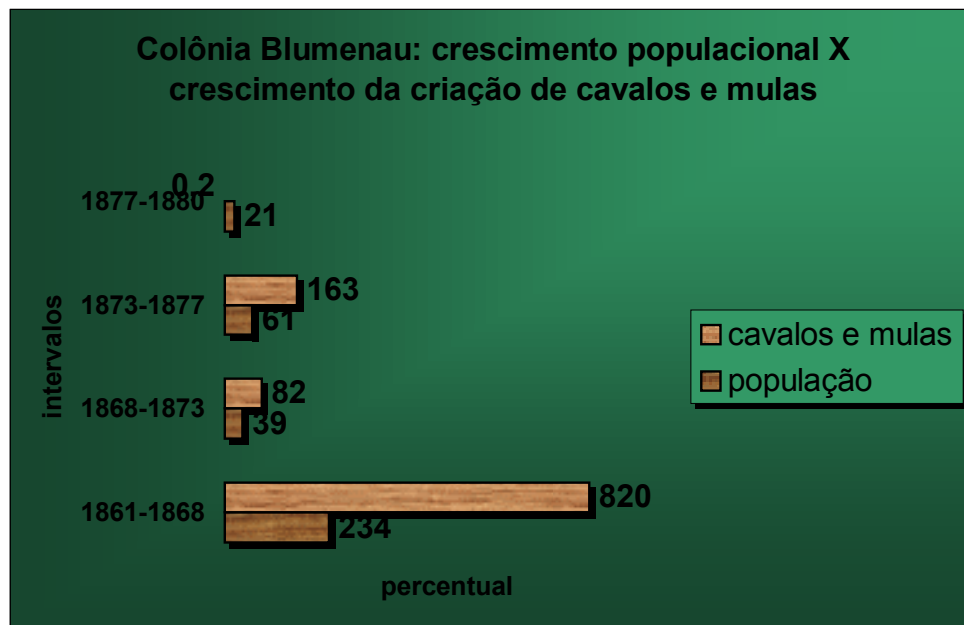
Para compreendermos melhor a transformação na criação de gado vaccum na colônia Blumenau, elaboramos um outro gráfico onde comparamos os percentuais de crescimento do número de cabeças com os do aumento populacional.



(Gráfico 13)

Através do gráfico, percebemos o impressionante crescimento do patrimônio bovino de Blumenau entre 1861 e 1868. Este período corresponde aos primeiros sete anos da colônia sob administração do império, época onde os investimentos foram mais volumosos na colônia. Embora isto seja muito significativo, devemos considerar como duvidosa a informação de que em 1861 existiam na colônia apenas 53 cabeças de gado.

Quanto aos animais de transporte e tração, dos quais destacamos aqui os cavalos e mulas, apesar de sua grande importância, não eram animais dos quais as famílias tinham a necessidade de possuir em grande quantidade. O gráfico abaixo apresenta sua relação com o crescimento populacional da colônia Blumenau.



(Gráfico 14)

Observamos aqui, semelhanças com o que ocorre com o gado bovino, o aumento mais impressionante da criação de cavalos e mulas acontece durante a década de 1860. Este crescimento acompanhou um período onde ocorrem importantes investimentos na abertura de estradas carroçáveis na região com o intuito de beneficiar o transporte das mercadorias comercializadas pelos colonos.

Assim como Blumenau, Brusque e Dona Francisca também apresentavam periodicamente seus números da criação animal. A seguir, apresentamos os quadros²³⁶ estatísticos sobre este patrimônio animal de alguns momentos de cada uma destas colônias.

Para Brusque, a menor entre as três colônias estudadas, elaboramos um quadro do patrimônio animal em três momentos distintos, 1864²³⁷, 1867²³⁸ e 1885²³⁹.

²³⁶ Onde os valores não estão preenchidos significa que a informação está indisponível ou que realmente não havia sequer um destes animais.

²³⁷ Dados obtidos em: *RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, O DOUTOR ALEXANDRE RODRIGUES DA SILVA CHAVES, APRESENTADO Á ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL NA 2.a SESSÃO DA 12.a LEGISLATURA EM 1.o DE MARÇO DE 1865.*

Criação de animais na colônia Brusque			
	1864	1867	1885
Vacas e Bois	207	639	2277
Cavalos	84	173	513
Cabras	14	18	335
Suínos	1592	1305	5784
Aves domésticas	5204	4389	
Muares			110
Carneiros			24

(Gráfico 15)

Ao analisarmos o quadro acima, destacamos mais uma vez a importância da criação de aves e porcos na vida rural das famílias imigrantes. Seus números, assim como em Blumenau, são os mais expressivos entre os animais criados na colônia. Esta supremacia de suínos e aves domésticas é uma das características mais marcantes das pequenas propriedades rurais coloniais e como vimos no caso da colônia Blumenau, estava relacionada com a grande produção de milho.

SANTA CATARINA, TYP. CATHARINENSE DE ÁVILA 4 RODRIGUES, 1865. P.25. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

²³⁸ Dados obtidos em: MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA ITAJAHY – BRUSQUE DO ANO DE 1867 IN: RELATÓRIO APRESENTADOS Á ASSEMBLEIA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA, NA SUA SESSÃO ORDINÁRIA, E O 1.º VICE-PRESIDENTE, COMENDADOR JOSÉ DE OLIVEIRA, POR OCASIÃO DE PASSAR-LHE A ADMINISTRAÇÃO O PRESIDENTE ADOLPHO DE BARROS CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE NO ANO DE 1868. RIO DE JANEIRO, TYP. NACIONAL, 1868. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004

²³⁹ Dados obtidos em: RELATÓRIO APRESENTADO Á ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA NA 2.ª SESSÃO DE SUA 26.ª LEGISLATURA, PELO PRESIDENTE, FRANCISCO JOSÉ DA ROCHA, EM 11 DE OUTUBRO DE 1887. RIO DE JANEIRO, TYP. UNIÃO DE M COELHO DA ROCHA & C., 1888. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

Para análise do patrimônio animal de Dona Francisca utilizamos dados estatísticos referentes aos anos de 1860²⁴⁰, 1864²⁴¹, 1867²⁴², 1871²⁴³, 1874, ou seja, de oito a vinte e dois anos após sua fundação.

Criação de animais na colônia Dona Francisca					
	1860	1864	1867	1871	1874
Vacas e Bois	266	1791	1725	1654	1900
Cavalos	148	349	687	815	980
Cabras	68	137	45	105	201
Suínos	2117	2910	2431	2634	3414
Aves domésticas	5600	14186	13063	14700	26000
Muares			11	34	116
Carneiros		32	112	175	175
Colméias			454	400	454

(Gráfico 16)

Além do que já foi observado através dos quadros anteriores, o aspecto que mais chama-nos atenção neste quadro é a existência das colméias entre os números de animais. O mel e a cera de abelha fizeram parte da produção agrícola de Dona Francisca, e seus valores, apesar de modestos, indicam o interesse por esta criação. Curiosamente, foi na

²⁴⁰ Nono Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.13/14. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin.

²⁴¹ Décimo terceiro Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.13/14. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin

²⁴² Décimo sexto Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.13/14. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin

²⁴³ Dados obtidos em: P.35. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: *RELATÓRIO DO VICE-PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, DR. GUILHERME CORDEIRO COELHO CINTRA, APRESENTADO À ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL EM 25 DE MATÇO DE 1872. CIDADE DE DESTERRO, 1872.* << <http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

colônia Blumenau, onde os números de colméias não aparecem entre os dados estatísticos, que surgiram as primeiras iniciativas do cultivo de abelhas. O Dr. Hermann Blumenau teria sido o responsável pelas primeiras criações nas colônias catarinenses.

Voltando ao quadro, podemos afirmar que, de forma geral, a proporção da existência de cada espécie animal em Dona Francisca é a mesma observada para colônia Blumenau. No entanto, se compararmos os números do patrimônio animal de cada colônia, observaremos uma considerável superioridade da colônia do vale do Itajaí.

Enfim, a criação de animais domésticos aliados à produção agrícola formavam a base das práticas rurais coloniais. Algumas de suas principais transformações ao longo dos anos foram estimuladas por sociedades de agricultores e exposições agro-industriais.

3.3 Associações Agrícolas e Exposições Coloniais em Santa Catarina

O desenvolvimento econômico das colônias aqui analisadas seguiu uma trajetória comum a boa parte dos núcleos coloniais existentes em Santa Catarina. A grande variedade de culturas desenvolvidas pelos trabalhadores rurais imigrantes, objeto de nossa pesquisa, possibilitava aos poucos um excedente a ser negociado. A comercialização deste excedente no mercado interno e externo, melhorias nas redes de transporte, o aprimoramento das técnicas de cultivo e uma conexão com as indústrias de beneficiamento (engenhos, alambiques, laticínios) eram condições básicas para este desenvolvimento.

Os trabalhadores rurais formavam a imensa maioria dos imigrantes estabelecidos em Blumenau, Dona Francisca e Brusque. Alguns colonos, que na Europa atuavam nas mais variadas profissões, transformaram-se em agricultores após a emigração. Muitos deles chegavam as colônias com total desconhecimento do trabalho rural.

A distribuição fundiária em pequenas propriedades de subsistência tornava as colônias de imigrantes da então Província de Santa Catarina uma região policultora em pequena escala. Em virtude das dificuldades já citadas, as práticas rurais adotadas na Europa na época da emigração, não poderiam ser repetidas com fidelidade nas colônias do sul do Brasil. Desta forma, algumas culturas até então desconhecidas para os europeus passaram a fazer parte da produção agrícola e da alimentação dos colonos. Ao longo dos anos, o desenvolvimento destas atividades rurais foi mesclando a bagagem cultural trazida da Europa com as novidades assimiladas na interação com o “novo meio”.

Os quadros estatísticos da produção agrícola de algumas das principais colônias de imigrantes demonstram-nos a importância que algumas culturas nativas tinham na atividade rural dos imigrantes. A farinha de mandioca, por exemplo, apresentava-se como um dos grandes produtos exportáveis destas colônias.

Esta mescla caracteriza boa parte da produção rural nestas colônias, no entanto, estas não foram as únicas influências recebidas pelos imigrantes agricultores. A fundação de sociedades de cultura (associações de agricultores) e a realização de exposições agrícolas exerceram um papel importante neste contexto. Como afirmamos anteriormente, no séc. XIX, as técnicas agrícolas mais modernas da Europa não foram introduzidas no país. Mesmo assim, observamos que o trabalho rural nestas colônias sofreu transformações ao longo dos anos. As introduções de novas culturas e alguns avanços nas formas de cultivo são os aspectos mais significativos. Considerando isso, procuramos através deste trabalho, refletir sobre as finalidades e a potencialidade destas sociedades e eventos para a lida rural nas colônias.

Nos avanços das técnicas de cultivo, onde se concentram nossas atenções, a fundação de sociedades de cultura adquiriu uma importante função. Com o intuito de

desenvolver a lavoura e a pecuária destas colônias eram promovidas reuniões com conferências instrutivas e o intercâmbio de experiências adquiridas pelos colonos. Além disso, estas associações estiveram à frente na realização das exposições coloniais e em suas participações nos eventos provinciais, nacionais e internacionais.

A promoção de exposições agrícolas e industriais foi uma tendência mundial durante a segunda metade do século XIX. Além da premiação dos principais produtores, estas exposições atuavam como importante veículo de divulgação de novas técnicas e implementos a serem adotados na indústria e agricultura.

As exposições universais, surgidas em meados do século XIX, com o capitalismo industrial, eram feiras que representavam a força e a utopia modernista. “Sua origem data do final do século XVIII, no entanto só se transformam em mostras internacionais a partir de 1851 em Londres”.²⁴⁴ Nesta primeira exposição os produtos expostos foram divididos em quatro grupos: manufaturas, maquinarias, matéria-prima e belas-artes. Desta forma todos os países poderiam contribuir com a exposição. Portanto, estas “exposições realizadas na segunda metade do século XIX apresentavam progressos alcançados pela ciência, pela tecnologia e pela cultura, além de atuarem como um dos mais importantes espaços de propaganda para as mercadorias produzidas pela sociedade burguesa, numa época em que os meios de informação e de criação de um mercado consumidor não eram tão diversificados como na atualidade”.²⁴⁵

A participação brasileira nestas exposições universais teve início na terceira edição em Londres (1862). A partir daí o Brasil, com grande incentivo e financiamento do

²⁴⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador, D. Pedro II um Monarca dos Trópicos*. p. 388

²⁴⁵ FILHO, Almir Pita Freitas. *Tecnologia e Escravidão no Brasil: Aspectos da Modernização Agrícola nas Exposições Nacionais da Segunda Metade do Século XIX (1861-1881)*. **Revista Brasileira de História**. Vol.22. p.73

Imperador D. Pedro II, um entusiasta do avanço científico, teve presença cativa nestas exposições. Sua intenção era colocar o país entre as nações que caminhavam rumo ao progresso industrial. Mesmo tendo levado produtos industriais (maquinaria, materiais para estrada de ferro, telégrafos e armamentos militares) a contribuição brasileira nestes eventos estava concentrada em produtos agrícolas e exóticos. Um exemplo disso ocorreu em sua primeira participação, onde os seus produtos premiados foram o café e a cerâmica marajoara.²⁴⁶

Apesar de estarem diretamente relacionadas com os países que percorriam os caminhos da industrialização, as exposições também foram realizadas em países onde este processo ainda estava distante. No Brasil foram promovidas seis exposições nacionais de 1861 a 1888. Estas serviam como preparatórias e classificatórias para a escolha dos representantes brasileiros nas edições internacionais.

Diversas províncias brasileiras também realizavam suas exposições preparatórias. Em Santa Catarina, tanto o governo provincial como algumas colônias de imigrantes promoveram exposições seguindo a tendência internacional. O sistema de premiação também era inspirado nas universais, com a distribuição de medalhas e diplomas para as mais variadas categorias.

Assim como as universais, as exposições brasileiras atuavam na divulgação dos avanços da mecanização na agricultura. Os catálogos agrícolas apresentavam uma diversidade de alambiques, moendas, engenhos e ferramentas. A interação com esta tecnologia e a possibilidade de aquisição poderia transformar significativamente o trabalho rural numa propriedade agrícola.

²⁴⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit. p. 393/394

A participação das colônias de imigrantes de Santa Catarina nas exposições nacionais e internacionais foi premiada em algumas edições. Através de seu diretor Dr. Hermann Blumenau e de alguns colonos, a colônia Blumenau recebeu prêmios em exposições nacionais e internacionais. O acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, em Blumenau, possui certificados e diplomas de premiação nas edições de 1861 e 1875 da Exposição Nacional e nas Exposições Internacionais de Paris em 1867 e Filadélfia em 1875.

A premiação da Colônia Blumenau em Paris 1867 foi tratada com grande satisfação pelo Imperador Dom Pedro II e por seu Ministério da Agricultura. Observamos através de correspondências pessoais²⁴⁷ e elogios nos relatórios ministeriais²⁴⁸, o prestígio do Dr. Blumenau na corte imperial.

Em 1874, por influencia do governo imperial e seguindo a tendência da segunda metade do século XIX, Dr. Blumenau elaborou uma proposta de um programa para as Exposições Coloniais. Segundo esta, os “desígnios” destas exposições seriam:

- 1- Tornar conhecidos, na possível extensão, quaisquer riquezas e recursos naturais brutos, existentes no respectivo distrito e nas partes adjacentes, que atualmente ou no futuro possam ser aproveitados na indústria e no comércio;
- 2- Animar o progresso e a emulação na lavoura e indústrias por meio de prêmios honoríficos e, em certos casos, de prêmios pecuniários ou da compra de objetos expostos;

²⁴⁷ Correspondência de Dom Pedro II para Hermann Blumenau. **Acervo:** Arquivo histórico José Ferreira da Silva. Pasta 2.32 n.329.

²⁴⁸ RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1868. p.30. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004

- 3- Promover e facilitar a mútua instrução, bem como as relações e os negócios entre os produtores e compradores.²⁴⁹

As exposições inicialmente seriam anuais e a época do evento variaria segundo as condições climáticas, o número da população, a extensão da lavoura e o interesse dos expositores. De acordo com esta proposta, poderiam ser expostos:

- 1- Quaisquer animais úteis para, por seu intermédio, serem introduzidas novas criações ou melhoradas as raças existentes do distrito, e quaisquer plantas úteis ou de ornamento ainda desconhecidas do mesmo.
- 2- Quaisquer máquinas, aparelhos e utensílios ou modelos, que forem ainda desconhecidos ou não fabricados no distrito e que nele, com vantagem, poderiam ser empregados ou fabricados, bem com quaisquer outros objetos, que à população do mesmo possam servir de instrução profissional.
- 3- Tratados relatórios ou breves notas sobre ensaios ou melhoramentos, executados em quaisquer ramos da lavoura e indústria do distrito, quando os objetos, de que tratam, por sua natureza só com grande dificuldade ou despesa ou de maneira nenhuma podem ser trazidos à própria exposição e sim nos respectivos lugares examinados e apreciados.²⁵⁰

A proposta previa, assim como as grandes exposições, a distribuição de diplomas de honra, menções honrosas e prêmios pecuniários. Os eventos seriam divididos em três classes:

- **I Classe:** Produtos brutos da natureza;

²⁴⁹ BLUMENAU, Hermann. *Proposta de um programa para as exposições coloniais*. **Revista Blumenau em Cadernos**. Vol 5. Blumenau, 2000. p.43.

²⁵⁰ Idem, p.44.

- **II Classe:** Agricultura, economia e indústrias agrícolas e rurais, inclusive a criação assessoria de diferentes animais, a horticultura, pombos e arboricultura e as culturas especiais;
- **III Classe:** Produtos de ofícios, artes e indústrias, indispensáveis ou de primeira importância para o bem estar, a prosperidade e o progresso de qualquer colônia ou apropriados para o melhor aproveitamento dos produtos, tanto espontâneos da natureza, como de trabalho humano.²⁵¹

A apresentação dos relatórios, notas e ensaios sobre procedimentos e melhoramentos executados na cultura e produção do distrito, formariam o segundo grupo da segunda classe. Estas informações deveriam dizer respeito a uma das três secções propostas:

- **Secção 1:** legumes cereais e plantas alimentícias;
- **Secção 2:** plantas filamentosas, oleaginosas e tintureiras;
- **Secção 3:** café, cacau, fumo, algodão, cana de açúcar e outras plantas sacaríferas.²⁵²

A proposta ainda deixa claro que a fonte de recursos para viabilização destes eventos viria do apoio governamental e de possíveis doações particulares. Dr. Blumenau faz referência sobre a responsabilidade das comissões eleitas no bom aproveitamento destes fundos recebidos.²⁵³

Esta proposta de Hermann Blumenau evidencia, em seu capítulo VII, o papel a ser cumprido pelas sociedades de cultura na promoção das exposições coloniais. Nas colônias, em que existissem sociedades ativas de cultura ou de outra denominação, que tivessem por fim promover os interesses comuns e o progresso na agricultura e indústria, seria confinada

²⁵¹ Idem, p.47/53.

²⁵² Idem, p. 48.

²⁵³ Idem, p.53.

a preparação e execução práticas das exposições a uma Comissão Geral, eleita pelas mesmas e composta de pelo menos três membros, a qual seguiria em geral pelos princípios e regras, estabelecidas pelo programa elaborado.²⁵⁴

A Sociedade de Cultura de Blumenau foi fundada em 1863, sua finalidade e atividade, segundo seu Estatuto, eram melhorar a economia rural, bem como as condições sociais, morais e científicas da Colônia Blumenau. Para conseguir isso, a sociedade promoveria reuniões periódicas nas quais haveria conferências de assunto instrutivo, troca de idéias e consultas mútuas sobre os problemas enfrentados. Segundo ata desta Sociedade, em sua primeira reunião que se seguiu à fundação foi tratado uma longa discussão sobre a cultura do milho, tabaco, bicho da seda, bem como plantas de frutos oleosos e de fibras. Pelas atas das demais reuniões constatam-se que os principais temas de discussão eram a cultura do tabaco, milho, feijão, e das plantas tuberosas, sendo nomeados diversos sócios para fazer experiências referentes à cultura e adubação, a fim de relatarem sobre os resultados obtidos.²⁵⁵ Esta sociedade também mantinha uma biblioteca para o uso gratuito de seus membros.²⁵⁶ Não temos conhecimento das obras disponíveis, mas acredita-se que era constituída em sua maior parte por livros e manuais de instrução agrícola.

A criação de gado também mereceu atenção e cuidado especial da sociedade, através dela ocorreu a subscrição para compra de gado bovino e ovino além da promoção de uma exposição específica em 1879²⁵⁷. A produção de fumo era amplamente favorecida pela sociedade, mas ao lado das sementes de tabaco também distribuía com regularidade

²⁵⁴ Idem, p. 53.

²⁵⁵ Atas da Sociedade de Cultura (acervo AHJFS). In: **Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950**. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p. 344/345

²⁵⁶ *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1871*. p. 31 Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

²⁵⁷ *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1879*. p.111. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004

grande sortimento de sementes de hortaliças. As suas reuniões não se realizavam sem uma ou mais preleções sobre o assunto referente à cultura de alguma planta, preparo de algum produto agrícola, criação e tratamento do gado ou combate às doenças e parasitas.²⁵⁸

O Sindicato agrícola de Blumenau, criado em 1907, seguiu a Sociedade de Cultura no serviço de orientação e amparo aos agricultores, com o fornecimento de sementes e distribuição e estacionamento de gado de raça importado. Ao sindicato também se deve a fundação da Caixa Agrícola, a construção da Estrada de rodagem da Serra do Trombudo, a instalação do Posto agropecuário do Rio Morto.²⁵⁹

O surgimento de uma sociedade desta espécie em Brusque ocorreu em 1872 com a fundação da Associação Agrícola das colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro. Seu surgimento deu-se por iniciativa do Diretor Dr. Luiz Betin Paes Leme, e seu objetivo era a realização de exposições anuais dos produtos agrícolas das colônias e ao mesmo tempo incentivar nos colonos o interesse pela lavoura. Eram celebradas seções mensais onde eram aplicados trabalhos práticos e ensaios de novos gêneros de cultura.²⁶⁰ Esta associação promoveu, segundo documentos existentes na Sociedade Amigos de Brusque, quatro exposições, sendo que a primeira exposição foi realizada em outubro de 1872.²⁶¹

Os relatórios do Ministério da Agricultura informam que os objetos mais notáveis dos eventos de 1872 e 1873 foram remetidos à Exposição Nacional, sendo alguns deles enviados e premiados na Exposição Internacional de Viena em 1873.²⁶²

²⁵⁸ Atas da Sociedade de Cultura (acervo AHJFS) Op. Cit. p.344/345

²⁵⁹ Idem, p. 345

²⁶⁰ *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1874*. p. 273 Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

²⁶¹ Álbum do Primeiro Centenário de Brusque. Brusque: Edição da Sociedade de Brusque, 1960. p. 220

²⁶² *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1873*. p. 35 Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

Na Colônia Dona Francisca, de acordo com os Relatórios anuais da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, logo nos primeiros anos após sua fundação no norte de Santa Catarina em 1851, foi criada uma Sociedade Cultural. Sua finalidade era “ajudar aos imigrantes com conselhos e auxílios por meio de exposições públicas e por meio da divulgação de tentativas no âmbito da agricultura e de conhecimentos úteis para a indústria”.²⁶³

Os auxílios aos agricultores representavam uma das várias seções desta Sociedade Cultural, no entanto, as contribuições a esta categoria (evidentemente predominante numa colônia agrícola) são as mais destacadas pela direção da colônia. Os relatórios citam com entusiasmo a promoção de conferências instrutivas sobre a agricultura e a prescrição e distribuição de sementes para os colonos. No ano de 1864, os relatórios fazem referência sobre tentativas da dita sociedade na introdução de sementes de lúpulo, trigo, centeio, aveia e cevada. Neste momento apenas estas duas últimas teriam obtido bons resultados.²⁶⁴

Alguns trechos dos Relatórios da Sociedade Colonizadora de Hamburgo indicam a potencialidade das influências que estas sociedades de apoio à atividade agrícola poderiam gerar à lida rural. O Relatório de 1865, por exemplo, apresenta uma descrição interessante sobre o papel exercido pela Sociedade Cultural de Dona Francisca:

A sociedade Cultural está ininterruptamente se esforçando para oferecer aos colonos garantidos pontos de referência para seus cultivos, por meio de novas tentativas de cultivo e divulgação dos resultados e do modo de manejo. Já que as plantações de café e de açúcar sofreram repetidas vezes com as geadas noturnas e, por isso, o seu cultivo parece ser aconselhável só para os locais mais

²⁶³ Quinto Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.73. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin.

²⁶⁴ Nono Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.32. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin.

protegidos da colônia, fazendo com que a mencionada sociedade direcione a atenção para os cultivos, cuja época de plantio e colheita caia em estações, nas quais não estejam sujeitos a este tipo de desastres e que ao mesmo tempo sejam próprias para exportação.²⁶⁵

Em Dona Francisca os esforços da Sociedade Cultural receberam forte apoio da imprensa local com a divulgação de suas iniciativas através do Kolonie-Zeitung (Jornal da Colônia). Desta forma, algumas contribuições desta sociedade não ficavam restritas a seus membros. O mesmo jornal publicava alguns ensaios curiosos para instrução dos colonos, sendo que os assuntos estavam comumente relacionados às formas de manejo das mais variadas culturas agrícolas.

Através de sua Sociedade Cultural foi sugerida para Colônia Dona Francisca a realização de uma exposição colonial para o ano de 1866, com o intuito de mostrar o que acontecia na colônia em termos de agricultura. No entanto, sua realização foi suspensa em virtude do anúncio de uma grande exposição nacional no Rio de Janeiro. A Província de Santa Catarina realizou sua exposição provincial como prévia para o evento imperial no mesmo ano de 1866 em sua capital Desterro. A participação da colônia Dona Francisca nestes eventos é destacada nos relatórios da Sociedade Colonizadora de Hamburgo. Na exposição nacional de 1866, a o açúcar branco do colono B. J. Poschaan foi premiado com uma medalha de prata. Este dado aponta para um desenvolvimento considerável das

²⁶⁵ Décimo Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.42/43. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin.

técnicas de cultivo e processamento, considerando que se tratava de uma cultura produzida em grande escala no país e pouco conhecida nos países de origem destes colonos.²⁶⁶

A primeira exposição agro-industrial de Joinville²⁶⁷ ocorreu apenas em 1874. Os relatos entusiasmados do *Kolonie-Zeitung* (Jornal da Colônia) apontam para um evento com grandes proporções para época. Sendo Dona Francisca a maior e mais populosa colônia de Santa Catarina, acredita-se que o evento deve mesmo ter atingido um grande público. O custo do evento ficou em torno de 1 Conto de Reis, e mesmo sendo esta uma colônia particular apenas subvencionada pelo Império, o governo contribuiu com 500 mil Réis enquanto o restante foi coberto pelas entradas e por outras receitas.²⁶⁸

A participação de Dona Francisca em edições das Exposições Internacionais foi registrada em seus relatórios anuais. Na Universal de Filadélfia em 1876, dois colonos de Joinville foram premiados com medalhas beneméritas.

Além destas exposições citadas, as principais colônias de imigrantes alemães de Santa Catarina também participaram das Exposições Teuto-Brasileira de Porto Alegre (1881) e Berlim (1882). A participação do Brasil nesta última, tinha como um dos principais objetivos cunhar uma melhor imagem da emigração para o Brasil (pois esta havia sido arranhada em função do “Reeskript von Der Heydt”, de 1859), especialmente para o sul do país.²⁶⁹

Evidentemente, a participação destas colônias, assim como a participação brasileira como um todo, não estavam entre as mais destacadas nestas exposições universais. No

²⁶⁶ Décimo quarto, décimo quinto e décimo sexto relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. Livro II. p.43, 54 e 64. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin.

²⁶⁷ Sobre este assunto ver: HERKENDORFF, Elly. A primeira exposição agroindustrial de Joinville. In: **Era uma vez um simples caminho**. Joinville: Fundação Cultural de Joinville, 1987. p. 117/125.

²⁶⁸ Vigésimo Quarto Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.13/14. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin.

²⁶⁹ *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1881*. 75/76. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

entanto, devido às diversas dificuldades de transporte e comunicação que a época oferecia, a simples presença e as modestas premiações podem ter influenciado o trabalho rural nos diversos núcleos coloniais catarinenses. Esta influência pode ter ocorrido diretamente ou mesmo via edições nacionais, provinciais e coloniais destas exposições. As universais também inspiravam a elaboração de artigos agrícolas, feitos, por vezes, com incentivo do governo imperial.²⁷⁰

No entanto, para os agricultores de Santa Catarina e especialmente para os colonos de Blumenau, o acesso a inovações e experimentos agrícolas não ocorreu somente através das exposições e associações agrícolas. Em 1895 foi criada no núcleo colonial de Rio dos Cedros (Blumenau), a primeira Estação Agronômica e de Veterinária de Santa Catarina. Este tipo de instituição surgiu no Brasil apenas na segunda metade do século XIX.

Cinquenta anos após a instalação do Jardim Botânico no Rio de Janeiro (1808), surgiram, por decretos do Imperador D. Pedro II, os imperiais Institutos de Agricultura. Foram cinco institutos, localizados na Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Sergipe e Rio Grande do Sul. Entretanto, “segundo Gastal (1980), esses institutos, criados entre 1859 e 1861, não vingaram, à exceção do Instituto Bahiano de Agricultura, do qual nasceu, em 1875, a Imperial Escola Agrícola da Bahia”.²⁷¹

Apesar deste insucesso, as iniciativas não pararam por aí, já que ainda antes do início do século XX foram criadas algumas outras importantes entidades de pesquisa agrícola. Em 1883, por exemplo, foi criada em Pelotas uma instituição de ensino de agricultura e veterinária que posteriormente deu origem à Escola de Agronomia Eliseu Maciel. Ao lado desta, por iniciativa do então Ministro da Agricultura, Conselheiro

²⁷⁰RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1868. p. 30. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

²⁷¹ Idem, p.46.

Antônio da Silva Prado, foi fundada em 1885 a Imperial Estação Agronômica de Campinas, transformada, posteriormente, em Instituto Agronômico de Campinas.²⁷²

Na Europa as inovações científicas ganhavam força ao longo do século XIX e eram impulsionadas pelo crescente desenvolvimento industrial.

Em meados do séc. XIX, a participação da Alemanha neste contexto passa a ganhar cada vez mais importância. “A Alemanha passou a produzir cientistas bem treinados, manuais e aparelhos para suprir não só as suas necessidades, mas, outras para muito além de suas fronteiras”.²⁷³

Ao final do séc. XIX, a Alemanha já figurava como a grande potência do mundo científico. Este domínio era representado pelo seu grande número de universidades, escolas técnicas superiores, e pela diversificada produção de revistas e manuais.²⁷⁴

A vanguarda alemã também era percebida na pesquisas agrícolas. Sua peculiar estrutura organizacional era formada por estações experimentais financiadas pelo Estado. “Nesse contexto, a primeira instituição de pesquisa agrícola sustentada pelo governo foi estabelecida na Alemanha, e não na Grã-Bretanha. Era uma estação experimental em Möckern, na Saxônia, criada em 1852 com o objetivo de buscar soluções científicas para os problemas agrícolas das províncias alemãs”.²⁷⁵

“O sistema alemão de pesquisa passou a ser constituído por faculdades e pelas estações experimentais baseadas no modelo de Möckern, que tinham por características não

²⁷² Idem, p.47/48.

²⁷³BERNAL. apud SANTOS, Lucy Woellmer dos. **Estação Agronômica de Veterinária do Estado. (1895-1920): uma abordagem histórica sobre o início da pesquisa agrícola em Santa Catarina.** Florianópolis, Editora da UFSC, 1998. p.33.

²⁷⁴ Idem, p.34.

²⁷⁵ Idem, p.38.

executar a tarefa de ensino e eram apoiadas por organizações de fazendeiros e câmaras de Agricultores”.²⁷⁶

De acordo com Lucy Woellner dos Santos, “Esse modelo, adotado no Brasil, foi escolhido também para a Estação de Rio dos Cedros; isto ocorreu, presumivelmente, pela influência do Dr. Hermann Blumenau, diretor da Colônia Blumenau, e que pertencia a uma elite cultural na Alemanha, país que liderava a organização científica na época. Mesmo depois de vir para o Brasil, o Dr. Blumenau mantinha freqüentes contatos com os meios intelectuais alemães, trazendo para a Colônia as inovações correntes na Europa. Essas influências podem ter sido reforçadas pela comprovada visão tecnocrática do governador Hercílio Luz, que também tinha formação acadêmica na Europa”.²⁷⁷

Dr. Blumenau teve durante o período em que permaneceu na Colônia, uma preocupação constante em introduzir novas técnicas e culturas. Curiosamente, em suas tentativas com plantas ornamentais, acabou trazendo junto a elas algumas ervas daninhas. Sua disposição em absorver novas tecnologias pode ser comprovada pela introdução, em 1851, do primeiro arado de Santa Catarina, mas que não podia ser usado ainda, pelos motivos anteriormente expostos.

Mesmo após o seu retorno à Alemanha, por carta a seu procurador no Brasil, em 1892, oferece área de suas terras para implantação de uma estação experimental. Esta disposição demonstra que, mesmo à distância, ele acompanhava o que transcorria na antiga

²⁷⁶ RUTTAN. apud SANTOS, Lucy Woellmer dos. **Estação Agronômica de Veterinária do Estado. (1895-1920): uma abordagem histórica sobre o início da pesquisa agrícola em Santa Catarina.** Florianópolis, Editora da UFSC, 1998. p.39

²⁷⁷ SANTOS, Lucy Woellmer dos. Op. Cit. p.155/156

Colônia Blumenau, e tinha interesse e preocupação com o seu desenvolvimento agrícola baseado no conhecimento científico.²⁷⁸

Na mesma correspondência, Hermann Blumenau demonstra frustração com a falta de motivação dos colonos blumenauenses para o projeto da estação experimental em suas terras na Ponta Aguda. Lamentava também a diminuição do espaço para artigos agrícolas na imprensa local, reforçando a necessidade de divulgação das inovações nos métodos de cultivo.²⁷⁹

No desenvolvimento das atividades de pesquisa realizadas pela Estação Experimental de Rio dos Cedros, o nome de Giovanni Rossi ganha destaque. Este agrônomo italiano foi o seu diretor e responsável de 1895, ano da fundação até 1907. As preocupações de Giovanni Rossi com a introdução de técnicas inovadoras e com a publicação e divulgação de recomendações e orientações aos agricultores e sua atuação está registrada pela publicação de inúmeros artigos e por seus relatórios anuais.

As atenções desta estação estavam concentradas em sua maior parte a pesquisas sobre a cultura do fumo, no entanto, merece destaque nos relatórios de Rossi, as referências ao número e a diversidade de culturas com que a Estação trabalhava. Como exemplo da diversificação de produtos, o Relatório de 1903 destaca as culturas do trigo, milho, arroz, videira, oliveira, maçã, pêra, pêssego, ameixa, caqui, marmelo, e diversas outras espécies frutíferas, além de trabalhos com forrageiras, maniçoba, apicultura e a distribuição de sementes e mudas.²⁸⁰

²⁷⁸ Idem, p.85

²⁷⁹ ALVES, Débora Bendocchi. *Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turingia*. Correspondência. **Blumenau em cadernos**. Tomo XLI – n.11/12, 2000. p114/116.

²⁸⁰ SANTOS, Lucy Woellmer dos. Op. Cit. p.120

Em 1900, em razão das comemorações do cinquentenário da colônia Blumenau, Rossi escreveu um artigo onde considerava que os implementos agrícolas utilizados em Blumenau, ainda eram muito rudimentares, mas correspondiam às necessidades da indústria da época, preparados pelas ferrarias “das nossas valadas”. Nos montes usava-se a foice e a enxada, enquanto nas planícies destocadas, dominava o arado, a capinadeira, a semeadeira mecânica e as enxadas puxadas por tração animal. A única máquina difundida e fabricada na colônia, era a máquina de picar cana e outras forragens, utilizada no preparo da ração animal.²⁸¹

Portanto, observamos que apesar da impossibilidade de aplicar nas colônias de Santa Catarina as mais modernas técnicas de cultivo da Europa, ocorreram tentativas de aprimoramento no trabalho rural dos imigrantes.

Neste sentido, tiveram destacado papel as exposições universais, nacionais, provinciais e coloniais promovendo a divulgação dos avanços alcançados em cada escala, além disso, inspirando a publicação de artigos agrícolas. As sociedades de colonos agricultores, além de atuarem na promoção destas exposições, possibilitavam através das reuniões periódicas e das conferências instrutivas o acesso a informações úteis ao trabalhador rural. Alguns periódicos publicavam este tipo de conferência, ampliando significativamente o alcance destas informações. A Estação Agrícola de Rio dos Cedros foi um passo ainda mais significativo nesta busca pelo melhoramento da potencialidade agrícola das colônias catarinenses.

Enfim, observamos através desta pesquisa, que apesar de nestas colônias ter predominado por longo tempo uma agricultura rudimentar com o uso da coivara, existiram

²⁸¹ ROSSI, Giovanni. *Agricultura*. Síntese e tradução Pe Victor Vicenzi. **Blumenau em Cadernos**. Tomo XVII. n.11/12, 1977. p.355

tentativas consistentes para aprimorar a produção rural. Neste contexto, destaca-se com bastante relevância, o significado das exposições bem como das “Associações Culturais”, no sentido de inserir o mundo rural teuto-catarinense numa agricultura mais eficiente e produtiva, saindo do sistema de uma agricultura de subsistência com poucos excedentes para o mercado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre questões ambientais vem sendo alvo de estudos nas mais variadas disciplinas. Neste caminho, a historiografia também apresenta-se como uma de suas portas, especialmente para compreensão histórica da interface entre o homem e o meio natural. Neste caso, as ações e percepções humanas sobre o meio ambiente aparecem como questões fundamentais desta análise.

Neste trabalho, através do enfoque ambiental, procuramos compreender aspectos pouco ou nada abordados sobre a vida nas colônias. A forma como colonos e viajantes percebiam a floresta a sua volta foi um destes assuntos.

Os relatos de viajantes e as correspondências de colonos analisadas nesta pesquisa proporcionaram o contato com diferentes formas de observar a floresta. A vida nas colônias é comumente reconhecida como a vida na floresta. Este sentimento era evidenciado pelas diferentes formas de divulgação de informações sobre como e onde viviam os imigrantes europeus estabelecidos em colônias no sul do país. Além dos escritos de colonos e viajantes, os guias e manuais indicados aos futuros emigrantes também davam espaço para descrições deste tipo.

Alguns depoimentos descreviam detalhadamente a floresta e como caminhava a integração entre colonos e o meio natural a sua volta. Esta preocupação evidencia a importância e a curiosidade sobre informações como estas. A mata nativa é vista por vezes como um inimigo a ser derrotado, mas noutras como um paraíso poético a ser admirado. Estas definições misturam-se ao longo dos anos, e são determinadas em grande parte por uma mescla entre a bagagem cultural trazida da Europa com os novos valores adquiridos no novo meio.

A emigração determinou uma grande mudança na vida de cada colono, alguns suportavam melhor que os outros as enormes diferenças entre a Europa e o sul do Brasil. Nem todos imigrantes estabelecidos em colônias agrícolas eram agricultores de origem, sendo que alguns jamais haviam tido experiência no trabalho rural. A transformação imposta pela emigração estava muito além de uma simples mudança de endereço. A decisão de deixar tudo para trás em troca de uma vida nas colônias no sul do Brasil, representava também mudar de país, ter contato direto e estar sujeito à outra cultura, a necessidade de aprender uma nova atividade profissional (para alguns novos agricultores), e, sobretudo, viver num meio natural completamente diferente e desconhecido.

Ao contrário da Europa, onde as áreas florestais (bosques plantados) eram acessíveis apenas aos mais abastados, no sul do Brasil a mata tornou-se o destino de muitas famílias de imigrantes. No entanto, as grandes diferenças entre elas não param por aí. Ao contrário dos bosques europeus, o deslocamento na floresta atlântica era uma tarefa difícil, a grande quantidade de cipós e galhos impedia a livre circulação. Além disso, alguns animais selvagens considerados perigosos e a significativa presença da população indígena nativa distanciavam-nas ainda mais.

Nossa pesquisa procurou evidenciar a noção de que a floresta poderia ser percebida das mais variadas formas, e que estaria geralmente condicionada a bagagem cultural de cada um. Seguindo Simon Schama, entendemos que “nem todas as culturas abraçam natureza e paisagem com igual ardor e as que as abraçam conhecem fases de maior ou menor entusiasmo”.²⁸²

A forma como os colonos estabelecidos nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina compreendiam a floresta, foi determinante no processo de interação entre

²⁸² SCHAMA, Simon. Paisagem e Memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.25.

ambos. Esta relação determinou grandes modificações nas duas partes, realizando o que chamamos de “ajustamento”. Ao longo dos anos, os colonos procuram cada vez mais conformar o novo meio a suas necessidades e interesses, mas, ao mesmo tempo, passam a sofrer grandes transformações nos seus hábitos. Entre elas, estão algumas assimilações de práticas adotadas pela população cabocla da região. Aliás, deve-se destacar que este assunto é, geralmente, silenciado pelas fontes e pela literatura sobre a imigração em Santa Catarina. Como vimos neste trabalho, a forma como foram construídas as primeiras residências, as técnicas e as culturas agrícolas adotadas e alguns hábitos alimentares, são exemplos da influência dos caboclos no modo de vida dos colonos.

As interferências do novo meio nos hábitos de famílias de imigrantes europeus também puderam ser observadas através dos gráficos estatísticos da produção agrícola das colônias Blumenau, Brusque e Dona Francisca. Nestes, observamos a grande importância de culturas de pouca ou nenhuma importância na Europa. A expressiva produção de tubérculos, como taiá, cará e inhame, de araruta, de mandioca, de milho e de cana-de-açúcar, é o principal exemplo disso.

Como vemos, é através das práticas rurais que se evidenciam algumas das mais importantes formas de interação entre os colonos e o meio natural. Por esta razão, procuramos analisar a pequena propriedade colonial como o centro das atividades numa colônia de imigrantes. Algumas das mais características formas de conexão entre os colonos e a floresta foram determinadas pela forma de distribuição dos lotes e pela organização espacial de cada propriedade.

Os lotes, normalmente, tinham área que variava de 25 a 30 hectares e eram demarcados para manterem uma forma longitudinal, tendo com referências as estradas, os

rios e córregos e os morros. Este modelo fez com que a maior parte dos colonos possuísse propriedades com os espaços bem demarcados, e com grandes semelhanças entre si.

O desmatamento, necessário para o surgimento ou avanço das plantações tinha como direção os fundos da propriedade, por isso, com o passar dos anos, apenas uma pequena reserva de mata era deixada, geralmente no topo dos morros, e de onde os colonos tiravam sua madeira para lenha, para construção de galpões e para cabos de ferramentas.

Neste trabalho, observamos também a importância da indústria madeireira para a economia das colônias. O comércio de madeiras cortadas aparece em alguns mapas estatísticos o principal produto exportado pela colônia.²⁸³ Os relatórios oficiais apontam para um número expressivo de serrarias nas colônias estudadas, e ao contrário das culturas agrícolas, as madeiras não eram plantadas, pois, estavam facilmente disponíveis nas florestas da região. Esta atividade proporcionou um aumento acelerado nas áreas desmatadas, já que ao contrário dos cultivos agrícolas, a sua derrubada não se limitava a espaços pré-determinados.

Mesmo com esta importância econômica da indústria madeireira, eram nas atividades agrícolas que se concentravam as atenções da maior parte dos colonos. A agricultura foi durante toda a segunda metade do século XIX, a base da economia destas colônias. Ao longo dos anos, algumas culturas agrícolas como o milho vão ganhando cada vez mais espaço, ao mesmo passo que algumas tentativas, como a introdução do trigo, não atingem sucesso. Alguns mapas estatísticos analisados neste trabalho nos mostraram que o crescimento da área cultivada assim como da produção de algumas culturas, esteve quase sempre à frente do aumento populacional apresentado. No entanto, não foi resultado de

²⁸³ Este comentário refere-se a exportação de madeiras em Dona Francisca. Dados obtidos no Décimo sexto Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.13/14. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin.

grandes transformações nas formas de cultivo, já que a enxada foi por muito tempo a principal ferramenta de trabalho agrícola.

Apesar das tentativas, o arado, símbolo de um avanço tecnológico e já popularizado na Europa, não pode ser utilizado na maior parte das colônias. O relevo acidentado e os restos de tocos e raízes eram seus grandes adversários. Desta forma, a adoção de técnicas agrícolas muito rudimentares, impediu que fosse realizado um dos importantes propósitos do incentivo imperial à fundação de colônias agrícola: o contato com técnicas modernas utilizadas na Europa.

Mesmo não tendo revolucionado as práticas rurais nestas colônias, a fundação das chamadas sociedades de cultura, onde reuniam-se colonos agricultores para realização de conferências instrutivas, desempenharam um importante papel na atividade agrícola colonial. A realização de exposições coloniais, bem como o apoio à participação de colonos em eventos maiores, como as exposições provinciais, nacionais e até mesmo universais, colocam as ditas sociedades num local de grande importância para o desenvolvimento destas colônias. As mesmas também atuavam na divulgação de novidades na forma de cultivo de uma determinada cultura ou na introdução de outra.

Nesta dissertação, procuramos reunir e cruzar informações de uma grande variedade de fontes com as mais diferentes origens. No intuito de preenchermos algumas lacunas deixadas pela historiografia no que diz respeito a relação entre colonos e a floresta, aproximamos depoimentos pessoais como os relatos de viajantes e as correspondências de imigrantes, documentos oficiais como os relatórios coloniais, provinciais e ministeriais. A bibliografia analisada, composta por obras e artigos que de alguma forma analisam aspectos relativos à imigração, além alguns bons trabalhos teórico-metodológicos, permitiu um melhor aproveitamento destas fontes.

Como afirmamos, procuramos preencher **algumas** lacunas deixadas pela historiografia, mas certamente deixaremos outras para novos pesquisadores. Este é um assunto que ainda tem muito para ser investigado e analisado. A utilização de outras fontes, como os documentos jurídicos (especialmente inventários e arrolamentos), poderá contribuir em muito para obtenção de informações que esta pesquisa não conseguiu atingir.

Enfim, esperamos que este trabalho seja uma importante contribuição para os estudos sobre a vida nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina, assim como para as pesquisas que visem enfocar a relação entre o homem e o meio natural.

LISTA DE IMAGENS

- **Figura 1** - “*Primeiro contato com a mata*” - Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
- **Figura 2** - “*Expedição pela Floresta*” - Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
- **Figura 3** – “*Família de imigrantes durante a derrubada da mata*” - Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
- **Figura 4** – “*Residência feita de troncos e folhas de palmeira*” - Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
- **Figura 5** – “*Casas de imigrantes construídas com tábuas de madeira*” - Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
- **Figura 6** – “*Casa construída em estilo enxaimel*” - Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
- **Figura 7** – “*Serraria em Blumenau*” - Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
- **Figura 8** – “*Colonos serrando madeiras*” - Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
- **Figura 9** – “*Mapa de Blumenau em 1864*” - Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
- **Figura 10** – “*Manutenção de reserva de mata no topo dos morros*” - Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
- **Figura 11** – “*Modelo de distribuição espacial de uma pequena propriedade rural colonial*” – Fonte: Desenho de Anamaria P. R. Teixeira dos Santos, baseado em

croqui de Teobaldo Jamundá In: Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950.

- **Figura 12** – “*Vida rural no vale do Itajaí*” - Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
- **Figura 13** – “*Colonos em frente a uma típica residência rural a beira da estrada*” - Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
- **Figura 14** – “*Propriedade rural na vila Itoupava – Blumenau/2001*” - Acervo: Manoel P. R. Teixeira dos Santos.
- **Figura 15** – “*Colonos montados sobre seus cavalos ao lado de algumas cabeças de gado*” - Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

LISTA DE GRÁFICOS

- **Gráfico 1 - “Área cultivada na colônia Dona Francisca (culturas)”**. Dados obtidos no Nono Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. Acervo: AHJLLE – Trad. Helena Richlin. / Décimo terceiro Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. Acervo: AHJLLE – Trad. Helena Richlin / Décimo sexto Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. Acervo: AHJLLE – Trad. Helena Richlin.

- **Gráfico 2 – “Área cultivada na colônia Blumenau (culturas)”**. Dados obtidos no Quadro estatístico do ano de 1861. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.14 141

- **Gráfico 3 – “Colônia Blumenau: crescimento da área cultivada X crescimento populacional”**. Os dados foram obtidos nos seguintes relatórios: Quadro estatístico do ano de 1861. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.14 141.; Dados obtidos no Mapa estatístico da Colônia Blumenau do ano de 1868. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332. ; MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA BLUMENAU DO ANO DE 1873 IN: FALA DIRIGIDA Á ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 25 DE MARÇO DE 1874 PELO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1874. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.; Mapa estatístico da Colônia Blumenau sobre o fim de 1877. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668. ; Mapa demonstrativo da situação, origem e condições da Colônia Blumenau referentes ao ano de 1880. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859.

- **Gráfico 4 - “Colônia Brusque: produção de milho e açúcar”**. Dados obtidos no RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, O DOUTOR ALEXANDRE RODRIGUES DA SILVA CHAVES, APRESENTADO Á ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL NA 2.a SESSÃO DA 12.a LEGISLATURA EM 1.o DE MARÇO DE 1865. SANTA CATARINA, TYP. CATHARINENSE DE ÁVILA 4 RODRIGUES,

1865. p.25. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004./ *MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA ITAJAHY – BRUSQUE DO ANO DE 1867 IN: RELATÓRIO APRESENTADOS Á ASSEMBLEIA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA, NA SUA SESSÃO ORDINÁRIA, E O 1.o VICE-PRESIDENTE , COMENDADOR JOSÉ DE OLIVEIRA, POR OCASIÃO DE PASSAR-LHE A ADMINISTRAÇÃO O PRESIDENTE ADOLPHO DE BARROS CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE NO ANO DE 1868.* RIO DE JANEIRO, TYP. NACIONAL, 1868. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004. / *RELATÓRIO APRESENTADO Á ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA NA 2.a SESSÃO DE SUA 26.a LEGISLATURA, PELO PRESIDENTE, FRANCISCO JOSÉ DA ROCHA, EM 11 DE OUTUBRO DE 1887.* RIO DE JANEIRO, TYP. UNIÃO DE “M COELHO DA ROCHA & C., 1888. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004

- **Gráfico 5 – “Colônia Brusque: produção de milho e farinha de mandioca”.** Dados obtidos em: *MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA ITAJAHY – BRUSQUE DO ANO DE 1867 IN: RELATÓRIO APRESENTADOS Á ASSEMBLEIA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA, NA SUA SESSÃO ORDINÁRIA, E O 1.o VICE-PRESIDENTE , COMENDADOR JOSÉ DE OLIVEIRA, POR OCASIÃO DE PASSAR-LHE A ADMINISTRAÇÃO O PRESIDENTE ADOLPHO DE BARROS CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE NO ANO DE 1868.* RIO DE JANEIRO, TYP. NACIONAL, 1868. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004. / *RELATÓRIO APRESENTADO Á ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA NA 2.a SESSÃO DE SUA 26.a LEGISLATURA, PELO PRESIDENTE, FRANCISCO JOSÉ DA ROCHA, EM 11 DE OUTUBRO DE 1887.* RIO DE JANEIRO, TYP. UNIÃO DE “M COELHO DA ROCHA & C., 1888. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004
- **Gráfico 6 – “Colônia Blumenau: dados da produção de milho e açúcar”.** Dados obtidos em: Mapa estatístico da Colônia Blumenau sobre o fim de 1877. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668. / Mapa demonstrativo da situação, origem e condições da Colônia Blumenau referentes ao ano de 1880. Acervo: Arquivo Histórico José

Ferreira da Silva. P02.85 859 / RELATÓRIO COM QUE O EXM. SR CORONEL MANOEL PINTO LEMOS, 1.º VICE-PRESIDENTE, PASSOU A ADMINISTRAÇÃO DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, O DR. JOSÉ LUSTOSA DA CUNHA PARANAGUÁ, EM 22 DE JUNHO DE 1885. CIDADADE DE DESTERRO, TYP. DO “JORNAL DO COMÉRCIO”, 1885. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004

- **Gráfico 7 - “Colônia Blumenau: dados da produção de tubérculos e milho”.** Dados obtidos em Mapa estatístico da Colônia Blumenau sobre o fim de 1877. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668. / Dados obtidos no Mapa demonstrativo da situação, origem e condições da Colônia Blumenau referentes ao ano de 1880. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859.

- **Gráfico 8 - “Colônia Blumenau: dados da produção de manteiga, queijo e fumo”.** Os dados foram obtidos nos seguintes relatórios: Quadro estatístico do ano de 1861. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.14 141.; Dados obtidos no Mapa estatístico da Colônia Blumenau do ano de 1868. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332. ; MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA BLUMENAU DO ANO DE 1873 IN: FALA DIRIGIDA Á ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 25 DE MARÇO DE 1874 PELO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1874. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.; Mapa estatístico da Colônia Blumenau sobre o fim de 1877. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668. ; Mapa demonstrativo da situação, origem e condições da Colônia Blumenau referentes ao ano de 1880. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859.

- **Gráfico 9 - “Colônia Blumenau: dados da produção de feijão, farinha de mandioca, aguardente e arroz”.** Os dados foram obtidos nos seguintes relatórios: Quadro estatístico do ano de 1861. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.14 141.; Dados obtidos no Mapa estatístico da Colônia Blumenau do ano de 1868. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332. ; MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA BLUMENAU DO ANO DE 1873 IN: FALA DIRIGIDA Á

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 25 DE MARÇO DE 1874 PELO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1874. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004; Mapa estatístico da Colônia Blumenau sobre o fim de 1877. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668. ; Mapa demonstrativo da situação, origem e condições da Colônia Blumenau referentes ao ano de 1880. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859.

- **Gráfico 10 – “Criação de animais na colônia Blumenau”.** Os dados foram obtidos nos seguintes relatórios: Quadro estatístico do ano de 1861. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.14 141.; Dados obtidos nos seguintes documentos: Mapa estatístico da Colônia Blumenau do ano de 1868. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332. ; MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA BLUMENAU DO ANO DE 1873 IN: FALA DIRIGIDA Á ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 25 DE MARÇO DE 1874 PELO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1874. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004. ; Mapa estatístico da Colônia Blumenau sobre o fim de 1877. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668. ; Mapa demonstrativo da situação, origem e condições da Colônia Blumenau referentes ao ano de 1880. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859.

- **Gráfico 11 – “Colônia Blumenau: criação de aves e porcos X produção de milho (1861, 1868 e 1873)”.** Os dados foram obtidos nos seguintes relatórios: Quadro estatístico do ano de 1861. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.14 141.; Dados obtidos no Mapa estatístico da Colônia Blumenau do ano de 1868. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332. ; MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA BLUMENAU DO ANO DE 1873 IN: FALA DIRIGIDA Á ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 25 DE MARÇO DE 1874 PELO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1874. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

- **Gráfico 12 – “Colônia Blumenau: criação de aves e porcos X produção de milho (1877 e 1880)”**. Os dados foram obtidos nos seguintes relatórios: Mapa estatístico da Colônia Blumenau sobre o fim de 1877. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668. ; Mapa demonstrativo da situação, origem e condições da Colônia Blumenau referentes ao ano de 1880. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859.

- **Gráfico 13 - “Colônia Blumenau: crescimento da criação de gado vaccum X crescimento populacional”**. Os dados foram obtidos nos seguintes relatórios: Quadro estatístico do ano de 1861. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.14 141.; Dados obtidos no Mapa estatístico da Colônia Blumenau do ano de 1868. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332. ; MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA BLUMENAU DO ANO DE 1873 IN: FALA DIRIGIDA Á ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 25 DE MARÇO DE 1874 PELO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1874. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.; Mapa estatístico da Colônia Blumenau sobre o fim de 1877. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668. ; Mapa demonstrativo da situação, origem e condições da Colônia Blumenau referentes ao ano de 1880. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859.

- **Gráfico 14 - “Colônia Blumenau: crescimento populacional X crescimento da criação de cavalos e mulas”**. Os dados foram obtidos nos seguintes relatórios: Quadro estatístico do ano de 1861. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.14 141.; Dados obtidos no Mapa estatístico da Colônia Blumenau do ano de 1868. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332. ; MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA BLUMENAU DO ANO DE 1873 IN: FALA DIRIGIDA Á ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 25 DE MARÇO DE 1874 PELO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1874. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.; Mapa estatístico da Colônia Blumenau sobre o fim de 1877. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668. ; Mapa demonstrativo da situação, origem e condições da Colônia Blumenau referentes ao ano de 1880. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859.

- **Gráfico 15 – “Criação de animais na colônia Brusque”.** Os dados foram obtidos nos seguintes relatórios: RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, O DOUTOR ALEXANDRE RODRIGUES DA SILVA CHAVES, APRESENTADO Á ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL NA 2.a SESSÃO DA 12.a LEGISLATURA EM 1.o DE MARÇO DE 1865. SANTA CATARINA, TYP. CATHARINENSE DE ÁVILA 4 RODRIGUES, 1865. P.25. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004./ MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA ITAJAHY – BRUSQUE DO ANO DE 1867 IN: RELATÓRIO APRESENTADOS Á ASSEMBLEIA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA, NA SUA SESSÃO ORDINÁRIA, E O 1.o VICE-PRESIDENTE, COMENDADOR JOSÉ DE OLIVEIRA, POR OCASIÃO DE PASSAR-LHE A ADMINISTRAÇÃO O PRESIDENTE ADOLPHO DE BARROS CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE NO ANO DE 1868. RIO DE JANEIRO, TYP. NACIONAL, 1868. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004 / RELATÓRIO APRESENTADO Á ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA NA 2.a SESSÃO DE SUA 26.a LEGISLATURA, PELO PRESIDENTE, FRANCISCO JOSÉ DA ROCHA, EM 11 DE OUTUBRO DE 1887. RIO DE JANEIRO, TYP. UNIÃO DE M COELHO DA ROCHA & C., 1888. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004 .

- **Gráfico 16 – “Criação de animais na colônia Dona Francisca”.** Dados obtidos em Nono Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.13/14. Acervo: AHJLLE – Trad. Helena Richlin. / Décimo terceiro Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.13/14. Acervo: AHJLLE – Trad. Helena Richlin. / Décimo sexto Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.13/14. Acervo: AHJLLE – Trad. Helena Richlin / RELATÓRIO DO VICE-PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, DR. GUILHERME CORDEIRO COELHO CINTRA, APRESENTADO Á ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL EM 25 DE MARÇO DE 1872. CIDADE DE DESTERRO, 1872. P.35. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004

BIBLIOGRAFIA

Álbum do Primeiro Centenário de Brusque. Edição da Sociedade Amigos de Brusque, 1860.

ALVES, Débora Bendochi. *A propaganda dos expedidores concessionários de Hamburgo e a emigração alemã para o Brasil no século XIX*.

_____. *Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia*. **Revista Blumenau em Cadernos**, Tomo XLI – N.11/12, 2000.

ALVES, Débora Bendocchi e JOCHEM, Toni Vidal. *São Pedro de, Alcântara, 170 anos depois -1829-1999*. São Pedro de Alcântara: coordenação dos Festejos, 1999.

ALVES, Roselane Maria. *“Se mostram os bugres” Abordagens da imprensa catarinense sobre o indígena (1900-1914)*. Florianópolis 2000. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina.

AREND, Silvia Maria Fávero e WITTMANN, Luisa Tombini. O problema dos Xokleng no município de Blumenau (1900-1914) polifonias. **Revista Blumenau em Cadernos**. Tomo XLIII – n 05/06 – Maio/Junho de 2002.

ATLAS de Santa Catarina. Rio de Janeiro: Aerofoto, 1986.

BETHLEM, Hugo. *Vale do Itajaí*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939.

BLUMENAU, Hermann. *A Colônia Alemã Blumenau na Província de Santa Catarina no Sul do Brasil – 1855*. Organização: Cristina Ferreira; Tradução: Annemarie Fouquet Schünke – Blumenau: Cultura em Movimento; Instituto Blumenau 150 anos, 2002.

_____. *Problemas enfrentados pelo fundador da Colônia: Os bugres atacam e matam Colonos, roubam e raptam crianças*. **Blumenau em Cadernos**. Maio de 1978. Vol. 5.

_____. *Proposta de um programa para as exposições coloniais*. **Revista Blumenau em Cadernos**. Vol 5. Blumenau, 2000.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Brusque; subsídios para a história de uma colônia nos tempos no Império*. Brusque: Sociedade amigos de Brusque, 1960.

_____. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1987.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Agricultura, Escravidão e Capitalismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

CASTRO, Moacir Werneck de. *Missão na Selva: Emil Odebrecht (1835-1812), um prussiano no Brasil*. Rio de Janeiro: AC&M Editora, 1994.

_____. *O sábio e a Floresta*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Centenário de Blumenau 1850 - 2 de setembro - 1950. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950.

COLOMBI, Luiz Vendelino. *Blumenau: da economia de subsistência à industrialização (1850-1880)*. **Revista Blumenau em Cadernos**. TomoXLII – N.1/2, 2001.

COSTA, Iraci del Nero da. *Pesos e medidas no período colonial brasileiro: denominações e relações*. **Boletim de História Demográfica**. Núcleo de Estudos em História Demográfica. Ano I, Abril de 1994. Disponível em: <<http://historia_demografica.tripod.com/BHD.HTM >> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

CROSBY, Alfred W. *Imperialismo Ecológico: A expansão biológica da Europa 900-1900*. Trad. José Augusto Ribeiro e Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEAN, Warren. *A Ferro e Fogo, a História e a devastação da mata atlântica Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *RIO CLARO: um sistema brasileiro de grande lavoura 1820-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

DEEKE, José. *O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento*. Blumenau: Nova letra, 1995.

DRUMOND, José Augusto. *A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa*. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, vol. 8, 1991/2.

_____. *Devastação e Preservação Ambiental no Rio de Janeiro: os parques nacionais do Estado do Rio de Janeiro*. Niterói: Eduff, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) *Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil*. Blumenau: Instituto 150 anos, 1999.

FICKER, Carlos. *História de Joinville: Crônicas da Colônia Dona Francisca*. Joinville: Tupy, 1965.

_____. *Transformação étnica e social do imigrante e da língua alemã em Santa Catarina*.

Revista Blumenau em Cadernos. Novembro de 1970. Vol.11.

FILHO, Almir Pita Freitas. *Tecnologia e Escravidão no Brasil: Aspectos da Modernização Agrícola nas Exposições Nacionais da Segunda Metade do Século XIX (1861-1881)*.

Revista Brasileira de História. Vol.22.

GANARINI, Arcângelo. *Notícias de Brusque e Nova Trento, isto é colônias Itajaí e príncipe Dom Pedro, na Província de Santa Catarina*. **Revista Blumenau em Cadernos**. Fundação Cultural de Blumenau, 1859.

Geografia do Brasil: Região Sul. Vol.2. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

GILLIS, John R. *Commemorations: the politics of national identity*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. 4ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HERKENHOFF, Elly. A primeira exposição agroindustrial de Joinville. In: **Era uma vez um simples caminho**. Joinville: Fundação Cultural de Joinville, 1987.

HILAIRE, August Saint. *Viagem a Curitiba e Santa Catarina*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Editora da USP, 1974.

HINSCH, Richard. *O desenvolvimento da agricultura em Blumenau*. **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau, Vol. 6. p. 9, 2000.

HOELTGEBAUM, Curt. (tradução e transcrição). *As colônias alemãs nos distritos brasileiros de Brusque e Blumenau, publicado por decisão dos membros do Senado 11/1897*. Revisão Anemmarie Fouquet Schünk. **Revista Blumenau em Cadernos**. Fundação Cultural de Blumenau. Tomo XLIII. n. 07/08, 2002.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HUNSCHE, Carlos H. *O Biênio 1824/25 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro – Secretaria de educação e Cultura, 1975.

JOCHER, Toni Vidal (org.). *São Pedro de Alacântara 1829-1999, Aspectos de sua História*. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999.

KIRCHNER, Philipp e KIRCHNER, Rudolph. *Interessante Correspondência*. **Revista Blumenau em Cadernos**. Fundação Cultural de Blumenau, Vol. 7, 1966.

KLUG, João e DIRKSEN, Valberto (orgs). *Rio do Sul, uma História*. Rio do Sul: Fundação Cultural de Rio do Sul, 2000.

KUPPER, Agnaldo. *A devastação da cobertura vegetal do Estado de São Paulo*. In: Projeto História. São Paulo: EDUC, nº18, Maio/1999.

LALLEMANT, Robert Ave. *Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia / São Paulo: Editora da USP, 1980.

LACMANN, Wilhelm. *Cavalgadas e Impressões no sul do Brasil*. **Revista Blumenau em Cadernos**. Fundação Cultural de Blumenau, vol. 11, 1997.

_____. *Ritte und Rasttage in Südbrasilien - Reisebilder und studien aus dem Leben der deutschen Siedelungen*. Berlin: Verlag Diertrich Reimer, 1906.

LEITE, Miriam Moreira. *A condição Feminina no Rio de Janeiro: séc. XIX*. São Paulo: Hucitec/Ed USP. 1993.

LINHARES, Maria Yedda e SILVA, Francisco Carlos Teixeira. *A história da agricultura brasileira: debates e controvérsias*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

LUCENA, Célia Toledo. *Artes de lembrar e de inventar, (re) lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

LUNA, Francisco Vidal e KLEIN, Herbert S. Nota a respeito de medidas para grãos utilizadas no período colonial e as dificuldades para sua conversão ao sistema métrico. **Boletim de História Demográfica**. Ano VIII, número 21, março de 2001. Disponível em: <<http://historia_demografica.tripod.com/BHD.HTM >> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *A Política de Colonização do Império*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

MAITOS, Jacintho Antonio de. *Colonização do Estado de Santa Catarina, dados históricos e estatísticos (1640-1916)*. Florianópolis: Secretaria Geral dos Negócios do Estado, 1917.

- NODARI, Eunice Sueli. *Imagens do Brasil na Alemanha do Século XIX*. **Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH) - Anais da XII Reunião**. Porto Alegre, 1992.
- PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de Destruição: Pensamento político e Crítica ambiental no Brasil Escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2002.
- PIAZZA, Walter Fernando. *A colonização em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1994.
- PEREIRA, João Baptista Borges. *Os italianos no mundo rural paulista*. São Paulo: Edusp, 2002.
- Pioneirismo. **Revista Blumenau em Cadernos**. Maio de 1968. Vol. 9.
- POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. **Revista Estudos Históricos**. Vértice, nº3, 1989.
- PRESTIEN, Johan August. *Vida de Colono*. **Revista Blumenau em cadernos**. Fundação Cultural de Blumenau. Vol. 7, p.128, 1965.
- RENAUX, Maria Luiza. *O Outro lado da História: O Papel da Mulher no Vale do Itajaí 1850-1950*. Blumenau: Editora da FURB, 1995.
- Revista Estudos sobre Sociedade e Agricultura**. vol. 11. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1998.
- ROSSI, Giovanni. *Agricultura*. Síntese e tradução Pe Victor Vicenzi. **Revista Blumenau em Cadernos**. Tomo XVII. n.11/12, 1977
- RUHE, Rudolf. *A Emigração da Soberania de Rodolstadt ao Brasil na metade do século XIX*. (tradução de André Werle).
- _____ *Para a História da Emigração Ultramarina da Soberania Territorial do Antigo Principado de Schwarczburg-Rudolstadt no século XIX*. (tradução de André Werle).
- SALOMON, Marlon. *As correspondências, uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí*. Editora da UFSC: Florianópolis, 2002.
- SANTOS, Lucy Woellner dos. *Estação Agronômica do Estado (1895-1920): Uma Abordagem histórica sobre o início da pesquisa agrícola em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1998.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SCHENTKE, W. *Advertência contra a emigração para o Brasil*. (tradução de Guido Imaguire/ revisão de Valberto Dirksen).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador, D. Pedro II um Monarca dos Trópicos*.

_____. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e a questão racial no Brasil (1870-1930)*. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: Editora UNB, 1990.

SILVA, José Ferreira da. *A imprensa em Blumenau*. Florianópolis: IOESC, 1977.

_____. *História de Blumenau*. Florianópolis: Edeme, 1972.

SILVA, Zedar Perfeito da. *O vale do Itajaí*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1954.

SOFFIATI, Arthur. *O Nativo e o Exótico: perspectivas para a História ambiental na ecorregião norte-noroeste fluminense entre os séculos XVII e XX*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, 1996.

SZMRECSÁNYI, Tamás. *Pequena História da Agricultura no Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 1998.

TEDESCO, João Carlos. *Memória e cultura*. Porto Alegre: EST, 2001.

TERNES, Apolinário. *História econômica de Joinville*. Joinville: Meyer, 1986.

THEIS, Ivo M., MATTEDI, Marcos Antônio e TOMIO, Fabrício Ricardo de Limas Tomio (Orgs.). *Nosso passado incomum: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia em Blumenau*. Blumenau: Editora da FURB, 2000.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TSCHUDI, Johann Jakob von. *As Colônias de Santa Catarina*. Apresentação e Anotação por Walter Fernando Piazza. Blumenau: CNPq; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.

WAIBEL, Leo. *Princípios da Colonização Européia no sul do Brasil*. **Revista Brasileira de Geografia**. Ano XI, n.2, Abril – Junho de 1949.

WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no sul do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

_____. *Assimilação e Populações Marginais no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

WEECH, Friedrich von. *A agricultura e o comércio do Brasil no sistema colonial*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WOLFF, Cristina Scheibe e FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição*. In: Os Alemães no sul do Brasil; cultura, etnicidade e história. Canoas: Editora da ULBRA, 1994.

WORSTER, Donald. *Para Fazer História Ambiental*. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, vol. 8, 1991/2.

VASQUEZ, Pedro Karp. *Fotógrafos alemães no Brasil do Século XIX*. São Paulo: Metalivros, 2000.

ZOELLER, Hugo. *Os alemães na floresta brasileira*. **Revista Blumenau em Cadernos**. Fundação Cultural de Blumenau, Vol. 5, 1990.

FONTES

- Terceiro Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.45/46. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin.
- Quinto Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin. p.68
- Sexto Relatório da Sociedade Colonizadora da Hamburgo de 1849. p.80. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin.
- Nono Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.13/14. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin.
- Décimo Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.42/43. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin.
- Décimo terceiro Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.13/14. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin
- Décimo quarto, décimo quinto e décimo sexto relatórios da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. Livro II. p.43, 54 e 64. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin.
- Décimo sexto Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.13/14. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin
- Vigésimo Quarto Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.13/14. **Acervo:** AHJLLE – Trad. Helena Richlin.
- *Quadro estatístico do ano de 1861.* **Acervo:** Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.14 141
- *Mapa estatístico da Colônia Blumenau do ano de 1868.* **Acervo:** Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332.
- *Mapa estatístico da Colônia Blumenau sobre o fim de 1877.* **Acervo:** Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668.
- *Quadro estatístico do ano de 1861.* **Acervo:** Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.14 141.

- *Mapa demonstrativo da situação, origem e condições da Colônia Blumenau referentes ao ano de 1880. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859.*
- *FALA DIRIGIDA Á ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 21 DE MARÇO DE 1875 PELO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1875. p.93. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.*
- *RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, O DOUTOR ALEXANDRE RODRIGUES DA SILVA CHAVES, APRESENTADO Á ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL NA 2.a SESSÃO DA 12.a LEGISLATURA EM 1.o DE MARÇO DE 1865. SANTA CATARINA, TYP. CATHARINENSE DE ÁVILA 4 RODRIGUES, 1865. p.25. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.*
- *RELATÓRIO APRESENTADO AÁ ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA NA 2.a SESSÃO DE SUA 26.a LEGISLATURA, PELO PRESIDENTE, FRANCISCO JOSÉ DA ROCHA, EM 11 DE OUTUBRO DE 1887. RIO DE JANEIRO, TYP. UNIÃO DE ^aM COELHO DA ROCHA & C., 1888. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.*
- *RELATÓRIO COM QUE O EXM. SR CORONEL MANOEL PINTO LEMOS, 1.o VICE-PRESIDENTE, PASSOU A ADMINISTRAÇÃO DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, O DR. JOSÉ LUSTOSA DA CUNHA PARANAGUÁ, EM 22 DE JUNHO DE 1885. CIDADE DE DESTERRO, TYP. DO “JORNAL DO COMÉRCIO”, 1885. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.*
- *MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA BLUMENAU DO ANO DE 1873 IN: FALA DIRIGIDA Á ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 25 DE MARÇO DE 1874 PELO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1874.*

Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

- *MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA ITAJAHY – BRUSQUE DO ANO DE 1867 IN: RELATÓRIO APRESENTADOS Á ASSEMBLEIA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA, NA SUA SESSÃO ORDINÁRIA, E O 1.º VICE-PRESIDENTE , COMENDADOR JOSÉ DE OLIVEIRA, POR OCASIÃO DE PASSAR-LHE A ADMINISTRAÇÃO O PRESIDENTE ADOLPHO DE BARROS CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE NO ANO DE 1868. RIO DE JANEIRO, TYP. NACIONAL, 1868.*

Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004

- *RELATÓRIO APRESENTADO Á ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA NA 2.ª SESSÃO DE SUA 26.ª LEGISLATURA, PELO PRESIDENTE, FRANCISCO JOSÉ DA ROCHA, EM 11 DE OUTUBRO DE 1887. RIO DE JANEIRO, TYP. UNIÃO DE M COELHO DA ROCHA & C., 1888.*

Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

- RELATÓRIO DO VICE-PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, DR. GUILHERME CORDEIRO COELHO CINTRA, APRESENTADO Á ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL EM 25 DE MATÇO DE 1872. CIDADE DE DESTERRO, 1872.<<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

- RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1868. p.30. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004

- *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1871. p. 31* Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

- *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1879. p.111.* Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004

- *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1874*. p. 273 Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.
- *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1873*. p. 35 Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.
- *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1881*. 75/76. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.
- *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1868*. p. 30. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.